

ALESSANDRA DA SILVEIRA BEZ

**O PAPEL DO LINGUÍSTICO PARA A CONSTRUÇÃO DE SENTIDO:
A TRADUÇÃO DO DISCURSO CIENTÍFICO**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Leci Borges Barbisan

Porto Alegre
2009

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, professora Leci Borges Barbisan, pelo conhecimento, pela competência, pela amizade, e especialmente por guiar meus passos no desenvolvimento deste trabalho;

À coordenação, professores e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS;

Ao CNPq por ter concedido a bolsa de estudos para que eu me dedicasse integralmente a este trabalho;

Aos meus colegas e amigos, especialmente os integrantes do Núcleo de Estudos do Discurso, pelas discussões teóricas e pelas trocas de experiência;

À minha família: meu pai Gerson e minha mãe Marina, meus eternos heróis, fontes de amor, dignidade e companheirismo, e aos meus irmãos Cassio e Andressa, meus “gêmeos” queridos, lindos, encantadores: agradeço profundamente pelo carinho e apoio.

Às minhas avós, Leda e Osvaldina que, mesmo não estando mais entre nós, iluminaram minha caminhada.

Graças a vocês, realizo mais um sonho.

Trago dentro do meu coração,
Como num cofre que se não pode fechar de cheio,
Todos os lugares onde estive,
Todos os portos a que cheguei,
Todas as paisagens que vi através de janelas ou vigias,
Ou de tombadilhos, sonhando,
E tudo isso, que é tanto, é pouco para o que eu quero.

Fernando Pessoa

RESUMO

A proposta deste trabalho é estudar os desvios de tradução em textos científicos segundo a Teoria da Argumentação na Língua (ANL), especificamente a sua fase atual, a Teoria dos Blocos Semânticos (TBS), de autoria de Oswald Ducrot e colaboradores e a Teoria da Tradução, de Rosemary Arrojo. Nosso objetivo é constatar e explicar o fenômeno linguístico *desvios de tradução em textos científicos* segundo uma abordagem semântica, ou seja, que leve em conta os aspectos que constituem o sentido do texto em francês e da sua respectiva tradução em português. Partimos de diferentes desvios de tradução - incompatibilidade lexical, incompatibilidade de articulador, incompatibilidade terminológica, incompatibilidade de referência, incompatibilidade de modalidade e omissão de três tipos de informação: frase, léxico e articulador - e pudemos verificar que os problemas estão estritamente ligados às marcas enunciativas, à forma como o tradutor lê e compreende o texto do autor. Com a Teoria da Argumentação na Língua e a Teoria da Tradução, que usamos para analisar os diversos trechos de textos, realizamos um estudo que buscou explicar o fenômeno linguístico através da articulação língua e fala, dupla definidora da constituição de sentido.

Palavras-chave: Desvios de Tradução. Teoria da Argumentação na Língua. Teoria dos Blocos Semânticos. Argumentação. Cultura.

RÉSUMÉ

Ce travail se propose d'étudier les écarts de traduction dans des textes scientifiques à partir de la Théorie de l'Argumentation dans la Langue (ADL), spécifiquement dans sa phase actuelle, la Théorie des Blocs Sémantiques (TBS), créée par Ducrot et ses collaborateurs, et suivant aussi selon la Théorie de la Traduction, de Rosemary Arrojo. Notre objectif est de constater et d'expliquer le phénomène de linguistique *défauts de traduction dans des textes scientifiques* selon une approche sémantique qui prend en compte les aspects qui composent le sens du texte en français et de sa traduction en portugais. Nous avons identifié des défauts de traduction, tels que: l'incompatibilité lexicale, l'incompatibilité de articulateur, l'incompatibilité terminologique, l'incompatibilité de référence, l'incompatibilité de modalité et l'omission de trois types d'information : la phrase, le lexique et l'articulateur et nous avons pu vérifier que les problèmes sont strictement dûs aux marques énonciatives, c'est-à-dire, la forme de lire et de comprendre le texte de l'auteur par le traducteur. Avec la Théorie de l'Argumentation dans la Langue et la Théorie de la Traduction, que nous avons utilisés pour analyser les énoncés traduits, nous avons mené une étude dans le but d'expliquer le phénomène linguistique, à travers l'articulation entre la langue et la parole qui définissent la constitution du sens.

Mots-clef : Écarts de Traduction. Théorie de L'Argumentation dans la Langue. Théorie des Blocs Sémantiques. Argumentation. Culture.

LISTA DE ABREVIATURAS

ADL – Argumentation dans la Langue

ANL - Argumentação na Língua

AE – Argumentação externa

AI – Argumentação interna

CON - Conector

DC – Donc

E – Enunciador

ET – Então

HE - Hipóteses externas

HI - Hipóteses internas

NE – No entanto

P – Enunciado positivo

P' – Enunciado negativo

PT – Pourtant

TBS – Teoria dos Blocos Semânticos

X/A – primeiro segmento do encadeamento

Y/B - segundo segmento do encadeamento

SUMÁRIO

0	INTRODUÇÃO	8
1	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	10
1.1	O DISCURSO ACADÊMICO-CIENTÍFICO	10
1.2	TRADUÇÃO: UMA TEORIA LINGUÍSTICO-CULTURAL	14
1.3	TEORIA DA ARGUMENTAÇÃO NA LÍNGUA	17
1.3.1	A rejeição do sentido literal	17
1.3.2	Teoria da Argumentação na Língua: conceitos	22
1.3.3	A Teoria dos Blocos Semânticos	25
2	METODOLOGIA	34
3	ANÁLISES.....	36
3.1	DESVIOS DE TRADUÇÃO	36
3.1.1	Trechos 1-2: O problema do paradoxo em uma semântica argumentativa.....	36
3.1.2	Trecho 3: As propriedades linguísticas do paradoxo: paradoxo e negação.....	40
3.1.3	Trecho 4: Pressupostos e subentendidos: a hipótese de uma semântica linguística	41
3.1.4	Trechos 5-13: Análise de textos e linguística da enunciação	43
3.1.5	Trecho 14: Para uma gramática argumentativa da frase: os casos de O e UM	58
3.1.6	Trecho 15: Descrição argumentativa e descrição polifônica: o caso da negação	60
3.1.7	Trechos 16-31: A pressuposição na descrição semântica	61
3.1.8	Trechos 32-56: A noção de pressuposição: apresentação histórica	83
3.2	DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	110
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	116
	REFERÊNCIAS	119
	CURRICULUM LATTES (Plataforma LATTES CNPq)	123

0 INTRODUÇÃO

Com esta dissertação, nosso objetivo é realizar um estudo sobre *desvios de tradução em textos científicos*, especificamente textos da semântica linguística, utilizando a Teoria da Argumentação na Língua, de Oswald Ducrot e colaboradores, assim como a Teoria da Tradução, de Rosemary Arrojo. Pretende-se mostrar como o sentido é construído no texto original a partir do discurso e através dele constatar e explicar desvios semânticos nos textos traduzidos, propondo uma tradução adequada.

Nosso dia a dia está permeado por enunciados que envolvem tradução: músicas estrangeiras que estão em nossa cabeça em um clique estão traduzidas na Internet, filmes possuem legendas de diversos idiomas, inglês, francês, espanhol, entre outros. Livros consagrados e aclamados pelo público também são alvos da tradução. Como podemos observar, a tradução acompanha a vida de todos nós. É a partir dessas reflexões sobre a importância da tradução que desenvolvemos este trabalho, voltando nosso foco para os desvios de tradução em textos científicos, tendo como fundamentação a Teoria da Argumentação na Língua desenvolvida por Oswald Ducrot e colaboradores e a Teoria da Tradução, de Rosemary Arrojo.

Segundo levantamento realizado sobre trabalhos cujo tema versa sobre os desvios de tradução em textos científicos, concluímos que existem várias análises sobre o tema, mas nenhuma delas baseia-se em uma teoria para explicar tais desvios, são apenas suposições. Por isso, acreditamos que este trabalho sobre os desvios de tradução em textos científicos à luz da Semântica Argumentativa e da Teoria da Tradução insere-se nos estudos linguísticos, pois apresenta uma perspectiva inovadora, que busca essencialmente dentro da língua o sentido do enunciado.

A ANL foi escolhida porque ela busca o sentido na linguagem por ela mesma. Além disso, a teoria faz a articulação entre a língua e a fala, ou seja, entre o sistema e o seu uso. A Teoria da Tradução de Arrojo também foi fundamental porque a autora toma o texto como *'palimpsesto'* e afirma que para uma tradução ser eficaz, o tradutor precisa ter o domínio das duas línguas, ter conhecimentos culturais e apropriar-se da terminologia de cada texto. Um estudo sobre tradução deve basear-se em estudos teóricos que fundamentem as reflexões.

A ANL, em sua fase atual, a TBS, afirma que a argumentação está no linguístico, fornecendo, assim, as ferramentas necessárias para que a compreensão de sentido seja realizada: conceitos como argumentações externas e internas ao léxico e ao enunciado e polifonia, na identificação dos enunciadores e na relação do locutor com esses enunciadores, assim como o levantamento dos encadeamentos que subjazem ao discurso na busca das argumentações realizadas

pelo locutor. Essa teoria foi escolhida também por considerar o uso da língua e a relação, visto que nada na língua se constrói de forma isolada, tudo está relacionado, palavras, frases, parágrafos... E em textos traduzidos, essa noção é essencial.

O *corpus* que compõe este trabalho compreende textos científicos de Oswald Ducrot e colaboradores sobre a semântica linguística. Essa escolha justifica-se pelo fato de muitos acadêmicos usarem textos traduzidos desse linguista francês para seus estudos e também pelo fato de ser fascinante a ideia de aplicar a ANL nos próprios textos do autor.

Com isso, retomamos nossos objetivos traçados quando da elaboração do projeto para esta pesquisa, bem como as questões que nortearam a busca pelos resultados. Constituimos objetivos para esta pesquisa: verificar a construção de sentido do texto traduzido a partir da Semântica Linguística e da Teoria da Tradução, mostrando que essas duas teorias podem colaborar para o trabalho do tradutor, e analisar que recursos o tradutor utiliza para mostrar o sentido no texto traduzido, a literalidade ou a interpretação. As questões norteadoras que guiaram nosso trabalho, são as perguntas que nós fizemos, e para as quais procuramos uma resposta: como a ANL recupera os sentidos em textos científicos traduzidos? De que forma a Semântica Linguística e a Teoria da Tradução constroem o sentido no texto traduzido? Como essas duas teorias contribuem para o ofício do tradutor?

O percurso traçado por este trabalho, desde suas bases teóricas até a definição dos resultados, assumiu a seguinte estrutura: iniciamos com um capítulo chamado **Fundamentação Teórica**, que tem três partes: a primeira se intitula **O discurso acadêmico-científico**, em que apresentamos as características linguísticas e estruturais de um texto acadêmico, a segunda, **Tradução: uma teoria linguístico-cultural**, mostra que os conhecimentos linguísticos, terminológicos e culturais são fundamentais para uma boa tradução e a terceira, **A Teoria da Argumentação na Língua**, traz os conceitos que compõem essa teoria semântico-linguística.

No segundo capítulo, descrevemos a **metodologia** usada neste trabalho para a realização das **análises** do nosso *corpus*, que compõe o capítulo três. E, finalmente, no quarto capítulo, apresentamos nossas **considerações finais**, fruto de um longo tempo de estudo diante do nosso objeto de estudo, tão complexo e singular: os desvios de tradução em textos científicos.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 O DISCURSO ACADÊMICO-CIENTÍFICO

Para elaborarmos uma proposta sobre gênero acadêmico-científico baseada na semântica linguística, ou seja, na descrição de um sentido dentro do linguístico, pensamos que é importante, primeiramente, definirmos o que é gênero, de acordo com a perspectiva bakhtiniana.

Para Bakhtin (1992, p. 277), todas as esferas da atividade humana estão sempre relacionadas com a utilização da língua. Esse uso da língua se efetua em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes de uma ou outra esfera da atividade humana. O enunciado mostra as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas: conteúdo temático, estilo verbal e construção composicional. Esses três elementos convergem para o todo do enunciado e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Vê-se, então, que qualquer enunciado considerado isoladamente, é individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, que são os gêneros do discurso. Cada esfera dessa atividade se diferencia e se amplia à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa.

A partir das três características que formam um gênero, condições específicas, estilo e construção composicional, Bakhtin (1992) afirma que o estudo da natureza do enunciado e da diversidade dos gêneros do enunciado nas diferentes esferas da atividade humana são fundamentais para os estudos da área de linguística, porque um trabalho de pesquisa com um material linguístico concreto lida com enunciados concretos que se relacionam com as diferentes esferas da atividade e da comunicação. É necessário que se tenha uma concepção clara da natureza do enunciado em geral e dos vários tipos de enunciados em particular, ou seja, dos diversos gêneros do discurso, para que uma pesquisa seja bem sucedida. Não levar em consideração a natureza do enunciado e as particularidades de gênero que marcam a variedade do discurso em qualquer área do estudo linguístico é condená-lo ao formalismo e à abstração. Com essa perspectiva, é necessário compreendermos como o gênero acadêmico-científico se constitui, visto que ele apresenta características e funções bem específicas.

Sabemos que o homem, pela sua própria existência, necessita atribuir significações ao mundo em que vive. Com isso, ele cria intelectualmente representações significativas da realidade. Essas representações podem ser definidas como conhecimento e podem ter diferentes vertentes: mítica, ordinária, artística, filosófica, religiosa e científica (Köche, 2002). Como visto nos

parágrafos anteriores, abordaremos o gênero acadêmico-científico, já que é esse tipo de texto que será utilizado em nosso *corpus* de análise.

O gênero acadêmico-científico pode ser representado, para alguns estudiosos, de forma caricata, pois se tem a imagem ingênua de que a ciência busca técnicas de investigação para serem aplicadas em qualquer problema, garantindo a verdade científica e eliminando falhas. Percebemos que a ciência não apresenta verdades absolutas, mas explicações provisórias que dão ao conhecimento científico um estado hipotético permanente.

De acordo com Köche (2002), podemos definir um gênero acadêmico-científico como um conjunto de procedimentos não padronizados adotados pelo investigador, orientados por postura e atitudes críticas adequados à natureza de cada problema investigado. Assim, elaborar um discurso de caráter científico é produzir de forma crítica o conhecimento científico, levantando hipóteses bem fundamentadas e estruturadas em sua coerência teórica (verdade sintática) e possibilitando serem submetidas a uma crítica severa (verdade semântica) avaliada pela comunidade científica (verdade pragmática). Nota-se que não há somente uma verdade, mas três. Mesmo assim, elas não são suficientes para demonstrar a verdade de determinado enunciado, justificando a aceitação como um resultado certo, infalível.

Percebe-se, então, que o conhecimento científico é falível, pois o investigador pode elaborar hipóteses inadequadas, não planejar de forma adequada os testes de suas hipóteses, assim como não perceber provas contrárias, gerando conclusões impróprias. Pode-se constatar, assim, que essa falibilidade existe porque o conhecimento científico é uma retomada constante das teorias e problemas do passado e do presente, através da crítica severa e sistemática. Por esse sistema diacrônico, percebe-se que o conhecimento científico não cristaliza resultados das pesquisas, mas os considera eternas hipóteses que precisam de constante investigação e revisão crítica intersubjetiva. Através da citação de Köche (2002) podemos compreender qual é a proposta do conhecimento científico:

O conhecimento científico é, pois, o que é construído através de procedimentos que denotem atitude científica e que, por proporcionar condições de experimentação de suas hipóteses de forma sistemática, controlada e objetiva e ser exposto à crítica intersubjetiva, oferece maior segurança e confiabilidade nos seus resultados e maior consciência dos limites de validade de suas teorias (KÖCHE, 2002:37).

Nota-se, então, que para a construção do texto acadêmico, é necessário ter claro quais são os limites e limitações das teorias com as quais se trabalha. A teoria não serve apenas para explicar o quanto as hipóteses são plausíveis, mas para elaborar os instrumentos e as técnicas de pesquisa e os

parâmetros que interferem na interpretação dos dados. Tomemos como exemplo Saussure e Ducrot. Enquanto o linguista genebrino elabora uma linguística do sistema (língua), o teórico francês articula língua e fala, mostrando o uso a partir da língua. Nenhuma das duas teorias é melhor do que a outra, apenas são pontos de vista distintos. O conhecimento científico torna-se, então, uma constante busca por respostas e, ao encontrá-las, o pesquisador se depara com novos questionamentos e hipóteses.

Após abordarmos o gênero acadêmico-científico, desmistificando a ideia de que toda ciência é objetiva e apresenta verdades absolutas, descartando a subjetividade, pensamos que é relevante mostrarmos algumas convencionalidades desse gênero. Visto que a forma é constituinte do sentido, eis aqui a estrutura do texto acadêmico científico proposta por Magda Alves (2007). Para a autora o texto científico estrutura-se em três partes: introdução, desenvolvimento e conclusão. Antes de abordar o que essas três partes devem conter, Alves (2007) aponta alguns aspectos formais do gênero acadêmico-científico: o título e o subtítulo, se houver; o autor do texto, seguido de um indicador numérico para informar, em rodapé, sua titulação; o resumo ou abstract, que constitui uma apresentação concisa e seletiva do trabalho.

A introdução tem por finalidade apresentar o assunto ao leitor e colocá-lo a par da relevância do tema, e indicar qual o método que foi utilizado para elaborar as ideias. Para Alves (2007), a introdução deve definir o assunto/tema que foi tratado, situar o assunto em relação ao tempo, à relevância do problema, à contribuição que tal assunto traz para a sociedade e para o ser humano, situar o assunto no espaço geográfico, estabelecer os objetivos do trabalho e as questões de estudo levantadas, apresentar a metodologia de busca da solução do problema e mostrar como o texto está organizado.

Considerando os aspectos linguísticos, Alves afirma que a impessoalidade no texto, ou seja, o uso da terceira pessoa do singular na voz ativa, é permitida pela comunidade científica. Como sabemos que todo texto, independente do gênero, apresenta um caráter subjetivo, admite-se usar a primeira pessoa do plural (*Prendemos, neste estudo...*) e a primeira pessoa do singular (*Eu pretendo, nesse estudo*). Sabemos que essa última ocorrência é menos usual, mas não está incorreta. A autora salienta ainda que é necessário evitar termos imprecisos, vagos, ambíguos, e ao utilizar uma terminologia técnica, explicar o sentido de forma que deixe claro para o leitor.

Considerando o desenvolvimento, sabe-se que ele é o corpo do trabalho. Geralmente é apresentado de forma descritiva e tem a finalidade de expor e demonstrar o objeto de estudo. Além disso, as proposições devem estar relacionadas, mostrando coerência entre as ideias. Para que a construção seja promissora, é preciso que o autor evite generalizações (“todos sabem que”, “alguns autores afirmam”, “geralmente...”). Não usando frases muito longas, palavras supérfluas,

pedantismos, gírias na argumentação (marca do uso da língua), aumentativos, diminutivos e superlativos, tem-se homogeneidade de estilo e texto estritamente acadêmico.

A conclusão, por sua vez, constitui a fase final do processo de elaboração do texto científico, que teve início na introdução. É também um momento de recapitulação das conclusões a que o autor chegou em cada parte do desenvolvimento. Deve obter também a análise das hipóteses, conclusões a que o autor chegou ao longo de sua busca. A comunicação dos resultados é imprescindível e necessita ter uma relação estreita com os objetivos perseguidos e com as questões levantadas. Ideias novas não devem ser colocadas, elas devem ser fruto de outra pesquisa científica. A última parte que identifica um texto como sendo científico é a inclusão de referências, que fornece todas as indicações detalhadas sobre as fontes e documentos, entre outros elementos utilizados para a elaboração do texto.

Percebe-se, dessa forma, que um texto acadêmico apresenta características bem determinadas: toda hipótese deve ser fundamentada por uma teoria, que é permeada por conceitos que a definem e a distingue de outras. Além de conceitos, uma teoria apresenta marcas linguísticas bem específicas representadas pelos termos técnicos. A comunidade científica deve ter o domínio da teoria, dos conceitos e dos termos técnicos para que a pesquisa tenha um caráter acadêmico.

Com as características peculiares do gênero acadêmico-científico, pensamos que uma perspectiva tradutória é fundamental, pois analisaremos textos traduzidos e seus possíveis desvios de sentido.

1.2 TRADUÇÃO: UMA TEORIA LINGUÍSTICO-CULTURAL

Para compreender o que é tradução, Arrojo, em seu livro *Oficinas de Tradução*¹ (1986), posiciona-se contra os teóricos que defendem o processo de tradução como transferência ou substituição. J.C.Catford (apud Arrojo, 1986) o conceitua como a substituição do material textual de uma língua pelo material equivalente em outra. Eugene Nida (apud Arrojo, 1986) desenvolve essa ideia afirmando que algumas palavras “carregam” vários conceitos e outras têm que se juntar para conter apenas um, comparando as palavras de uma sentença a uma fileira de vagões de carga.

Nida sugere o controle de conteúdo das palavras até que a transposição na íntegra para um outro conjunto de vagões seja garantida. Notamos que essa visão tradicional mostra o ato de traduzir como um transporte de significados entre língua A e língua B, em que o texto original apresentaria sentidos fixos e completos. Dessa forma, o tradutor assume uma função mecanicista, isto é, transporta a carga de significados de forma intacta, não interferindo nela ou interpretando-a. Assim, temos os três princípios básicos para uma boa tradução, sugeridos por um de seus teóricos pioneiros, Alexandre Fraser Tytler:

- 1 – a tradução deve produzir em sua totalidade a ideia do original
- 2 – o estilo da tradução deve ser o mesmo do original e
- 3- a tradução deve ter toda a fluência e a naturalidade do original

Arrojo (1986) contesta esses princípios e os desmistifica na obra de Jorge Luis Borges, intitulado *Pierre Menard, autor del Quijote*.² Conforme o narrador explica ao longo do livro, Menard tinha o objetivo de repetir na íntegra o texto escrito por Cervantes a fim de buscar a interpretação e o controle total sobre o texto. Menard tem uma ideia de tradução e de leitura semelhante à de Catford e Nida: o significado de uma palavra é independente do contexto linguístico em que está inserida.

Arrojo sugere, a partir daí, que traduzir não é transferir significados estáveis de uma língua para outra porque o próprio sentido de uma palavra, ou de um texto na língua fonte só pode ser determinado, de forma provisória, através de uma leitura. Por isso, a transferência total de significado não é possível porque o significado do texto fonte depende do contexto linguístico e extralinguístico em que ocorre e da leitura realizada pelo tradutor. Arrojo desconstrói a ideia de que o texto é um conteúdo depositado e mantido sob controle e constrói a imagem do texto-*palimpsesto*,

¹ A teoria da tradução desse livro partiu de teorias textuais geralmente rotuladas de “pós-estruturalistas”. Entre os autores mais influentes, incluem-se Roland Barthes, Jacques Derrida e Stanley Fish.

² O conto é apresentado como uma resenha póstuma das obras de Pierre Menard (personagem fictício criado por Borges), um homem de letras francês que viveu na primeira metade do século XX. O narrador é um crítico literário que enumera a obra “visível” de Menard; o narrador nos apresenta 19 obras, entre elas mono grafias, traduções, análises e alguns poemas.

em que o texto se apaga em cada comunidade cultural e em cada época, para dar lugar a outra escritura (ou interpretação, ou leitura, ou tradução) do “mesmo texto”. Assim, o texto de *Dom Quixote*, ilustrado pelo conto de Borges, não pode ser definido como um conjunto de significados estáveis e imóveis, eternizados nas palavras de Miguel de Cervantes, mas sim múltiplas leituras, interpretações, *palimpsestos*. Dessa forma, a tradução jamais protege os sentidos “originais” de um autor, mas assume a condição de produtora de significados.

Ao afirmar que a tradução é uma atividade essencialmente produtora de significados e que o ofício do tradutor e o do escritor de textos “originais” possui o mesmo grau de complexidade, evidencia-se que traduzir é uma tarefa árdua. A teórica diz ainda que esse escultor da linguagem deve ter o domínio das línguas envolvidas no processo e que aprender a traduzir é também uma forma de aprender a ler:

... aprender a ler significa, portanto, aprender a produzir significados a partir de um determinado texto, que sejam aceitáveis para a comunidade cultural da qual participa o leitor. (ARROJO, 1986:76)

Arrojo afirma ainda que o tradutor aprendiz, além de aprender a ler cuidadosamente, deve aprender a escrever. Escrever e traduzir são, dessa forma, operações conjuntas: ao traduzir o tradutor reflete a leitura feita a partir do original; conseqüentemente o texto traduzido será texto de partida para a construção de outras leituras para um público que não tem acesso ao original, ou mesmo tendo acesso, não domina a língua fonte.

Percebemos, até agora, como a leitura e a escrita adequada são ferramentas fundamentais para que o tradutor faça um bom trabalho. Mas Arrojo reitera também que ele deve ter conhecimento a respeito das teorias e dos estudos sobre tradução para que compreenda e reflita criticamente sobre a natureza de seu trabalho para que tenha recursos que o ajudem nessa árdua tarefa. Para a autora, cada tradução exige do tradutor a capacidade de confrontar áreas específicas de duas línguas e de duas culturas diferentes e esse confronto é único, irrepetível, pois suas variáveis são imprevisíveis.

Considerando o texto científico, Arrojo (1986) aplica a mesma ideia explicitada anteriormente: para que o tradutor consiga lê-lo de forma apropriada, é necessário que ele saiba dos pressupostos e das concepções científicas da comunidade que o produziu, assim como as convenções que devem guiar sua leitura. Se o tradutor não tiver o domínio dos conceitos e das terminologias de uma determinada ciência, ocorrerá certamente problema de tradução, podendo ocasionar desvios de sentido. Dessa forma, podem surgir diversas interpretações, caracterizando má compreensão da ideia proposta pelo texto original.

Percebe-se, a partir daí, que, além do conhecimento das duas línguas e da prática de leitura, a informação (tanto a comum como a científica) é também uma forte aliada do tradutor: quanto mais bem informado ele for, quanto mais conhecedor ele for da obra do escritor que ele pretende traduzir, mais bem-sucedidas serão sua leitura e sua tradução.

Como esta dissertação aborda os desvios de sentido nos textos traduzidos, pensamos que é fundamental um aparato teórico da tradução baseado em uma concepção linguístico-cultural, que aborda não só os conhecimentos linguísticos da língua fonte e da língua alvo, mas também seus diferentes aspectos culturais determinantes em alguns casos para a construção de sentido em um enunciado. Traduzir não é transferir significados de uma língua fonte para uma língua alvo, mas é transformar uma língua em outra, um texto em outro, produzindo sentidos.

Notamos que a concepção semântico-argumentativa de Oswald Ducrot se torna necessária para reajustar esses desvios, pois trata da língua em uso. A Teoria da Argumentação na Língua busca o sentido da língua em uso nas relações estabelecidas no discurso, e não no mundo exterior. Para compreendermos a Teoria da Argumentação na Língua e a fase atual, a Teoria dos Blocos Semânticos, precisamos abordar alguns conceitos básicos apresentados nas seções seguintes.

1.3 A TEORIA DA ARGUMENTAÇÃO NA LÍNGUA

Nesta seção, abordaremos a Teoria da Argumentação na Língua, a relação entre as palavras e, a partir daí, a construção do sentido. Pensamos que com uma teoria semântico-linguística, podemos recuperar sentidos e também solucionar desvios de tradução. Para que possamos expor os conceitos que a compõem e explicam sua natureza semântico-linguística, pensamos que é necessário mostrar primeiramente por que Ducrot rejeita o sentido literal, caracterizado pela sua preexistência ao uso, e pelo seu sentido fixo, constante, imutável. As recusas, as rejeições também são importantes para a compreensão da teoria, pois elas revelam o desenvolvimento de um pensamento que está em permanente elaboração há quase trinta anos.

1.3.1 A rejeição do sentido literal

Nosso estudo apresenta como uma de suas bases teóricas a Teoria da Argumentação na Língua (atualmente denominada ANL), de Oswald Ducrot, Marion Carel e estudiosos. Por ser uma teoria semântico-linguística, a ANL preocupa-se em buscar o sentido a partir do uso da língua, rejeitando o sentido literal, que se caracteriza pela preexistência ao uso e pela invariância de sentido. Verificamos que, se compreendermos qual é a concepção tradicional de sentido, conseguiremos depreender as razões pelas quais a literalidade é combatida pelo linguista francês.

Karl Bühler defende que o sentido de um enunciado é possível a partir de três relações: a objetividade, a subjetividade e a intersubjetividade. Para o linguista alemão, a objetividade é a representação da realidade, enquanto a subjetividade indica a atitude do locutor diante dela e a intersubjetividade diz respeito às relações do locutor com as pessoas a quem se dirige. Ducrot contesta essas relações em *Polifonía y Argumentación* (1990), a partir do exemplo seguinte:

(1) *Pedro é inteligente*

Nesse enunciado, a objetividade é expressa pela descrição de Pedro, a subjetividade se marca pela admiração do locutor por Pedro e a intersubjetividade se constitui no jogo linguístico estabelecido entre o locutor que pede ao interlocutor que se posicione em relação ao comportamento de Pedro.

Ao rejeitar a objetividade como formadora do sentido, Ducrot afirma que a língua em uso não apresenta características objetivas e nem dá acesso direto à realidade; somente a subjetividade e a intersubjetividade são capazes de semantizar a língua. Ducrot diz ainda que a objetividade é ilusória, pois a descrição semântica somente acontece pela expressão de uma atitude e de uma

situação de fala entre o locutor e o interlocutor. A subjetividade e a intersubjetividade reunidas formarão o valor argumentativo das palavras. Esse valor argumentativo pode ser definido como a orientação que uma determinada palavra dá ao discurso, ou seja, o linguístico fornece ao discurso quais continuações são possíveis e quais não são. Delimitando essa concepção, podemos afirmar que o valor argumentativo de uma palavra é o conjunto de possibilidades ou impossibilidades de continuação de determinada palavra. No enunciado 1 *Pedro é inteligente* orienta para algumas continuações discursivas: *então ele vai conseguir resolver o problema;* ou *logo ele passará no exame*, dentre outras possibilidades. Se quiséssemos afirmar que apesar de sua inteligência, Pedro não conseguirá solucionar algo ou não obterá êxito no exame, usaremos o conector *mas*. O valor argumentativo se torna, portanto, fundamental para a descrição semântica. Se analisássemos o enunciado *Pedro é inteligente* pelo sentido literal, veríamos que seria necessário recorrer à objetividade, ou seja, à representação da realidade para que o sentido seja recuperado. O sentido literal, de acordo com a concepção ducrotiana, é uma espécie de significação mínima presente em todas as palavras da língua, fruto da observação de tal palavra em diversos contextos. A partir da observação, poder-se-ia criar um conceito que integraria o sentido do enunciado, e essa palavra manteria esse sentido mínimo ao qual somente se adicionaria algo dependendo da situação de uso. Ao rejeitar o sentido literal, Ducrot assume a postura de que as entidades linguísticas têm uma significação constituída por instruções. Essas instruções relacionam a língua e o seu uso, visto que elas indicam que sentido deve ser buscado em determinado enunciado. Percebe-se, então, que o sentido não pode ser pré-definido, ele dependerá da situação de uso e do que o locutor pretende dizer.

Com isso, podemos nos perguntar: será que o tradutor, ao usar dicionários da língua fonte e da língua alvo está recorrendo ao sentido literal? Para responder a essa pergunta, utilizaremos léxicos da língua francesa e da língua portuguesa, língua fonte e língua alvo do nosso estudo, como: *beauté* e beleza.

De acordo com o dicionário *Le Robert (2006)*, dicionário de língua francesa, temos os seguintes sentidos, expressos logo abaixo:

Beauté [bote]n.f. **I. 1.** Caractère de ce qui est beau./contr. **Laideur**/ *La beauté d'un paysage, d'un poème.* – **DE TOUTE BEAUTÉ** : remarquable par sa beauté. – Fam. **Terminer**EN BEAUTÉ :de façon remarquable. **2.** Qualité d'une personne belle. *Dans tout l'éclat de sa beauté. Un institut, des produits de beauté.* – *La beauté du diable*, la beauté que donne la jeunesse à une personne qui n'a pas d'attraits réels. – *Être en beauté*, paraître plus beau, plus belle que d'habitude. – Fam. *Se faire, se refaire une beauté*, se coiffer, se farder. *Elle s'est refait une beauté avant de partir.* **3.** *Une beauté*, une femme très belle. **4.** N.f. pl. Littér. **BEAUTÉS.** Les belles choses, les beaux détails (d'un lieu, d'un oeuvre ...) *Les beautés du paysage.* **II.** Caractère de ce qui est moralement admirable. *La beauté d'un sacrifice. Par la beauté du geste.*

Podemos constatar no dicionário de língua francesa algumas informações, como o sentido, a transcrição fonética e os aspectos gramaticais. Assim, vemos que os lexicógrafos desse dicionário utilizam a língua, as suas normas e regras para compô-lo. As duas acepções principais mostram sentidos³ distintos e isso é exposto de diferentes formas: a primeira (I - 1-4) apresenta o antônimo do substantivo *beauté*, segundo a gramática tradicional⁴, e após várias acepções com exemplos para facilitar a depreensão de sentido pelo usuário. A segunda acepção apresenta apenas um sentido e algumas frases⁵ para a elucidação do leitor.

Notamos, com essas observações, que o dicionário de língua francesa *Le Robert* trata do sistema, ou seja, recorre a usos cristalizados, regularidades da língua para ter diferentes acepções. Dessa forma, têm-se alguns sentidos do uso (lê-se fala) dentro do dicionário.

Direcionamo-nos, agora, à tradução da palavra *beauté*, em que um dos sentidos possíveis em português seria *beleza*, e para isso utilizamos *Aurélio, dicionário da Língua Portuguesa* (2008):

be.le.za (ê) *sf.* 1. Qualidade de belo. 2. Pessoa bela. 3. Coisa bela, muito agradável, ou muito gostosa.

Verificamos na entrada do dicionário em português algumas características em comum com o *Le Robert*: temos a classificação gramatical do substantivo (*sf*) e algumas acepções de sentido. O dicionário *Aurélio* se torna distinto do francês ao marcar a separação silábica e como se deve ler a vogal *e*. Além disso, não há nenhum exemplo para que o usuário desse material possa entender qual o sentido proposto. Notamos também que definir uma palavra através da circularidade não é a forma mais eficaz de esclarecê-la. Sabemos que não existem palavras sinônimas perfeitas e que cada expressão adquire sentido quando está inserida em um contexto linguístico.

Consideremos a expressão *beleza* em um contexto linguístico proposto por Ducrot (1990). Imaginemos uma mãe que vai ao supermercado e deixa seus filhos pequenos sozinhos no apartamento. Quando retorna, ela percebe que um vaso de flores foi quebrado e repreende os filhos, dizendo: *Não fui eu que o quebrei*, querendo dizer claramente que as crianças foram responsáveis pela travessura. Ducrot afirma que, na França, nos tempos mais longínquos, existia a seguinte expressão para marcar a repreensão: *“Ce n’est pas le Saint Esprit qui l’a fait”* (Não foi o Espírito Santo que o fez).

³ Sentido, nesse caso, não é aquele denominado pela semântica linguística, de Oswald Ducrot, mas aquele definido pela Gramática Tradicional, que considera o sentido como um conjunto de regras.

⁴ Consideramos como Gramática Tradicional uma gramática que trata do sistema (a língua) e desconsidera o uso (a fala)

⁵ Frase, nesse caso, tem o sentido da Gramática Tradicional: reunião de palavras que formam sentido completo, sentença, sem a consideração da língua em uso.

Se essa situação fosse analisada por R. Martin, linguista que desconsidera a polifonia em um enunciado irônico, o enunciado da mãe possuiria o seguinte sentido: “É possível que tenha sido eu quem quebrou o vaso de flores”. Conforme vimos, essa argumentação não seria possível, pois os filhos são os responsáveis por terem quebrado o vaso. Utilizando uma análise polifônica, podemos explicar esta estratégia. De acordo com a teoria da negação, temos um enunciador positivo E1 e um E2 negativo. A mãe, portanto, identifica o enunciador absurdo com seus filhos, demonstrando que o único argumento deles para defender-se seria afirmar algo inaceitável. A negação utilizada nesse enunciado atribui ao adversário uma posição impossível de se legitimar.

Esse exemplo mostra a semelhança entre a negação e a ironia e é aqui que aplicaremos a expressão *beleza*. A mãe poderia usar da ironia para repreender os filhos, como vemos: *Que beleza! Então fui eu que quebrei o vaso!* Ao dizer essa mesma ideia em francês “Alors, c’est le Saint Esprit qui l’a cassé”, a própria estrutura linguística precisa ser compreendida necessariamente como irônica. Poderíamos, assim, afirmar que a ironia é uma forma de o locutor dizer o que não pensa ou de o locutor não dizer o que pensa.

Notamos, portanto, que um dicionário pela argumentação na língua deveria apresentar uma palavra em relação com outra em um contexto linguístico específico e seria a instrução⁶ que forneceria o sentido. Vemos, nesse caso, que poucos dicionários contemplam a ironia e essa é uma das milhares de formas que o *locutor*⁷ e o *alocutário* podem usar para enunciar. Acreditamos que uma descrição semântica em linguística é capaz de ajudar o tradutor a não usar somente o dicionário, mas também compreender o sentido no uso da língua.

Ducrot (1987) procura estabelecer uma semântica sintagmática que define o sentido a partir do linguístico e para fundamentá-la nega a premissa da década de 50 em que os semanticistas tentavam definir o sentido das palavras a partir de “elementos mínimos”, constituídos de morfemas e radicais. Percebeu-se que não se conseguiria apreender o sentido isolando elementos mínimos, mas relacionando-os com os outros. Assim, a semântica tinha como base o estudo das relações. Essas modificações visíveis ainda mantinham a semântica aliada ao caráter paradigmático, sendo que a significação de uma expressão se apresentaria como uma espécie de “contribuição” nos discursos em que aparecesse. Explicando melhor:

O que fundamenta esta nova perspectiva⁸ é a observação de que uma descrição da palavra em si mesma dificilmente permitirá compreender a contribuição que ela fornece ao valor semântico global dos enunciados dos quais ela participa: não se vê com facilidade como reconstruir o sentido da frase a partir da significação das

⁶ O conceito *instrução* será explicado na seção 1.3.2.

⁷ Tanto conceito de *locutor* como de *alocutário* serão explicados na seção 1.3.2.

⁸ Por *nova perspectiva* compreende-se *descrição semântica sintagmática*

palavras, se esta última é considerada como um todo em si que não faz já referência à sua introdução possível em enunciados (DUCROT, 1987:46)

Ainda sobre a semântica sintagmática, Ducrot afirma:

O que caracteriza a semântica sintagmática é dar-se ela por tarefa prever a significação dos enunciados e não descrever o sentido das palavras - a descrição das palavras podendo certamente intervir como uma etapa eventual num processo geral de interpretação dos enunciados (DUCROT, 1987: 49)

Para explicar a metodologia aplicada a essa semântica denominada sintagmática, Ducrot cria um método de simulação, que surgiu a partir de Descartes, que organiza a pesquisa conforme duas etapas sucessivas. A primeira etapa isola e observa certos fenômenos que se produzem na natureza independentemente do observador. A segunda etapa constrói uma máquina, material ou abstrata, capaz de reproduzir esses fenômenos. Esse tipo de estudo, baseado na simulação, fez com que as ciências formulassem dois tipos de hipóteses: as hipóteses externas e as hipóteses internas.

As hipóteses externas (HEs) guiam o processo de observação dos dados. Essa observação não pode ser inocente, pois implica um começo de descrição: os dados observados são submetidos a conceitos e essas observações determinam o que é pertinente ou não para o fenômeno, havendo uma adequação desses conceitos.

A segunda hipótese, chamada de hipótese interna (HI), está relacionada à própria construção da máquina. Explicando melhor, as hipóteses internas são conceitos criados para explicar os dados.

Aplicando essas duas hipóteses, pensamos que é possível dizer que as hipóteses externas da semântica linguística tratam do uso da língua e do sentido sob um viés estruturalista e enunciativo, “é a maneira pela qual as frases são interpretadas nas situações particulares em que são empregadas” (DUCROT, 1987: 52). Consideram-se as hipóteses externas da ANL o estruturalismo saussuriano, principalmente os conceitos de língua/fala e a noção de relação assim como as teorias da enunciação. A hipótese estruturalista possibilita uma análise intralinguística, e o objeto de estudo da ANL constitui-se justamente pela língua em uso, que busca o sentido nela própria. As teorias enunciativas tornam-se essenciais, pois Ducrot considera os dados como fruto de uma enunciação, ou seja, a presença de um locutor que transformou a língua (o sistema) em fala (o uso).

As hipóteses internas são os conceitos criados para explicar o uso da língua e seu sentido, entre eles temos: pressuposição, polifonia, encadeamentos. Acreditamos que o levantamento das HIs reformuladas por Ducrot ao longo desses quase 30 anos é uma pesquisa fascinante a ser feita posteriormente.

Na seção seguinte, 1.3.2, abordaremos alguns conceitos fundamentais da Teoria da Argumentação na Língua para que possamos entender não só a semântica linguística ducrotiana, mas para que possamos explicar alguns desvios de terminologia em traduções (ver seção 4).

1.3.2 Teoria da Argumentação na Língua: conceitos

Para Saussure, a língua deve ser considerada um sistema. Por sistema, pode-se compreender que tudo está relacionado entre si, nada é visto de forma isolada. Os conceitos de língua e fala, como vimos na seção 1.3.1, são vistos separadamente pelo linguista genebrino, uma vez que ele queria construir uma ciência. Ducrot, baseando-se no estruturalismo, considera a língua e a fala inseparáveis, e a partir delas procura investigar a união entre língua e discurso. Usando termos ducrotianos, a semântica linguística busca no enunciado o sentido através de instruções do sistema articulado ao uso, ou seja, a língua articulada à fala.

Pensamos que é importante mostrarmos de forma mais clara quais as diferenças entre língua e fala para Saussure e para Ducrot. Saussure compreende a língua como um sistema de signos linguísticos presente no cérebro dos falantes de determinada comunidade, dando-lhe caráter social e homogêneo. A fala, por sua vez, é particular, heterogênea, é a atualização da língua por um indivíduo e sofre interferências psicológicas, sociais, entre outras. Saussure exclui a fala do objeto da Linguística e estuda a língua, pois seu objetivo é a análise intralinguística, explicar a língua por ela própria.

Já o linguista francês entende que a língua é um construto teórico e a fala um conjunto de dados observáveis. Para Ducrot, a língua é formada por um número finito de frases, sendo elas uma série de palavras combinadas de acordo com regras da sintaxe e tomadas fora da situação discursiva. Em *Polifonía y Argumentación*, (1990), Ducrot explica o que é esse número finito de frases e as relaciona com o enunciado. Frase, para o linguista francês, é uma entidade teórica, linguística, uma construção do linguista para explicar o enunciado. Dessa forma, a frase é algo que não pode ser observado, não ouvimos e nem vemos frases. Somente os enunciados podem ser vistos e ouvidos. O enunciado é, dessa forma, uma das múltiplas realizações de uma frase. Explicando melhor, poderíamos afirmar que o enunciado é “uma realidade empírica observável” (DUCROT, 1990:65), uma “ocorrência particular da frase” (DUCROT, 2008:7).

Com as noções de frase e enunciado, podemos afirmar que, do ponto de vista semântico, a frase conduz à significação, formada por instruções que dão indicações de como construir o sentido do enunciado que a realiza. Notamos que a significação é uma das hipóteses internas que vem sendo mantidas por Ducrot, pois ela está contida nas obras *Les mots du discours* (1980), *Le dire et le dit*

(1984), *Polifonia y Argumentación* (1990) e no trabalho recente *Description argumentative et description polyphonique: le cas de la négation* (2008).

Dessa forma, podemos afirmar que a significação é a própria instrução, ou seja, um conjunto de diretivas que permitem interpretar os enunciados da frase. Esses enunciados têm valor semântico, sempre argumentativo. Assim, a significação é aberta e diz o que precisa ser feito para encontrar o sentido do enunciado, conforme a situação de discurso. A instrução pode ser definida como regras, regularidades de que o interpretante precisa para compreender o sentido na ocorrência particular da frase. O sentido é o valor semântico dado ao enunciado e se produz somente quando se obedecem as indicações dadas pela significação. Através de um excerto de Ducrot (2005), podemos compreender como o sentido é construído no discurso:

Ele [o contexto linguístico da enunciação] também é construído pelo discurso: as palavras empregadas indicam o que se deve procurar e como se deve procurar, no ambiente “real” para constituir o quadro dentro do qual o discurso deverá ser interpretado, e que não preexiste à fala *enquadrada* nele. Mais exatamente, o que preexiste à fala é uma situação sem limites e sem estrutura: a fala traz com ela os limites e os pontos de vista que tornam essa situação utilizável para a interpretação (DUCROT, 2005:14)

Percebemos, assim, que o contexto linguístico, tomando como base os princípios de Saussure, é constituído pela relação de valor, pelas relações sintagmáticas e paradigmáticas e pela relação do locutor e do alocutário no momento da enunciação⁹. Com isso, temos uma hipótese externa que considera importante a alteridade um - outro para a formação do sentido.

Para que possamos abordar de forma adequada os seres que possuem diferentes status linguísticos propostos por Ducrot (sujeito empírico, locutor e enunciador), primeiramente precisamos compreender o que é polifonia. A polifonia está diretamente ligada à noção de valor, uma vez que as palavras constituem o enunciado umas em relação às outras, não de forma matemática, como uma soma de significados, mas como uma combinação de palavras escolhidas por um locutor que constrói um sentido particular, tendo em vista a posição que deseja expressar diante de um determinado fato.

A noção de polifonia se refere, originalmente, a uma classe de composição musical em que se sobrepõem diferentes partituras. Mikhail Bakhtin, filósofo russo, usou essa metáfora da polifonia para caracterizar duas formas de literatura. A literatura dogmática, que expressa uma só voz, a do autor, julga os vários personagens. Contrariamente, na literatura polifônica há vários personagens

⁹ A enunciação é o surgimento do enunciado e o sentido é estabelecido a partir de sua realização e de suas relações.

que se apresentam por si mesmos e não são julgados pelo autor. O sentido da obra é a confrontação desses personagens, sem a imposição do ponto de vista do autor. Adaptando essa concepção bakhtiniana à semântica linguística, Ducrot afirma que a polifonia é uma análise linguística dos enunciados. O autor nunca se expressa de forma direta, mas coloca em cena no mesmo enunciado um certo número de personagens. O sentido de um enunciado surge da superposição de vozes de diferentes enunciadore, podendo encontrar casos de confrontação, em que o locutor colocou em cena vários pontos de vista e os assimilou a essa ou àquela pessoa. Dessa forma, a informação, assim como as noções de verdade ou falsidade de um enunciado não caberiam nesse contexto.

A polifonia, ao apresentar diversas vozes subjacentes e não apresentar um caráter informativo, verdadeiro ou falso, pode ser definida como um diálogo cristalizado entre discursos. Os discursos são uma sequência de enunciados interrelacionados que apresentam seres com diferentes status linguísticos, como dissemos anteriormente: o sujeito empírico, o locutor e o enunciadore.

O sujeito empírico é o autor do enunciado, seu produtor, é o sujeito falante que tem uma vida social, tem família e tem amigos, é um elemento da experiência e essa personagem não é relevante nos estudos da semântica linguística.

O locutor, por sua vez, é o ser de fala responsável pelo enunciado. As marcas de primeira pessoa “eu”, estão caracterizadas nele. É importante ressaltar que o locutor, designado por eu, é distinto do autor empírico do enunciado, de seu produtor. O autor real nem sempre é o locutor, ou seja, aquele a quem se deve atribuir a responsabilidade pela ocorrência do enunciado. Nota-se, portanto, que a enunciação não contém nenhuma referência a uma pessoa que fosse seu autor, nem mesmo à pessoa a quem fosse endereçada. A enunciação é o surgimento do enunciado, a busca pelo sentido através da realização da frase. O alocutário também é uma personagem fundamental para que o locutor possa se enunciar. É a ele que o locutor se dirige quando fala. O sentido do enunciado também é formado por essa relação de alteridade entre o locutor e o alocutário. Quando o locutor faz uso da língua, o alocutário deve responder a esse locutor, em um jogo linguístico de troca de posições.

Os enunciadore são origens dos pontos de vista, das atitudes, dos posicionamentos apresentados no enunciado. Esses enunciadore são compostos a partir de um ato de enunciação, sem que a eles sejam atribuídas palavras em seu sentido material. É o locutor que dá forma aos enunciadore, organizando as atitudes e os pontos de vista. Cada situação de fala apresenta, assim, certo número de pontos de vista. Sabemos que o enunciadore é argumentador em potencial, podendo desfazer o argumentação do locutor. Compreenderemos as assimilações e as atitudes do locutor

perante os enunciadores na seção seguinte, que trata da Polifonia pela TBS, assim como outros conceitos da semântica linguística ducrotiana.

1.3.3 A Teoria dos Blocos Semânticos

A Teoria dos Blocos Semânticos, segundo Ducrot, é uma aplicação do estruturalismo saussuriano à semântica linguística por conservar a noção de relação: enquanto Saussure afirma que o signo linguístico adquire seu valor apenas na relação com os demais signos, Ducrot defende que é na TBS que os segmentos do discurso têm seu sentido definido no uso e na relação que estabelece com os demais. Explicando melhor, o sentido de um enunciado se fundamenta na argumentação, e se refere às possibilidades de discursos argumentativos passíveis de serem encadeados a partir dela.

Uma vez que o sentido se constrói apenas na língua em uso, ou seja, na relação entre duas frases, articuladas por um conector, Ducrot e Carel tomam o enunciado como unidade mínima de observação. Tal enunciado é composto pela relação entre dois segmentos, os quais denominam *suporte* e *aporte*, relação estabelecida por meio de um conector. Esses elementos juntos formam o *encadeamento argumentativo*, representado por *X CON Y*.

Os encadeamentos argumentativos formados por *X CON Y* podem ser de dois tipos: normativos e transgressivos. Os normativos são aqueles cujo conector que relaciona *suporte* e *aporte* é do tipo *donc* (DC)¹⁰, sendo uma condensação do sentido de todas as palavras e expressões que indicam tal relação. Observemos os enunciados a seguir:

- (2) Pedro é prudente, portanto não terá nenhum acidente.
- (3) Se Pedro é prudente, então não sofrerá nenhum acidente.
- (4) A prudência de Pedro tem como consequência o fato de que ele não terá nenhum acidente.

Os enunciados (2), (3) e (4) apresentam, a partir da relação entre os segmentos, o mesmo sentido, e a partir desses usos é feita a abstração representada por *donc*. Da mesma forma ocorre com os encadeamentos transgressivos. A partir da observação de enunciados

- (5) Pedro é prudente, no entanto, ele sofreu acidente.
- (6) Ainda que Pedro seja prudente, ele sofrerá acidentes.

¹⁰ O conector DC (*donc* em francês) pode corresponder ao conector *portanto* em português.

(7) Apesar de ser prudente, Pedro corre o risco de sofrer acidentes.

é possível constatar que a relação estabelecida pelos conectores nesses três enunciados tem um sentido que pode ser representado pela palavra *pourtant*¹¹. Enfatiza-se que os encadeamentos normativos e transgressivos não correspondem, de forma alguma, a ideias, conceitos psicológicos ou sociais.

Ao afirmar que a TBS é uma aplicação do estruturalismo de Saussure ao discurso, estabelece-se a relação entre as frases para a determinação de sentido. Dessa forma, imaginemos uma situação em que dois integrantes de uma empresa estejam discutindo os problemas da companhia devido à crise financeira. Observemos os seguintes enunciados, sendo (8) atribuído ao locutor A e (9) atribuído ao locutor B:

(8) É um verdadeiro problema, deixemos o assunto de lado, não nos ocupemos disso nesse momento.

(9) É um verdadeiro problema, portanto, não deixemos o assunto de lado.

Em ambos os enunciados há um *donec* implícito. No entanto, os dois segmentos interrelacionados, criam sentidos distintos, como podemos verificar nos encadeamentos:

(8') problema DC deixar o assunto de lado

(9') problema DC neg deixar o assunto de lado

Com esses exemplos é possível verificar que, apesar de os segmentos relacionados serem os mesmos, o sentido que advém da relação é diferente. Esse fenômeno é causado pela *interdependência semântica*, em que somente se pode definir o sentido de um enunciado em relação ao outro. Além disso, a negação e o conector também são fundamentais para que esse sentido seja determinado.

O locutor A, responsável pelo dito em (8), poderia ter expressado seu ponto de vista através dos seguintes enunciados:

(10) Há um verdadeiro problema, no entanto não o deixemos de lado.

(11) Não há um verdadeiro problema, portanto não o deixemos de lado.

¹¹ O conector PT (*pourtant* em francês) pode corresponder ao conector *no entanto* em português.

(12) Não há um verdadeiro problema, no entanto o deixemos de lado.

Como definidos anteriormente, os encadeamentos argumentativos são representados por X CON Y, em que X corresponde a A, e Y corresponde a B. O CON representa o conector que está sendo usado: quando CON representar um conector normativo, o CON' representará o tipo transgressivo, e vice-versa.

Dessa forma, considerando os enunciados (8), (10), (11) e (12) é possível formar os seguintes aspectos argumentativos:

(8'') A DC B

(10'') A PT NEG B

(11'') neg A DC neg B

(12'') neg A PT B

Essas representações são chamadas *aspectos argumentativos*, pois apresentam diferentes formas de realizar o mesmo sentido. Esse sentido constitui o *bloco semântico*, ou seja, esse sentido é fruto da relação, da interdependência semântica entre os segmentos do enunciado, e do jogo de conectores com a negação. Portanto, pertencer ao mesmo bloco semântico significa ter a mesma interdependência entre A e B. A TBS busca explicar o sentido no enunciado a partir dos conectores DC e PT juntamente com a negação e a interdependência entre os segmentos, vendo a língua em seu aspecto argumentativo.

Assim como esses quatro aspectos formam o bloco semântico 1, outros quatro formam o bloco semântico 2:

(9) É um verdadeiro problema, portanto, não deixemos o assunto de lado

(9'') A DC neg B

(13) É um verdadeiro problema, no entanto deixemos o assunto de lado.

(13'') A PT B

(14) Não é um verdadeiro problema, portanto deixemos o assunto de lado.

(14'') neg A DC B

(15) Não é um verdadeiro problema, no entanto não deixemos o assunto de lado.

(15'') neg A PT neg B

A partir do suporte *perigo* e do aporte *precaução*, podemos formar outros quatro aspectos (Ducrot, 2008):

(16) A PT NEG B

Perigo PT neg precaução

Nesse caso, o aspecto 16 corresponde a *imprudente*

(17) NEG A PT B

Neg perigo PT precaução

Aqui, o aspecto 17 corresponde a *medroso*

(18) NEG A DC NEG B

Neg perigo DC neg precaução

Nesse caso, o adjetivo correspondente é *não medroso*

(19) A DC B

Aqui, o aspecto 19 remete ao adjetivo *prudente*

Notamos que, em todos os encadeamentos, o suporte A *perigo* é orientado para B e que o próprio termo B é fundamentado em A. Ainda com o suporte A e o aporte B, outros quatro aspectos podem ser definidos:

(20) A PT B

Perigo PT precaução

(21) NEG A PT NEG B

Neg perigo PT neg precaução

(22) NEG A DC B

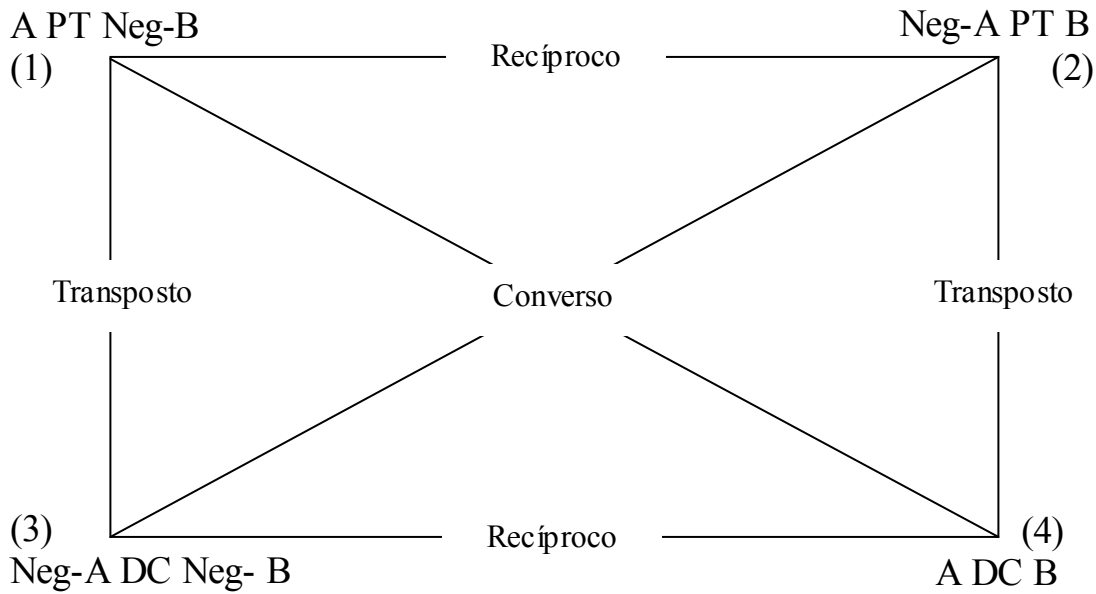
Neg perigo DC precaução

(23) A DC NEG B

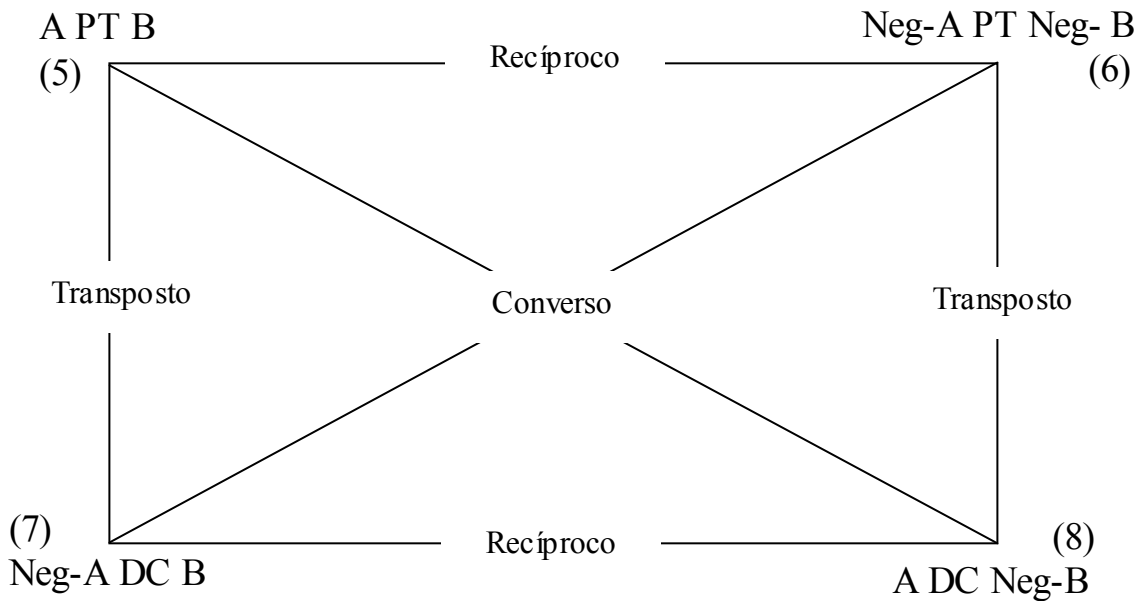
Perigo DC neg precaução

Percebemos que o bloco 1 é fundamentado em uma certa visão da desistência como ligada ao perigo, e do perigo como um traço dos comportamentos que leva a não realizá-los, também o bloco 2 é fundamentado sobre uma interdependência entre A e B, mas uma interdependência inversa à anterior. Dessa forma, o aspecto 23 que corresponde ao adjetivo *audacioso*, o perigo é uma razão para agir, orientado para a ação e a ação como prolongando o julgamento do perigo.

Ducrot e Carel (2005) propõem que esses aspectos constitutivos dos dois blocos semânticos sejam organizados em dois quadrados que demonstram os tipos de relação possíveis entre eles: a conversão, a reciprocidade e a transposição. No bloco 1, temos:



Já no bloco 2, temos:



Podemos observar, nos dois quadrados argumentativos construídos acima, a partir de dois blocos semânticos distintos, que os aspectos não são considerados de forma isolada, mas sempre um em relação a outro. Assim, o locutor, ao posicionar-se, escolhendo um aspecto normativo ou transgressivo do bloco, evoca os outros aspectos.

Após abordarmos os conceitos que constituem a TBS, vamos tratar das novas perspectivas da semântica linguística apresentadas em Carel e Ducrot (2008), rejeitando algumas que não mais refletem suas hipóteses. Mostraremos essas mudanças na fase atual, a Teoria dos Blocos Semânticos, não abordaremos a 1ª e a 2ª fase.

Carel e Ducrot (2008) abordam a distinção entre as atitudes do locutor em relação aos enunciadores e o modo como o locutor assimila os enunciadores a determinado ser do discurso. Uma primeira assimilação é feita quando o locutor define os enunciadores a partir de seres determinados. Por exemplo, quando se diz “Eu me sinto cansado”, entende-se que eu mesmo sou origem do ponto de vista segundo o qual se está cansado. Por outro lado, a assimilação é indeterminada quando temos enunciados como “as pessoas que sabem que p”, “segundo certos filósofos, e não os menores, é preciso admitir que “p”. Nesse exemplo o enunciador de p se assimila às pessoas que pensam, ou a certos filósofos eminentes.

O locutor, por sua vez, toma três atitudes em relação aos enunciadores: o assumir, a concordância e a oposição. Assumir um enunciador é dar como fim à enunciação o ponto de vista desse enunciador. Ao afirmar “eu me sinto cansado”, dá-se a si próprio como origem à ideia de que se está cansado. Observamos que Ducrot abandona a atitude de que o locutor se identifica com o enunciador, como ele afirmava em *Polifonía y Argumentación* (1990), visto que identificar pode indicar um posicionamento “correto” do locutor. Sabemos que não é esse o objetivo do linguista, por isso, Ducrot trocou identificar por assumir. Ao concordar com o enunciador, é proibido e se proíbe a contestação do ponto de vista desse enunciador. Isso acontece geralmente quando o enunciador é fonte de um pressuposto. A terceira atitude, a oposição, descreve a enunciação como proibindo assumir ou dar a concordância ao enunciador no discurso.

Antes de abordarmos a pressuposição e a negação, explicaremos as argumentações externas e as argumentações internas em relação à Teoria dos Blocos Semânticos.

As argumentações externas dizem respeito aos encadeamentos em que a expressão é um segmento: se a expressão é aporte, tem-se a argumentação à esquerda (“João foi prevenido do perigo, portanto foi prudente” / “João não foi prevenido do perigo, no entanto foi prudente”). Quando a expressão é suporte, têm-se argumentações externas à direita (“João foi prudente, portanto não teve acidente” / “João foi prudente, no entanto teve um acidente”).

As argumentações externas são pares, sendo um elemento normativo e o outro transgressivo, enquanto as argumentações internas de uma expressão são encadeamentos equivalentes dessa expressão, paráfrases ou reformulações. Tomando o exemplo clássico “João foi prudente”, podem-se fazer encadeamentos em diferentes conjuntos, ou seja, aspectos, da palavra “prudente”. Dessa forma, os encadeamentos normativos da palavra “prudente” têm como suporte a indicação de um perigo e como aporte a indicação de precauções. Na argumentação interna de “João foi prudente”, podemos colocar o aspecto *perigo DC precauções* e também aspectos expressos pelo enunciado, como *perigo DC desistir de fazer*. Há também o caso dos encadeamentos evocados, em que a

argumentação interna de um enunciado é a mais exata paráfrase como “a situação não era sem perigo, então João tomou diversas precauções.”

Após explicações sobre as argumentações externas e internas, abordaremos a pressuposição e a negação através da polifonia pela TBS, visto que alguns desvios de tradução foram resolvidos através dessas noções.

Considerando a pressuposição, Ducrot nega a teoria da polifonia *standard* que apresenta o pressuposto e o posto como pontos de vista de dois enunciadores em que o locutor tem duas atitudes diferentes, a concordância e o assumir. Nessa perspectiva, a análise pressuposicional dissocia a unidade semântica do enunciado, colocando dois conteúdos independentes.

Para tratarmos da descrição pressuposicional continuativa e cessativa que representa sucessão de estados, consideremos o enunciado que apresenta o estado cessativo *João parou de fumar*, em que o pressuposto é *João fumava* e o posto *João não fuma agora*. Na teoria da polifonia *standard*, compreendia-se que esse enunciado tinha sentidos diferentes na medida em que uma ação era feita no tempo passado e uma ação distinta é feita na realidade presente. Para Ducrot (2008), o comportamento atual é a cessação do comportamento anterior, é uma interdependência que constrói o sentido no enunciado. Dessa forma, na TBS o enunciado *João parou de fumar* apresenta o encadeamento *fumava antes PT não fuma agora*, em que o pressuposto (o suporte) e o posto (o aporte) estão em uma relação argumentativa.

Considerando a negação, Ducrot (2008) não trata das negações metalinguísticas e descritivas abordadas em 1987, somente da negação comum ou polêmica. Para explicar essa negação pela TBS, Carel e Ducrot (2008) usam alguns conceitos da teoria como a distinção entre os dois modos, externo e interno, cujas argumentações são ligadas às entidades linguísticas, o reconhecimento de dois tipos de argumentações em DC e PT, as diferentes relações formais que existem entre os aspectos de um mesmo bloco, conversão, transposição e reciprocidade. Considerando o enunciado P,

(24) João foi prudente, portanto não teve acidente,

devemos tratar primeiramente da argumentação externa à direita, que apresentará dois aspectos conversos, e cuja responsabilidade será de E1. Dessa forma, temos a relação de conversão:

(25) prudência DC segurança

(26) prudência PT neg segurança

Já na argumentação externa à esquerda, cujo responsável é E2, haverá dois aspectos que apresentam a relação de transposição:

(27) ser prevenido DC ser prudente

(28) neg ser prevenido PT ser prudente

Na argumentação interna, a responsabilidade é destinada a E3, formada pelo encadeamento

(29) perigo DC desistir

Verificando um enunciado negativo P', como *João não foi prudente, portanto correu o risco de acidente*, deve-se recorrer aos enunciadores do enunciado P, representado por (2). Dessa forma, o E'1 apresentará o aspecto recíproco de E1:

(30) E1: prudência DC segurança

(31) E'1: neg prudência PT neg segurança

O enunciador E'2 também terá o aspecto recíproco de E2:

(32) E2: neg ser prevenido PT acidente

(33) E'2: ser prevenido PT neg ser prudente

Já o E'3, que é a argumentação interna do enunciado P', mostrará o aspecto converso apresentado por E3:

(34) E3: perigo DC desistir

(35) E'3: perigo PT neg desistir

Podemos verificar, portanto, que o locutor, em relação aos enunciadores de P', rejeita E1, E2 e E3, mas assume ou concorda com E'1, E'2 e E'3. O locutor ainda poderia tomar uma atitude de abstenção, uma recusa de tomar posição frente aos enunciadores positivos e a certos enunciadores negativos.

Através da análise proposta por Carel e Ducrot (2008), percebemos que os autores defendem uma análise estritamente linguística dos dados, evitando fatores que remetem ao mundo externo ou ao conhecimento prévio. Dessa forma, Ducrot (2008) afirma que os enunciados apresentam uma relação de interdependência semântica, constituindo uma unidade semântica. No enunciado *Pedro não veio*, os enunciadores eram desdobrados em E1 *João não veio* e E2 *João era esperado*. Com a interdependência semântica, em que o sentido de um enunciado é constituído a partir da relação com outro, construímos um único encadeamento *era esperado PT não veio*.

Percebemos que esses conceitos aliados aos conceitos da teoria da tradução são essenciais para fazermos uma boa análise, pois a semântica linguística busca construir o sentido dentro do linguístico e a teoria da tradução mostra que traduzir é fruto do conhecimento das duas línguas, assim como dos conhecimentos teóricos de determinada área, como vimos na seção 1.2. Para iniciarmos as análises na próxima seção, uma citação de Ducrot (1987) explicita o que consideramos sentido na tradução:

Numa perspectiva estruturalista, as representações formais do enunciado não podem ser chamadas de “linguagem” a menos que se dê, ao termo, o sentido que tomou nas matemáticas – onde se trata apenas de um jogo de símbolos sobre os quais puderam-se definir regras de cálculo explícito. E se traduzirmos um enunciado por uma fórmula, isso nada tem a ver com a tradução de uma frase francesa por uma frase portuguesa, tradução que se funda na presumida equivalência de sua significação. Só há semântica estrutural quando se recusa, a priori, buscar “equivalentes” para as significações linguísticas. (DUCROT, 1987:69)

Podemos afirmar que para Ducrot (1987), toda tradução se caracteriza pela inexistência de equivalentes. Ela é constituída pelas relações entre palavras, enunciados, parágrafos. Cabe ao tradutor buscar essas relações para formar o sentido.

As análises na seção seguinte mostram alguns desvios semânticos e procuramos reajustá-los de acordo com a ANL e a Teoria da Tradução.

2 METODOLOGIA

Nesta pesquisa, de caráter qualitativo, são analisados textos científicos em francês referentes à Semântica Argumentativa de Oswald Ducrot e Marion Carel e sua respectiva tradução. Nosso *corpus* é constituído por dezesseis textos, sendo oito deles em francês e oito em português.

Para a seleção do *corpus* utilizamos os seguintes critérios:

- os textos devem tratar da semântica argumentativa de Oswald Ducrot e Marion Carel;
- os textos não precisam ser assinados por Ducrot e Carel. Neste estudo, temos um artigo escrito por Alfred Lescano, intitulado *Vers une grammaire argumentative de la phrase: le cas de LE et UN*, de Lescano e o restante por Oswald Ducrot e colaboradores;
- os textos traduzidos têm que apresentar algum desvio de sentido;
- os textos traduzidos não precisam ser necessariamente assinados. Não haverá a divulgação dos nomes dos tradutores, visto que o que nos interessa não é o sujeito empírico, o autor do texto, mas o locutor, ser de fala responsável pelo enunciado;

Eis, aqui, a relação dos artigos selecionados: *Le problème du paradoxe dans une sémantique argumentative* (Carel, Ducrot, 1999) e a tradução em 2001, *O problema do paradoxo em uma semântica argumentativa*; *Les propriétés linguistiques du paradoxe: paradoxe et négation* (Carel, Ducrot, 1999) e a tradução em 2001, *As propriedades lingüísticas do paradoxo: paradoxo e negação*; *Vers une grammaire argumentative de la phrase: le cas de LE et UN* (Lescano, 2008) e a tradução *Para uma gramática argumentativa da frase: os casos de O e UM* (2008), e *Description argumentative et description polyphonique: le cas de la négation* (Carel, Ducrot, 2008) e a tradução em 2008, *Descrição argumentativa e descrição polifônica: o caso da negação*.

Os capítulos dos livros são os seguintes: *Le dire et le dit* (Ducrot, 1984), capítulo 1 *Pré-supposés et sous-entendus - L'hypothèse d' une sémantique linguistique* e a tradução *Pressupostos e subentendidos - A hipótese de uma semântica linguística*; *Les mots du discours - capítulo 1: L'analyse de textes et linguistique de l'énonciation* (Ducrot, 1980) e a tradução *Análise de textos e linguística da enunciação* e *Dire et ne pas dire. Principes de sémantique linguistique* (Ducrot, 1972), capítulos 2 e 4 - *La notion de présupposition: présentation historique e La présupposition dans la description sémantique* e as respectivas traduções *A noção de pressuposição - Apresentação histórica e A pressuposição na descrição semântica*.

Salientamos que consideramos desvios de sentido alterações encontradas no texto traduzido de qualquer espécie, que modificam significativamente o que está escrito no texto original em francês. Analisaremos as traduções com o objetivo de encontrar os desvios, analisá-los e adequá-los.

Para que a adequação corresponda à ideia do texto original e seja bem explicada e justificada, utilizaremos duas teorias: a Teoria da Argumentação na Língua, de Oswald Ducrot e a teoria da tradução, de Rosemary Arrojo.

Sabemos que, para explicar os desvios, justificá-los e reajustá-los de forma coerente, precisamos rejeitar o sentido literal, pois é um sentido preexistente, constante e totalmente fechado ao uso. Defendemos uma Semântica Argumentativa que afirma que o sentido de uma língua está em seu uso e na relação estabelecida entre os discursos. Dessa forma, a descrição semântica do discurso está no linguístico; recorreremos às situações extralinguísticas somente quando o linguístico não fornece todas as informações para sua compreensão. Neste trabalho consideramos a fase atual da Semântica Argumentativa, a Teoria dos Blocos Semânticos, e os vários conceitos contidos nela para que possamos fazer uma análise eficaz, conforme visto nas seções 2.3.2 e 2.3.3. Na teoria de Arrojo (1986), vimos que ela define a tradução como uma leitura do texto fonte a fim de buscar o sentido na língua alvo, uma transformação de uma língua em outra, um texto em outro, produzindo sentidos, considerando as diferenças linguístico-culturais. Acreditamos que essas duas teorias apresentam recursos suficientes para que possamos realizar as seguintes etapas de análise:

- identificação do desvio de tradução (em negrito e em realce cinza);
- classificação do desvio;
- explicação do sentido proposto pelo tradutor;
- explicação do sentido pelas teorias escolhidas (podemos utilizar as duas teorias ou somente uma, dependendo do contexto discursivo que nos é apresentado);
- proposta de um reajuste do desvio, ou seja, uma nova tradução que transmita o sentido do texto original.

Assim, podemos não somente identificar possíveis “erros” de tradução e reajustá-los, mas podemos fornecer ao tradutor uma teoria semântica argumentativa e tradutória capaz de ajudá-lo no seu ofício. Um tradutor, assim como seus textos, deixa marcas enunciativas em seu discurso e cabe a ele buscar no linguístico as instruções necessárias para a realização de um bom trabalho. Sabemos que o tradutor não busca um produto final, pois está imerso em um processo de leitura e, a partir dele, é capaz de construir sentidos para tornar-se, enfim, tradutor. A tradução envolve o domínio da língua alvo e da língua fonte assim como a aprendizagem de como se lê um texto. Aprender a ler é aprender a produzir sentidos, construídos a partir do sistema linguístico, que sejam aceitáveis para a comunidade cultural da qual participa o leitor. Temos aí a grande responsabilidade do tradutor perante o texto que traduz e perante o público para quem traduz, pois cada tradução exige do tradutor a capacidade de confrontar dois sistemas linguísticos, e esse confronto é sempre único, irrepitível, já que as variáveis são imprevisíveis e os sentidos diversos.

3 ANÁLISES

3.1 DESVIOS DE TRADUÇÃO

As análises de desvios de trechos de textos traduzidos são apresentadas de acordo com as diferentes obras.

Começamos nossa análise com os exemplos dos artigos *Le problème du paradoxe dans une sémantique argumentative* e *Les propriétés linguistiques du paradoxe: paradoxe et négation*, e as respectivas traduções *O problema do paradoxo em uma semântica argumentativa* e *As propriedades linguísticas do paradoxo: paradoxo e negação*. Após será apresentado um trecho do primeiro capítulo de *Le dire et le dit - O dizer e o dito: Présusupposés et sous-entendus – l’hypothèse d’une sémantique linguistique* e a tradução *Pressupostos e subentendidos – A hipótese de uma semântica linguística*.

3.1.1 Trechos 1-2: O problema do paradoxo em uma semântica argumentativa

TRECHO 1 **L'intrinsèque** peut être, nous l'avons vu à propos de *danger DC précaution* et *prudent*, interne à l'expression qu'il définit. Mais l'**intrinsèque** peut aussi être externe. La langue elle-même associe *prudent* à des discours comme (18) et (19) :

(18) *Paul a été prudent donc il est arrivé indemne.*

(19) *Paul a été prudent pourtant il n'est pas arrivé indemne.*

Nous dirons que *prudent DC sécurité* et *prudent PT NON-sécurité*, **intrinsèques** à *prudent*, en sont des intrinsèques externes.

Cet exemple nous permet d'introduire une propriété importante de **l'intrinsèque externe**: dès qu'un aspect argumentatif **appartient** à **l'intrinsèque externe** d'une expression, l'autre aspect du même bloc y **appartient** aussi. La langue associe au mot *prudent*, non seulement *prudent DC sécurité*, mais aussi *prudent PT NON - sécurité*. L'argumentation **intrinsèque externe** est ainsi constituée de blocs. Cette propriété de l'intrinsèque externe est importante car elle nous permet de répondre à une objection habituelle concernant **l'intrinsèque**: on nous demande ce qui distingue par exemple (18) de *Paul a été prudent*. Puisque, selon nous, la langue elle-même associe *prudent* et (18), pourquoi le locuteur de (18) ne s'est-il pas contenté de dire *Paul a été prudent*? Notre réponse est que *prudent* est tout autant associé à (19): *Paul a été prudent* est ambigu quant à l'aspect sous lequel son locuteur évoque le bloc commun à (18) et (19). (18) lève cette ambiguïté en marquant que le locuteur fait le choix de l'aspect normatif.(p. 15-16)

O estrutural pode ser, nós o vimos a respeito de “perigo ET precaução”, e *prudente*, interno à expressão que ele define. Mas o **estrutural** pode também ser externo. A própria língua associa *prudente* a discursos como (18) e (19).

(18) *Paul foi prudente; então, chegou ileso.*

(19) *Paul foi prudente; no entanto, não chegou ileso.*

Diremos que “*prudente* ET segurança”, e “*prudente* NE NÃO-segurança”, **estruturalmente ligados** a *prudente*, lhe são termos estruturais. Este exemplo nos permite introduzir uma propriedade importante do **externo estrutural**: toda vez que um aspecto argumentativo **deriva** do **externo estrutural**, o outro aspecto do mesmo bloco também **deriva**. A língua associa à palavra *prudente* não somente “*prudente* ET segurança”, mas também “*prudente* NE NÃO - segurança”. A argumentação **estrutural externa** é assim constituída por blocos. Esta propriedade é importante porque ela nos permite responder a uma objeção habitual no que concerne ao **estrutural**: perguntam-nos o que distingue, por exemplo, (18) de *Paul foi prudente*. Posto que, segundo nós, a própria língua associa *prudente* e (18), por que o locutor de (18) não se contentou em dizer *Paul foi prudente*? Nossa resposta é que *prudente* é da mesma forma associado a (19): *Paul foi prudente* é ambíguo quanto ao aspecto sob o qual seu locutor evoca o bloco comum a (18) e (19). (18) levanta esta ambiguidade ao marcar que o locutor faz a escolha do aspecto normativo. (p.18)

Notamos, nessa tradução, desvios de sentido que não estão de acordo com a Teoria da Argumentação na Língua de Oswald Ducrot. Sabemos que o intrínseco, em francês, está relacionado à argumentação interna, tanto que o linguista exemplifica: *prudente*: perigo DC precaução. Podemos, para explicar melhor, fazer o seguinte encadeamento: *intrínseco DC presente no linguístico; intrínseco DC argumentação interna; intrínseco DC paráfrases/ reformulações de um enunciado*. A tradução de *intrinsèque* como *estrutural* não cabe nesse contexto. Nesse caso, afirmar que uma palavra (como *perigo*) apresenta uma característica *estrutural* é direcioná-la à seguinte argumentação interna: língua DC relação dos elementos que desconsideram o uso. Ducrot, no entanto, estuda a língua em uso, portanto a tradução feita é inadequada. Percebemos apenas que no artigo *Argumentation interne et argumentation externe au lexique: des propriétés différentes* (2001), publicado na revista *Langages*, Ducrot (2001) usa o termo *estrutural* para referir-se à argumentação interna de *prudente*, como vemos a seguir:

(...) L'enchaînement *Pierre est prudent donc il n'a pas eu d'accident*, on vient de le voir, est préfiguré dans *prudent* : je dirai qu'il est **structurel** à *prudent*. Notons que ce même enchaînement est aussi structurel à *ne pas avoir d'accident* : je ne privilégie pas la position d'argument. Par contre, *Pierre est prudent donc Marie s'ennuie avec lui*, n'est pas structurel à *prudent*. Plus précisément, on remarquera que l'argumentation *Pierre est prudent donc il n'a pas eu d'accident* prolongue matériellement les termes *prudent* et *ne pas avoir d'accident* : je rends compte de cela en disant que, structurelle à ces termes, elle relève de plus de leurs **argumentations externes** – tout comme le discours *Pierre n'aura pas d'accident car s'il y a du danger, il prendra des précautions* relève de l'argumentation externe de son fragment *s'il y a du danger, il prendra des précautions*. (DUCROT, 2001: 12)

Acreditamos que o desvio de tradução se deva ao fato de que, nesse contexto, o conceito de estrutural seja semelhante ao conceito de argumentação interna. No trecho apresentado acima, pessoas conhecedoras da obra ducrotiana não reconhecerão esse termo como sendo do autor, e quem lê o texto traduzido pode pensar que há incoerência teórica. Além disso, ao traduzir o termo como *externo estrutural*, notamos que houve uma inversão da ordem dos termos. O mais adequado seria traduzirmos *intrínseco externo*. Sabemos que esse termo faz referência tanto à argumentação interna como à argumentação externa, por isso essa terminologia é adequada.

Além do problema de troca de termos, verificamos também uma escolha lexical inadequada que modifica o sentido do texto e para percebermos esse fato, usaremos a argumentação interna de *appartenir* e *derivar*. A argumentação interna de *appartenir* é *fazer parte de DC ter relação com*, enquanto a argumentação interna de *derivar* é *ter sua origem em DC ser proveniente de*. A tradução que corresponde ao que o autor diz é *pertencer* e não *derivar*.

TRECHO 2 - Au début de cet article, nous avons reproché à certains traitements des paradoxaux, d'amener à les voir comme contradictoires et vides de sens. Un enchaînement paradoxal de type **a donc non b** serait contradictoire parce qu'il poserait à la fois la vérité de *a*, **une inférence (intrinsèque)** de *a* à *b*, et **une inférence (extrinsèque)** de *a* à *non b* – ce que toute logique réprouve. Pour nous, il est bien évident que le paradoxe ne risque pas d'être estampillé "contradictoire" car nous ne nous servons pas de la notion d'inférence, notamment pas pour décrire *donc*. D'autre part, nous sommes amenés à admettre des paradoxaux, non seulement en DC, mais aussi en PT, qui ne sauraient tomber sous la critique précédente. Reste à donner un sens aux enchaînements paradoxaux, ce que nous ferons en deux étapes. (p.19)

No início deste artigo, criticamos certos tratamentos dos paradoxais que levam a vê-los como contraditórios e vazios de sentido. Um encadeamento paradoxal do tipo **a então b** seria

contraditório porque colocaria ao mesmo tempo a verdade de *a*, **uma inferência (imposta pela língua)** de *a* a *b*, e **uma inferência (ligada ao contexto)** de *a* a *não b*- o que toda lógica reprova. Para nós, é evidente que o paradoxo não corre o risco de ser etiquetado “contraditório”, porque nós não nos servimos da noção de inferência, notadamente não para descrever *então*. De outra parte, somos levados a admitir paradoxais, não somente em ET, mas também em NE, que não correrem o risco de cair na crítica precedente. Resta dar um sentido aos encadeamentos paradoxais, o que faremos em duas etapas. (p.22)

Nesse exemplo notamos três possíveis problemas de tradução: o primeiro deles e o que, conseqüentemente, muda todo o discurso é a tradução do encadeamento *a donc non b* por *a então b*, o segundo seria *une inférence (intrinsèque)* por *uma inferência (imposta pela língua)* e o terceiro seria *une inférence (extrinsèque)* por *uma inferência (ligada ao contexto)*. A ideia do texto original é que o encadeamento *a DC neg b*, para os lógicos seria uma contradição, pois estaria se referindo a uma verdade ligada a uma inferência (intrínseca) e uma inferência (extrínseca). Esse enunciado pode ter o seguinte encadeamento: *a donc não b* DC inferência (intrínseca) e inferência (extrínseca); *a donc não b* DC não contradição para Ducrot; *a donc não b* DC contradição para os lógicos. Notamos que no texto original, o linguista francês utiliza como exemplo de paradoxal um encadeamento do segundo bloco semântico A DC NEG B, enquanto na tradução é utilizado um encadeamento do primeiro bloco: A DC B. Se Ducrot tivesse escolhido esse encadeamento, o discurso seguinte teria que mudar, pois A DC B não traria nenhuma contradição para a lógica, seria uma verdade simplesmente. O encadeamento desse enunciado é o seguinte: *a donc b* DC inferência (intrínseca) e inferência (extrínseca); *a donc b* DC não contradição para Ducrot; *a donc não b* DC não contradição para os lógicos. Percebemos que essa troca de um encadeamento por outro muda o sentido do enunciado.

A tradução de *inférence intrinsèque* por *inferência (imposta pela língua)* demonstra uma interpretação do tradutor. *Intrinsèque* em momento algum se relaciona à língua. Ducrot trata de uma semântica argumentativa que aborda a língua em uso e de acordo com o contexto linguístico, por isso uma tradução mais adequada para *intrinsèque* é *intrínseco*. Verificamos essas distinções através da argumentação interna de *língua* e de *intrínseco*: *língua*: signo linguístico DC conceito e significante; *intrínseco*: uso da língua DC sentido dentro do discurso. Percebemos também que a tradução de *inférence (extrinsèque)* por *inferência (imposta pelo contexto)* demonstra uma interpretação do tradutor. No original, a “inferência” a que o linguista se refere diz respeito à argumentação externa do encadeamento *a donc não b*, por isso a tradução não é adequada. A tradução apropriada seria *extrínseco*, sendo a argumentação interna do termo: *discurso não*

concluído DC continuação do discurso, enquanto o termo *contexto* apresenta *discurso não concluído DC continuação do discurso buscando informações nos conhecimentos de mundo*.

3.1.2 Trecho 3 : As propriedades linguísticas do paradoxo: paradoxo e negação

TRECHO 3 - Nous nous proposons maintenant d'expliquer un autre phénomène qui, comme le précédent, nous semble difficile à comprendre si on ne distingue pas, du point de vue de la négation, les enchaînements paradoxaux des enchaînements doxaux. Soit les deux discours:

- (a) Il y avait du danger donc Paul, qui est prudent, a **bien sûr** pris des précautions
- (b) Il y avait du danger donc Paul, qui est casse-cou, l'a bien sûr fait

Faisons-leur d'abord subir la transformation formelle suivante, en deux étapes:

- 1) changer *donc* en *pourtant* et introduire la négation *ne... pas* en la faisant porter sur le dernier prédicat;
- 2) éliminer *bien sûr* et substituer à la relative *qui est P* l'incise *malgré son caractère P*.

On obtient alors les deux séquences (a') et (b'):

- (a') *il y avait du danger pourtant Paul, malgré son caractère prudent, n'a pas pris de précautions*
- (b') *il y avait du danger pourtant Paul, malgré son caractère casse-cou, ne l'a pas fait (p.35)*

Nós nos propomos agora a explicar um outro fenômeno que, como o precedente, nos parece difícil de compreender se não se distinguem, do ponto de vista da negação, os encadeamentos paradoxais dos encadeamentos doxais. Sejam os dois discursos:

- (a) Havia perigo, então Paul, que é prudente, **com certeza**, tomou precauções.
- (b) Havia perigo; então Paul, que é destemido, com certeza o fez.

Façamos de início com que passem pela seguinte transformação formal em duas etapas:

- 1) trocar *então* por *no entanto* e introduzir a negação *não (ne...pas)*, fazendo-a incidir sobre o último predicado;
- 2) eliminar *com certeza* e substituir a relativa *que é P* pelo inciso *apesar de seu caráter P*.

Obtêm-se, então, as duas sequências:

- (a') *havia perigo; no entanto Paul, apesar do seu caráter prudente, não tomou precauções*
- (b') *havia perigo; no entanto Paul, apesar do seu caráter destemido, não o fez. (p.43)*

Nesse exemplo clássico da obra de Oswald Ducrot, temos primeiramente que verificar a argumentação interna ao enunciado: *Havia perigo DC Paulo tomou precauções* e é esse o sentido proposto em *Il y avait du danger donc Paul, qui est prudent, a bien sûr pris des précautions*. Porém, na tradução percebemos novamente a diversidade de sentidos: *Havia perigo, então Paul, que é prudente, com certeza, tomou precauções*. Com esse enunciado, podemos elaborar dois encadeamentos: *Havia perigo DC Paul tomou precauções* e *Havia perigo DC Paul neg tomou precauções*. Enquanto o enunciado em francês mostra o cuidado de Paul diante do perigo, o enunciado em português possibilita duas leituras: uma em que Paul tem cuidado diante do perigo, sendo, dessa forma, prudente, e outra que ele não tem cuidado diante do perigo, sendo, portanto, imprudente. E isso só é possível devido à tradução indevida do operador *bien sûr*. Reorganizando esses enunciados, temos:

Sentido no texto original: *havia perigo DC Paulo tomou precauções*

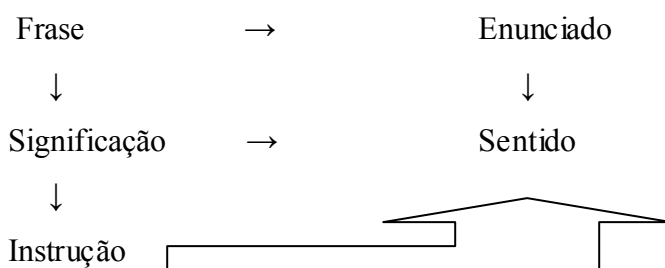
Sentido no texto traduzido: *Havia perigo DC Paul tomou precauções* e *Havia perigo DC Paul neg tomou precauções*. A partir daí, notamos que o enunciado proposto por Ducrot corresponde a um sentido específico como visto anteriormente, sendo que o encadeamento corresponde ao bloco semântico 1 (A DC B). A tradução também fornece o sentido do enunciado em relação ao bloco 1, mas evidencia um encadeamento que pertence ao bloco semântico 2 (A DC NEG B). Se o enunciado do autor não apresenta diversidade de sentidos, o texto da tradução não pode fazê-lo. Uma tradução adequada, que remeteria ao sentido do original seria: *Havia perigo, então Paul, que é prudente, é claro, tomou precauções*. Temos aí uma evidência como supunha o tradutor.

3.1.3 Trecho 4: Pressupostos e subentendidos – A hipótese de uma semântica linguística

TRECHO 4 - Lorsqu'un linguiste pose que tel énoncé de la langue qu'il étudie possède telle signification (décrite à l'aide d'un énoncé synonyme de cette même langue ou d'une autre), il a souvent l'impression d'enregistrer une donnée, de constater un fait. En réalité, les seules données que lui fournit l'expérience concernent non pas l'énoncé lui-même, mais les multiples occurrences possibles de cet énoncé dans les diverses situations où on l'utilise: dans la mesure où je comprends une langue, je suis capable **d'attribuer une signification et par suite de trouver des synonymes, aux énoncés prononcés hic et nunc**. Mais décider quelle est la signification de l'énoncé hors de ses occurrences possibles, c'est là dépasser le terrain de l'expérience et de la constatation, et faire une hypothèse – peut-être justifiable, mais qui en tout cas a besoin d'être justifiée. (p. 13)

Quando um linguista declara que um determinado enunciado da língua que ele estuda possui tal significação (descrita com o auxílio de um enunciado sinônimo desta mesma língua ou de uma outra), ele frequentemente tem a impressão de registrar um dado, de constatar um fato. Na realidade, os únicos dados que a experiência lhe fornece concernem, não ao próprio enunciado, mas às múltiplas ocorrências possíveis deste enunciado, nas diversas situações em que é utilizado: à medida em que compreendo uma língua, sou capaz de **atribuir significados *hic et nunc***. Mas, decidir qual é a significação do enunciado, fora de suas ocorrências possíveis, implica ultrapassar o terreno da experiência e da constatação, e estabelecer uma hipótese- talvez justificável, mas que, de qualquer forma precisa ser justificada. (p.13)

Nesses exemplos, percebemos que o tradutor modificou uma ideia presente no texto original e, com isso, criou termos que o linguista francês não usa em sua teoria. Ducrot explica que, na medida em que uma pessoa compreende uma língua, ela é capaz de atribuir uma significação (e sabemos que essa significação é a instrução que orienta o interpretante) e encontrar sinônimos produzidos em um determinado lugar (*hic*) e em um determinado tempo (*nunc*). Para compreendermos esse enunciado, pensamos que é necessário recorrer ao conceito da palavra *significação*: dar instruções DC orientar o interpretante para encontrar o sentido no enunciado. Sabemos que o termo *significado* mencionado no texto traduzido não faz parte da terminologia ducrotiana, por isso elaboramos um esquema que esclarece melhor o que é a *significação* para Ducrot:



A frase é um construto teórico, enquanto o enunciado é a realização da frase. A frase possui uma significação, uma regra, que leva à instrução, que, articulada com o enunciado, busca o sentido. Notamos, dessa forma, que a criação de um novo termo no texto traduzido modifica o sentido do original. Sabemos que, nos textos de Oswald Ducrot, não encontraremos significados, conceitos, idéias, mas significações, ou seja, instruções, e são elas que formam o sentido do enunciado.

3.1.4 Trechos 5-13: Análise de textos e linguística da enunciação

TRECHO 5 ... Comment y accédera-t-il [le linguiste], à cette signification ? Où la lira-t-il ? Pour certains, il s'agit simplement de capter, c'est-à-dire d'explicitier et d'enfermer dans des formules, une « intuition » présente en eux et qui se laisse observer dès qu'on lui prête suffisamment attention. Si, tout en déclarant procéder ainsi, on répète assez fidèlement ce qu'on a appris dans les dictionnaires et les grammaires, alors les auteurs de dictionnaires et de grammaires - et, plus **généralement**, tout les gens cultivés, c'est-à-dire ceux qui **fréquentent**, directement ou indirectement, les grammaires et les dictionnaires – se répandront en éloges et féliciteront le linguiste pour son « sens très sûr », pour son « intuition exacte » de la langue – éloge agréabale à formuler, car il suppose que son auteur a lui-même, un sens au moins aussi sûr de ladite langue. (p.7-8)

... Como ele [o linguista] chegará a está significação? Onde ele a lerá? Para alguns, trata-se simplesmente de captar, isto é, de explicitar e enquadrar em fórmulas, uma “intuição” presente neles e que se deixa observar, desde que se presta suficientemente atenção. Se, em se declarando proceder assim, repete-se bastante fielmente o que se aprendeu nos dicionários e nas gramáticas, então os autores dos dicionários e gramáticas - e, mais **genericamente**, todas as pessoas cultas, isto é, aqueles que **frequentam**, direta ou indiretamente as gramáticas e os dicionários – se derramarão em elogios e felicitarão o lingüista por seu “senso tão certo”, por sua “intuição exata” da língua – elogio agradável em ser formulado, porque supõe que seu autor tem um sentido ao menos igualmente certo da língua. (p.1-2)

Notamos aqui dois problemas de tradução: *généralement* traduzido por *genericamente* e *fréquentent* por *frequentam*. O primeiro deles é muito sutil, e não seria notado facilmente. Ao traduzir *généralement* por *genericamente* podemos pensar que esses advérbios são sinônimos, conforme afirma Aurélio – *Dicionário da Língua Portuguesa (2008)*.

Genérico: (...) **2**. Geral(1) (...). *Geral*:**1**. comum à maior parte ; genérico.**2**. V. *Total* (1).**3**. Universal (4). Sm. **4**. A maior parte (...) Em geral. **1**. Indica relação ou referência a todos, ou à maioria, de um grupo ou conjunto. **2**. Indica que aquilo que se diz é um fato regular, habitual, comum. **3**. Na maioria das vezes [Sin. ger.: *geralmente*].

Percebemos, porém, que *généralmente* (tradução adequada) e *genericamente* possuem sentidos distintos.

No texto em francês o advérbio *généralement* refere-se a todas as pessoas cultas; ou seja, quem estuda as gramáticas e os dicionários e também pessoas que consultam direta ou indiretamente as gramáticas e os dicionários. No texto traduzido verificamos que *genericamente* parece restringir/limitar o sentido de pessoas cultas, possuindo um sentido bem mais específico que o original, sendo as pessoas cultas aquelas que estudam gramáticas e consultam dicionários. Sabemos, como afirmado no começo dessa análise, que essa diferença pode passar despercebida, mas pensamos que, nesse caso, é necessário que a distinção seja feita para que o tradutor e o leitor não sejam conduzidos a um sentido que não foi previsto pelo autor do texto original.

Utilizando a Teoria dos Blocos Semânticos, aplicamos a argumentação externa à direita tanto para *généralement* como *genericamente*: *généralement* DC pessoas que estudam as gramáticas e os dicionários/ *généralement* DC pessoas que consultam direta ou indiretamente as gramáticas e os dicionários.

Já no texto traduzido, temos: *genericamente* DC pessoas que estudam gramáticas e consultam dicionários. A tradução mais adequada é, portanto, *généralmente* e não *genericamente*.

O segundo desvio de tradução mostra que a tradução tem um sentido literal. Por sentido literal compreende-se um sentido constante, fechado, preexistente ao uso e em nada reflete os conceitos propostos pela Semântica Linguística. Para resolvermos esse problema, usamos a argumentação interna dos dois termos: *fréquentent* tem a seguinte AI: ter algo por costume DC realizar algo habitualmente; enquanto a tradução *frequentar* tem a AI: repetir o mesmo hábito várias vezes DC tornar-se assíduo de algo. Verificamos claramente o desvio semântico nesse caso, enquanto o original afirma que os dicionários e as gramáticas são usados de forma regular pelos seus autores e as pessoas cultas, a tradução transmite a ideia de que os autores dos dicionários e das gramáticas assim como as pessoas cultas são assíduas, “comparecem” com regularidade e exatidão aos dicionários e gramáticas. Dessa forma, a tradução mais adequada para *fréquentent* é *usar* e não *frequentar*.

TRECHO 6 ... Comment y accédera-t-il, à cette signification ? Où la lira-t-il ? Pour certains, il s'agit simplement de capter, c'est-à-dire d'expliciter et d'enfermer dans des formules, une « intuition » présente en eux et qui se laisse observer dès qu'on lui prête suffisamment attention. Si, tout en déclarant procéder ainsi, on répète assez fidèlement ce qu'on a appris dans les dictionnaires et les grammaires, alors les auteurs de dictionnaires et de grammaires - et, plus généralement, tout les gens cultivés, c'est-à-dire ceux qui fréquentent, directement ou

indirectement, les grammaires et les dictionnaires – se répandront en éloges et féliciteront le linguiste pour son « sens très sûr », pour son « intuition exacte » de la langue – éloge agréable à formuler, car il suppose que son auteur a lui-même, un sens au moins aussi sûr de ladite langue. Autre avantage pour notre linguiste : il n'a pas eu à analyser des discours, réels ou imaginaires, mettant les phrases en oeuvre, les *énonçant* dans des conditions à chaque fois particulières. S'il a cru pouvoir se dispenser de ce recours au texte, c'est sans doute :

1. qu'il pense posséder, en tant que francophone, une compétence pour interpréter des énoncés de phrases françaises;
2. qu'il croit **cette compétence** fondée sur une connaissance antérieure de la signification de ces phrases...
3. qu'il espère pouvoir évoquer directement cette connaissance, **la rappeler** à la conscience, sans avoir à étudier l'utilisation que lui-même ou d'autres **en** font dans l'interprétation d'énoncés, **donc** de discours. (p.8)

... Como ele chegará a está significação? Onde ele a lerá? Para alguns, trata-se simplesmente de captar, isto é, de explicitar e enquadrar em fórmulas, uma “intuição” presente neles e que se deixa observar, desde que se presta suficientemente atenção. Se, em se declarando proceder assim, repete-se bastante fielmente o que se aprendeu nos dicionários e nas gramáticas, então os autores dos dicionários e gramáticas - e, mais genericamente, todas as pessoas cultas, isto é, aqueles que frequentam, direta ou indiretamente as gramáticas e os dicionários – se derramarão em elogios e felicitarão o linguista por seu “senso tão certo”, por sua “intuição exata” da língua – elogio agradável em ser formulado, porque supõe que seu autor tem um sentido ao menos igualmente certo da língua. Outra vantagem para nosso linguista: ele não teve de analisar discursos reais ou imaginários, colocando as frases em andamento, enunciando-as em condições cada vez particulares. Se ele acreditou poder se dispensar deste recurso do texto, é sem dúvida :

1. que ele pensa possuir, enquanto francófono, uma competência por interpretar enunciados de frases francesas
2. que ele acredita **nessa confiança** fundada sobre um conhecimento anterior da significação das frases... (p.2)
3. que ele espera poder evocar diretamente este conhecimento, **lembrá-lo** à consciência, sem ter de estudar a utilização que ele mesmo ou outros fazem **dele** na interpretação de enunciados, **então**, discursos

No enunciado francês, Ducrot critica aqueles linguistas que acreditam que, para chegar à significação de um enunciado, basta uma competência e não o uso da língua. Notamos, assim, quatro problemas de tradução que modificam o sentido do original: *cette compétence* por *nessa confiança*; *la rappeler* por *lembrá-lo*, *en font* por *fazem dele* e *donc* por *então*. Percebemos que, no primeiro desvio, a partir da argumentação interna de competência (ser apto DC ser capaz), podemos criar um encadeamento do segmento original contendo a ideia do enunciado: *alguém ser apto DC alguém ser capaz de interpretar frases na língua francesa; alguém ser apto DC alguém ser capaz de evocar um conhecimento anterior da significação das frases*. No entanto, notamos que na tradução a palavra *compétence*, ao ser traduzida por *confiança* e não por *competência* no item 2 muda o sentido do enunciado devido à incompatibilidade lexical. É a argumentação interna de *confiança* que permite essa percepção linguística: *alguém estar seguro de sua capacidade DC alguém que não apresenta dúvidas*. Notamos que Ducrot quer mostrar que a significação da frase não é o sentido do enunciado e essa ideia não foi mantida na tradução. Percebemos, assim, que a AI de *competência* e de *confiança* levam a sentidos distintos.

Outro fator que modifica o sentido tanto no texto traduzido como no original é o pronome *cette/nessa*. Sabemos que, tanto em francês como em português, esse pronome é anafórico e remete a algo que já foi dito anteriormente. No original *cette compétence* se refere à *competência* mencionada no enunciado anterior *qu'il pense posséder, en tant que francophone, une compétence pour interpréter des énoncés de phrases françaises; qu'il croit **cette compétence** fondée sur une connaissance antérieure de la signification de ces phrases* enquanto na tradução essa relação não é feita, pois temos a tradução *compétence* por *confiança*: *que ele pensa possuir, enquanto francófono, uma competência para interpretar enunciados de frases francesas; que ele acredita **nessa confiança** fundada sobre um conhecimento anterior da significação das frases*. Notamos, porém, que o tradutor não usou o sentido literal, muitas vezes comum no que diz respeito à tradução. Pensamos, então, na possibilidade de uma interpretação em que, provavelmente, o tradutor não buscou no linguístico um recurso para melhor traduzir, mostrando que não compreendeu o texto de Ducrot. Vemos, a partir daí, a necessidade do tradutor saber a teoria. Para nós, a tradução adequada seria: ... *que ele acredita ser essa **competência** fundada sobre um conhecimento anterior da significação das frases*.

O segundo desvio é um exemplo de tradução literal. Se considerarmos a expressão *rappeler* de forma isolada, veremos que o verbo refere-se a lembrar. Porém, como estamos lidando com o sentido no uso, a tradução *lembrar* se torna ineficaz. Para torná-la adequada, usaremos a argumentação interna: *rappeler*: fazer vir à consciência DC evocar, enquanto na tradução *lembrar*

temos: trazer à memória DC recordar. Verificamos que as AIs remetem a ideias distintas e que uma tradução mais adequada para o termo em francês é *trazê-lo à consciência*.

No terceiro desvio, percebemos que a tradução desconsiderou a anáfora que está presente no original. O termo *en* se caracteriza por retomar algo que foi dito anteriormente e a expressão não foi resgatada na tradução. *En* retoma conhecimento e dessa forma, a tradução deveria ser: *que ele espera poder evocar diretamente este conhecimento, trazê-lo à consciência, sem ter de estudar a utilização que ele mesmo ou outros fazem desse conhecimento na interpretação de enunciados*. A tradução *dele* se torna ineficaz nesse contexto linguístico porque apresenta um sentido ambíguo: *dele* pode referir-se tanto a conhecimento como a ele, o linguista.

Em relação ao quarto e último desvio, podemos afirmar que a tradução do articulador *donc* por *então*, nesse contexto linguístico, em nada expressa o sentido do original. No enunciado em francês, o *donc* está marcando consequência. Assim, o *donc*, nesse caso, não pode ser traduzido por *então*, que introduz uma explicação, mas por *portanto*.

TRECHO 7... En quoi consisterait, en effet, un contre-exemple ? Ce serait un énoncé dans lequel on ne retrouverait pas la valeur littérale que le linguiste a attribuée à la phrase. Deux solutions seulement seraient alors possibles. Ou bien décider que l'énoncé est anormal, que le locuteur y a oublié, annulé, suspendu, un contenu sémantique qui, dans un usage « standard » du langage, devrait être présent. Ou, au contraire, décider que **c'est le linguiste qui a tort et réviser** la description d'abord donnée à la phrase, en l'**amputant** des éléments qui n'apparaissent pas dans l'énoncé scandaleux. (p.11)

... Em que consistiria, com efeito, um contra-exemplo? Seria um enunciado no qual não se encontraria o valor literal que o linguista atribuiu à frase. Duas soluções somente seriam então possíveis. Ou decidir que o enunciado é anormal, que o locutor esqueceu disso, anulou, cancelou, um conteúdo semântico que no uso “standard” da linguagem, deveria estar presente. Ou, ao contrário, decidir que **o linguista que errou e revisou** a descrição primeira dada à frase, em **apurando** os elementos que não apareciam no enunciado escandaloso. (p.5)

Percebemos nesse trecho dois desvios de tradução: *c'est le linguiste qui a tort et réviser* traduzido por *o linguista que errou e revisou* e *amputant* por *apurando*.

No primeiro desvio, notamos que o texto em francês apresenta uma sentença clivada *É X que P...*, nesse caso, *c'est le linguiste qui a tort et réviser*. No texto fonte tem-se duas ideias: decidir que o enunciado é anormal ou decidir que o linguista errou e revisou a descrição primeira dada à frase.

Percebemos que na tradução houve a supressão da sentença clivada. Dessa forma, houve uma alteração de sentido, gerando polifonia: ao afirmar que *o linguista que errou e revisou a descrição primeira dada à frase*, temos dois enunciadores: E1 - o linguista errou e revisou a descrição dada à frase e E2 - o linguista acertou a descrição dada à frase. Podemos afirmar que ao desconsiderar a sentença em francês, o tradutor atribui ao linguista duas atitudes em relação à frase. Portanto, as traduções adequadas seriam: *Ou, ao contrário, decidir **que foi o linguista que errou ao revisar** a descrição primeira dada à frase, em **lhe apurando** os elementos que não apareciam no enunciado escandaloso. Ou, ao contrário, decidir **que o linguista errou ao revisar** a descrição primeira dada à frase, em **lhe apurando** os elementos que não apareciam no enunciado escandaloso.*

Nesses enunciados, notamos que a tradução do verbo *amputer* conduz a um sentido diferente do que está no original: ao definir contra-exemplo, Ducrot apresenta duas possibilidades: afirmar que um enunciado é anormal, pois o locutor cancelou o conteúdo semântico, ou seja, o locutor cancelou o conteúdo semântico DC enunciado anormal. Nessa primeira parte do enunciado, a tradução e o original têm o mesmo sentido. No original, Ducrot diz que o linguista errou a primeira descrição da frase, **retirando** os elementos que não aparecem no enunciado. Temos, portanto, a seguinte argumentação interna para o verbo *amputer*: retirar parte de algo DC limitá-la. Verificamos que na tradução há o sentido contrário: ao dizer que *amputer* é apurar algo, temos: escolher cuidadosamente DC selecionar. Dessa forma, sabemos que a continuação do texto em português não tem sentido adequado, pois se o linguista errou a descrição da frase, é porque ele retirou elementos do enunciado. O verbo *apurar* exige um discurso distinto: se o linguista tivesse acertado a descrição dada à frase, ele colocaria elementos no enunciado. Vemos, portanto, que uma tradução adequada do verbo francês seria *retirar* e não *apurar*, resolvendo, assim, o problema de incompreensão semântica.

TRECHO 8 ...Ainsi, dans la notation la plus habituelle du Calcul propositionnel, on trouve toujours, immédiatement à droite d'un connecteur comme *et*, une et une seule **suite** de symboles qui constitue une proposition, et de même à gauche : ce sont ces deux **suites**, mécaniquement **repérables**, qui sont conjointes par le *et*. (p.15)

... Assim, na notação mais habitual do Cálculo proposicional, sempre se encontra, imediatamente à direita de um conector como *e*, uma e uma única **continuação** de símbolos que constitui a [sic] proposição e o mesmo à esquerda: são estas duas **continuações**, mecanicamente **orientáveis**, que são colocadas juntas pelo *e*. (p.9)

Notamos, nesses exemplos, dois problemas que dizem respeito à tradução: *suite*, traduzido como *continuação* e *repérables* traduzido como *orientáveis*. No original, Ducrot (1980) usa a palavra *suite* para referir-se à sequência de símbolos que constituem uma proposição em Cálculo Proposicional. A tradução *continuação* apresenta o seguinte encadeamento: *permanência DC neg interrupção*. Para nós, uma tradução mais adequada seria *sequência*, cujo encadeamento seria: *sequência DC dois segmentos unidos pelo conector e*. Se recorrermos ao dicionário veremos que tanto *sequência* como *continuação* possuem definições semelhantes. No Dicionário Aurélio (2008) verificamos que *sequência* é

1. ato ou efeito de seguir; 2. aquilo que vem em seguida; continuação de algo iniciado anteriormente. 3. conjunto de coisas, ações ou fatos que se sucedem sem interrupção, um após outro no espaço ou no tempo; sucessão série.

Continuação é

1. prosseguir ou prolongar sem interrupção. 2. dar seguimento a. 3. seguir-se a .

Vendo essas duas palavras no contexto do dicionário, ou seja, descontextualizadas poderíamos até afirmar que elas são sinônimos. No entanto, estamos trabalhando com uma semântica que considera a língua em uso e o sentido construído nela. Por causa disso, não podemos usar a palavra *continuação* para *suite*. A palavra *sequência* é capaz de dar o sentido apropriado e remeter adequadamente ao texto original. Dessa forma, temos *uma e uma única sequência de símbolos que constitui a proposição e o mesmo à esquerda: são estas duas sequências (...)* que são colocadas juntas pelo *e*.

Para analisarmos a tradução de *repérables* (*orientáveis*), acreditamos que é necessário usar a argumentação interna: *não saber a direção, o rumo de algo DC indicar/ guiar/ mostrar a direção, o rumo*. Todavia, notamos no original em francês que não é essa a ideia proposta por Ducrot (1980). Ao propormos a tradução de **repérables** como **resgatáveis**, temos a seguinte argumentação interna: *não obter relação DC retomar/ recuperar essa relação*. Referindo-se ao enunciado, temos: ... Assim, na notação mais habitual do Cálculo proposicional, sempre se encontra, imediatamente à direita de um conector como *e*, uma e uma única **sequência** de símbolos que constitui a proposição e o mesmo à esquerda: são estas duas **sequências**, mecanicamente **resgatáveis**, que são colocadas juntas pelo *e*.

TRECHO 9 Une phrase ne peut contenir que des X et des Y, et, par exemple, avoir la structure X + connecteur + Y: elle ne peut donc pas indiquer par elle-même ni la nature des entités sémantiques

articulées, ni l'**étendue** des segments où ces entités **sont** manifestées. **Par suite**, sa signification **ne saurait contenir** une proposition posant tel ou tel rapport entre P et Q : la phrase signale seulement à l'interprétant qu'il doit chercher deux entités sémantiques P et Q, liées plus ou moins directement à X **et** à Y (selon des modalités à définir pour chaque connecteur) et qui peuvent avoir entre elles la relation que le connecteur implique (p.17).

Uma frase só pode conter X e Y, e, por exemplo, ter a estrutura X+ conector + Y: e la não pode então indicar por ela mesma a natureza das entidades semânticas articuladas, nem a **importância (o espaço)** dos segmentos onde estas entidades **são/estão** manifestadas. **Por continuação**, sua significação **não saberia conter** uma proposição fazendo tal ou tal ligação entre P e Q: a frase assinala somente ao interpretante que ele deve procurar duas entidades semânticas P e Q ligadas mais ou menos diretamente a X **ou** a Y (conforme as modalidades a definir para cada conector) e que podem ter entre elas a relação que o conector implica.(p.10)

Percebemos, nesses enunciados, cinco problemas referentes à tradução: *l'étendue* por *importância (o espaço)*; *sont* por *são/estão*; *par suite* traduzido como *por continuação*; *sa signification ne saurait contenir* traduzida como *sua significação não saberia conter* e *P et Q, liées plus ou moins directement à X et à Y* traduzido por *P e Q ligadas mais ou menos diretamente a X ou a Y*.

O primeiro desvio referente à *l'étendue* traduzido por *importância (o espaço)* tem duas opções. As argumentações internas são capazes de explicá-los. *Étendue* tem a seguinte AI: quantidade DC tamanho; enquanto a tradução, além de não corresponder ao original, apresenta duas possibilidades de tradução, deixando que o leitor escolha a mais adequada: AI de importância: grande valor DC apreço; e a AI de espaço: lugar bem delimitado DC área restrita. A tradução que desfaria esse desvio seria *extensão*, e não *importância* ou *espaço*. Além disso, pela ANL, um segmento não é mais ou menos importante do que o outro em um encadeamento.

O segundo problema não seria exatamente um desvio de tradução, visto que o verbo *être* pode ser traduzido tanto como ser ou estar. Se observarmos o texto original, verificaremos que nesse contexto linguístico, as duas expressões são possíveis. O que consideramos um problema é que novamente, como no segundo desvio, o tradutor deixou ao leitor que escolhesse a melhor opção de tradução. O tradutor deve tomar decisões e não deixar lacunas no texto.

Parece-nos que a tradução inadequada do conector *par suite* é semelhante à que se encontra no trecho 8. A expressão apresenta duas situações de uso distintas. No original, o articulador *par suite* indica que algo que foi dito no enunciado anterior traz consequência para o enunciado

seguinte: frase X CON Y DC neg indicação da natureza das entidades semânticas articuladas/ neg extensão dessas entidades. Dessa forma, temos o seguinte encadeamento formado pelo articulador: significação da frase DC entidades semânticas P e Q. Na tradução *por continuação* não verificamos esse sentido, parece-nos que a frase faz parte de uma fórmula em que determinadas etapas precisam ser seguidas, tornando-se independentes e isso pode ser verificado no encadeamento do conector *por continuação*: permanência DC neg interrupção. *Por continuação* não indica relação entre os dois enunciados como acontece no original. A tradução mais adequada que resgata essa relação é *consequentemente*, visto que relaciona o primeiro enunciado que trata da frase ao segundo que aborda a significação.

Outro problema diz respeito à expressão *ne saurait contenir*. Para Ducrot, a significação da frase acontece quando duas entidades semânticas P e Q ligadas à X e Y estão relacionadas pelo conector. Podemos construir a ideia do enunciado *Consequentemente, sua significação não saberia conter uma proposição fazendo tal ou tal ligação entre P e Q* pelo encadeamento: frase DC entidades abstratas X e Y e também pela argumentação interna do verbo *saurait contenir*: ter possibilidade de DC ter direito de. Sabemos que o tradutor usou o sentido literal, ou seja, um sentido fechado, constante, preexistente ao uso ao traduzir *saurait* por *saberia*, sendo a argumentação interna: compreender DC perceber. Ele não levou em consideração o contexto linguístico em que a palavra estava sendo usada, causando um sentido distinto do original: frase DC neg capacidade de ligação entre P e Q. Sabemos também que, na língua francesa, o verbo *savoir* no condicional juntamente com um verbo no infinitivo adquire um sentido diferente, o de possibilidade, o que, de fato foi confirmado pelo encadeamento. Dessa forma, a tradução correspondente à *ne saurait contenir* é *não poderia conter*.

O último problema refere-se à tradução de *P et Q, liées plus ou moins directement à X et à Y* traduzido por *P e Q ligadas mais ou menos diretamente a X ou a Y*. Podemos verificar que no texto original, P está ligado a X e Q está ligado a Y. Na tradução, parece-nos que P e Q podem estar ligados tanto a X como a Y, e não é isso que o texto original propõe. Enquanto a tradução mostra uma alternância, o original revela que P só pode construir sentido quando agrupado com X e Q com Y. Dessa forma, a tradução do articulador *et* em francês, nesse contexto linguístico, só pode ser *e* e não *ou*.

TRECHO 10

En fait, on doit aller encore plus loin dans le pessimisme. Il n'est pas difficile de trouver des cas, en sémantique linguistique, où le cercle est incostestablement bouclé, où hypothèses externes et internes coïncident, où le modèle n'explique donc plus rien d'autre que son propre « coût

théorique ». On pourrait le montrer en recourant à des exemples de détail. J'en signalerai un seul, que je reprends à Anscombe-Ducrot, 1976 (p.8), en le présentant un peu autrement et en insistant sur la situation méthodologique qu'il illustre. Nous avons rencontré dans un article de journal l'énoncé :

Peu d'automobiliste dépassent le 120 km/h (Presque 20%)

Cet énoncé appartenait à une argumentation dont l'auteur contestait la possibilité de réduire sensiblement la consommation française de pétrole en limitant à 120km/h la vitesse sur les autoroutes. Nous prenions pour observable le fait que la parenthèse, dans cet énoncé, a valeur de concession et non pas de justification (ce qui produit un effet un peu bizarre, vul l'utilisation habituelle des parenthèses). Le journaliste, selon nous, ne la destine pas à étayer l'affirmation que peu d'automobilistes dépassent le 120 et qu'une limitation autoritaire de la vitesse n'aurait donc pas d'incidence effective sur les dépenses d'énergie : il apporte au contraire une restriction à cette thèse, *en concédant* que, *malgré tout*, il y en a à peu près 20%. Une fois admise comme fait, l'interprétation concessive de la parenthèse s'explique facilement dans le cadre de notre théorie de « l'argumentation dans la langue », théorie qui fonctionne comme hypothèse interne. Pour nous, en effet, une phrase comportant une indication quantitative *presque x* est orientée vers des conclusions telles que la même phrase, où l'on aurait substitué *x* à *presque X*, serait, en faveur de cette conclusion, un argument plus fort. D'où il résulte immédiatement que *presque 20%* ne saurait servir à justifier une conclusion du type « peu » - puisque l'indication *20%* serait évidemment, pour cette conclusion, un argument moins fort. La conclusion permise par la parenthèse est donc évidemment du type « beaucoup », de sorte que cette parenthèse doit, dans le contexte en question, avoir valeur de concession.

Mais le problème, devant une telle explication, est de savoir si l'hypothèse interne utilisée ne crée pas le fait même dont elle rend compte, en l'occurrence l'interprétation concessive de la parenthèse. Cette interprétation tient en effet à ce que l'on admet une opposition entre concession et justification. Or il est patent (on trouvera des exemples ici-même dans le chapitre sur *d'ailleurs*) que, dans une stratégie discursive d'ensemble, toute concession a une valeur justificatrice : en montrant que j'ai pris en considération les objections d'un adversaire réel ou fictif, je confère à mes propres thèses une impartialité et un sérieux qu'elles n'auraient pas si elles étaient présentées de façon plus abrupte – manoeuvre qui fonde, en général, toute politique libérale. Etiqueter la parenthèse de notre journaliste comme une concession, c'est donc faire une hypothèse très forte : c'est supposer que l'aspect concessif, dans la stratégie que je viens de schématiser, possède **une certaine cohérence**, qu'il a une sorte de réalité indépendante et qu'il est par suite isolable de son exploitation ultérieure pour une justification (p.25)

De fato, deve-se ir ainda mais longe no pessimismo. Não é difícil de achar caso, na semântica linguística, em que o círculo está incontestavelmente fechado, onde hipóteses interna e externa coincidem, onde o modelo não explica nada além de seu próprio “custo teórico”. Isso poderia ser mostrado em se recorrendo a exemplos detalhados. Eu assinalarei um único deles, que tomo de Anscombe-Ducrot, 1976, (p.8), em o apresentando de maneira diferente e insistindo na situação metodológica que ele ilustra. Encontramos em um artigo de jornal o enunciado:

Poucos motoristas ultrapassam 120 km/h (quase 20%)

Este enunciado pertencia a uma argumentação em que o autor contestava a possibilidade de reduzir sensivelmente o consumo francês de petróleo limitando em 120 km/h a velocidade nas rodovias. Nós tomaremos por observável o fato de que os parênteses, neste enunciado, têm valor de concessão e não de justificativa (o que produz um efeito um pouco bizarro, visto a utilização habitual dos parênteses). O jornalista, segundo nossa opinião, não os destina a apoiar a afirmação de que poucos motoristas ultrapassam 120 km/h e que uma limitação autoritária de velocidade não teria incidência efetiva sobre as despesas de energia: ele traz ao contrário uma restrição a esta tese, consentindo que apesar de tudo há aproximadamente 20% deles. Uma vez admitido como fato, a interpretação concessiva dos parênteses se explica facilmente nos moldes de nossa teoria da “argumentação na língua”, teoria que funciona como hipótese interna. Para nós, em verdade, uma frase comportando uma indicação quantitativa *quase x* está orientada em direção a conclusões tais que a mesma frase, onde se estivesse substituído *x* por *quase x*, seria, em favor desta conclusão, um argumento mais forte. De onde resulta imediatamente que *quase 20%* não saberia servir para justificar uma conclusão do tipo “pouco” – já que a indicação *20%* seria evidentemente, para esta conclusão, um argumento menos forte. A conclusão permitida pelos parênteses é então evidentemente do tipo “muito”, de modo que estes parênteses devam, no contexto em questão, ter valor de concessão.

Mas o problema, frente a uma tal explicação, é de saber se a hipótese interna utilizada não cria o fato mesmo de que ela dá conta, no caso a interpretação concessiva dos parênteses. Esta interpretação consiste em que se admita uma oposição entre concessão e justificativa. Ora é patente (se poderá encontrar exemplos aqui mesmo no capítulo sobre *aliás*) que, em uma estratégia discursiva de conjunto, toda concessão tem um valor justificativo: mostrando que eu levei em consideração os objetivos de um adversário real ou fictício, eu confiro às minhas próprias teses uma imparcialidade e uma seriedade que elas não teriam se fossem apresentadas de modo mais abrupto – manobra que funda, em geral, toda política liberal. Etiquetar os parênteses de nosso jornalista com uma concessão, é então fazer uma hipótese muito forte: é supor que o aspecto concessivo, na estratégia que acabo de esquematizar, possui **uma certa incoerência** que ele tem um tipo de

realidade independente e que ele é por consequência isolável de sua exploração ulterior para uma justificação. (p.18)

Verificamos nesses enunciados que a adição do prefixo *in* na palavra *coerência* modifica todo o sentido do enunciado. No enunciado em francês podemos construir o seguinte encadeamento: quase 20% DC certa coerência / realidade independente, isolável, em que Ducrot justifica o porquê dos parênteses e do aspecto concessivo. Percebemos com isso, que a expressão *une certaine cohérence* exige uma continuação. Notamos que, no enunciado traduzido há uma contradição, não respeitando a continuação que o enunciado impõe. Dessa forma o termo *incoerência* não faz a relação com o que foi dito anteriormente, mostrando claramente o posicionamento do tradutor. O encadeamento do enunciado traduzido pode ser expresso da seguinte maneira: quase 20% DC neg certa coerência/ neg realidade independente/ isolável. Notamos, portanto, que o encadeamento da língua fonte pertence ao bloco semântico 1 (A DC B), enquanto o encadeamento da língua alvo pertence ao bloco semântico 2 (A DC NEG B). Vemos claramente a mudança semântica entre um e outro. Por isso, a tradução adequada para a palavra *cohérence* é *coerência*, mantendo o sentido proposto no texto original.

TRECHO 11 Que la sémantique linguistique puisse jouer le rôle d'un guide de lecture, cela se voit encore plus nettement si l'on a d'autre part renoncé, comme je l'ai demandé au début de cet exposé, à la notion de «sens littéral», et que l'on conçoit les significations de phrases comme des *instructions* pour décoder leurs énoncés en exploitant les **indications** fournies par la situation de discours. Tant qu'on croit, en effet, à un «sens littéral» de la phrase, qui serait une portion du sens de l'énoncé, ce que la théorie linguistique détermine, dans la sémantique de l'énoncé, c'en **est** seulement un élément minimum, une sorte de noyau constant que les **apports** situationnels viennent recouvrir indépendamment de toute règle linguistique. (p.32)

Que a semântica linguística possa fazer o papel de um guia de leitura, isso se vê ainda mais nitidamente caso se renuncia de outra parte, como pedi no começo dessa apresentação, à noção de “sentido literal” e que as significações das frases sejam concebidas como instruções para decodificar seus enunciados, explorando as **situações** fornecidas pela situação do discurso. Sem dúvida, enquanto se acreditar num sentido literal da frase, que seria uma porção do sentido do enunciado, o que a teoria linguística determina, na semântica do enunciado, **seria** somente um elemento mínimo, uma espécie de núcleo constante que as **adições** situacionais encobrem independentemente de toda regra linguística.(p.23)

Percebemos nesses enunciados três problemas referentes à tradução: *indications* traduzida como *situações*, verbo *être* na terceira pessoa do singular do presente do indicativo (*est*) traduzido na terceira pessoa do singular do futuro do pretérito (*seria*) e *apports* traduzida como *adições*. Notamos que, no texto em francês Ducrot explica que a semântica linguística nega o sentido literal e defende que as significações das frases são as instruções dadas por ela. Logo, na continuação do discurso, ele procura explicar o que são essas instruções: *indications fournies par la situation de discours*. Temos, então, o encadeamento: semântica linguística DC neg sentido literal; semântica linguística DC defende a significação/instrução da frase. Para podermos entender o que é instrução para Ducrot, faremos sua argumentação externa à direita: instrução DC significação. Percebemos que a tradução de *indications* por *situações* dá à palavra *situação* dois sentidos distintos. A argumentação externa mostra essa incompatibilidade semântica: situação DC situações fornecidas pela situação do discurso. A tradução para *indications* é *indicações*.

O segundo problema em que o verbo *être* na terceira pessoa do singular do presente do indicativo (*est*) é traduzido na terceira pessoa do singular do futuro do pretérito (*seria*) pode ser considerado como um desvio de sentido causado pela modalização. Em francês, o verbo *être* (*est*) indica uma afirmação, em que o sentido literal pela Semântica Linguística pode ser definido como um elemento mínimo, conforme o encadeamento: sentido literal DC elemento mínimo. Na tradução, encontramos uma polifonia, uma possibilidade em que o sentido literal pode ou não ser considerado um elemento mínimo como observamos nos encadeamentos: sentido literal DC elemento mínimo; sentido literal DC neg elemento mínimo. Para desfazermos esse desvio semântico de modalidade, propomos que o verbo *être* seja traduzido pelo presente do indicativo: *o que a teoria linguística determina, na semântica do enunciado, é somente um elemento mínimo*.

Para resolvermos de forma adequada o terceiro problema encontrado, acreditamos que é necessário aplicarmos também a argumentação interna. Para explicar por que o sentido literal possui um sentido mínimo, Ducrot recorre à situação (*apports situationnels*). Nesse contexto discursivo, podemos afirmar que *apports situationnels* apresenta a seguinte AI: contribuir com algo DC cooperar com algo. Assim, o encadeamento do enunciado é: sentido literal DC elemento mínimo/constante; sentido literal DC contribuição situacional; sentido literal DC neg regra linguística. Notamos que a AI de *adições situacionais* mostra um sentido, se não oposto, completamente diferente do original: algo ser insuficiente DC acrescentar. O encadeamento mostra essa diferença: sentido literal DC elemento mínimo/constante; sentido literal DC adição situacional; sentido literal DC neg regra linguística. Notamos também que esse encadeamento é um pouco forçado, pois se o sentido literal possui um sentido constante, fechado, preexistente ao uso, a situação ajuda a construir o sentido, por isso não pode ser considerada uma adição que preenche as

lacunas não preenchidas. Para nós, a tradução para *apports situationnels* é *contribuições situacionais*.

TRECHO 12

A titre d'illustration linguistique (au sens le plus étroit du terme) du concept de polyphonie, j'indiquerai d'abord son utilité pour décrire l'opposition existant entre les conjonctions françaises *puisque* et *car*. (J'utiliserai, en les reformulant, certaines indications de $\lambda - 1, 1975$). Toutes deux servent à introduire un énoncé E2 justifiant l'énonciation d'un autre énoncé E1 :

Sortons (E1) puisqu' / car il fait beau (E2)

Leur différence, du point de vue sémantico-pragmatique, a trait au statut énonciatif de E1 et de E2. En ce qui concerne E1, il est remarquable, dans le cas de *puisque*, que son **énonciateur** peut être présenté comme distinct du locuteur (il faudrait même, je pense, dire *doit*, mais je n'essaierai pas de le montrer ici), ce qui est plus inhabituel avec *car*. (p.47)

A título de ilustração linguística (no sentido mais específico do termo) do conceito de polifonia, indicarei primeiro sua utilidade para descrever a oposição existente entre as conjunções francesas *visto que* e *pois*. (Utilizarei, reformulando-as, certas indicações de $\lambda - 1, 1975$). Ambas servem a introduzir um enunciado E2 justificando a enunciação de um outro enunciado E1 :

Vamos sair (E1) visto que / pois o tempo está bonito (E2)

A diferença entre eles, do ponto de vista semântico-pragmático, se reporta ao estatuto enunciativo de E1 e de E2. No que diz respeito à E1, nota-se no caso de *visto que*, que seu **enunciado** pode ser apresentado como distinto do locutor (seria mesmo preciso, penso, dizer *deve*, mas não tentarei mostrá-lo aqui), o que é pouco habitual com *pois*. (p.36)

Notamos que, nesse exemplo, o termo original em francês *énonciateur* refere-se à origem dos diferentes pontos de vista: *Sortons puisqu'il fait beau* (E1) e *Sortons car il fait beau* (E2). Dessa forma temos a argumentação externa à direita do termo: enunciador DC origem dos diferentes pontos de vista.

Já na tradução percebemos que houve uma troca de termos de **enunciador** para **enunciado**. Para Ducrot (2005), um enunciado é uma ocorrência particular da frase e nessa situação de discurso não é ao enunciado que o autor se refere, mas ao enunciador. Assim, enquanto no original temos *Sortons* (E1); *il fait beau* (E2), em que o bom tempo é o motivo para alguém querer sair, sendo a

argumentação externa à direita representada como *bom tempo DC sair, bom tempo PT não sair*, na tradução constatamos que a troca de termos leva a uma não compreensão daquela proposta no original: o enunciado é a junção de dois segmentos por um conector *Vamos sair (E1) visto que/pois o tempo está bonito*. Percebemos, então, que a continuação na tradução não condiz com o que está sendo dito no original, pois no original temos dois sentidos distintos devido aos diferentes usos de elos coesivos: *puisque /car*, e isso gera dois pontos de vista. Na tradução, esse fato não ocorre, pois o termo *enunciado* remete a *Vamos sair (E1) visto que/pois o tempo está bonito (E2)*.

TRECHO 13

N : - *Eh bien, sortons (E1), car, comme tu l'as dit , il fait (vraiment/dialement) beau aujourd'hui (E2)*. (...)

Difficile aussi d'introduire **sacrément, dialement**, qui sont (cf. Cornulier, 1976, Sirdar-Iskandar, 1979) des espèces d'interjections adverbialisées et impliquent de ce fait, un engagement personnel du locuteur dans l'assertion. (**En effet**, en disant *Il fait dialement beau*, j'attribue au temps un prédicat, *dialement beau*, signifiant que la qualité du temps est telle qu'elle m'arrache l'interjection *Diablo!* d'où il résulte que la prédication, dans son contenu sémantique même, est inséparable de l'interjection et suppose, comme cette dernière, une expérience directe du locuteur, nécessairement identifié, alors, avec l'énonciateur). Les seules combinaisons possibles de *vraiment* ou *dialement* avec *puisque* me semblent les cas où l'allocutaire a dit lui-même: *Il fait vraiment/dialement beau* et où le locuteur reprend, en l'imitant: *Puisqu'il fait vraiment/dialement beau...* Il est a fortiori évident, ici, que le locuteur n'est pas énonciateur en E2. (p.49)

N : - *Bom, vamos sair (E1), pois, como tu o disseste, o dia hoje está (realmente/ incrivelmente) bonito (E2)*. (...)

Difícil também introduzir **consagradaamente, incrivelmente** (cf. Cornulier, 1976, Sirdar-Iskandar, 1979) que são tipos de interjeições adverbializadas e implicam por esta razão um engajamento pessoal do locutor na asserção. (**Na verdade**, dizendo está terrivelmente bonito, atribuo ao tempo um predicado terrivelmente bonito, significando que a qualidade do tempo é tal que me arranca a interjeição *Diabo!* da onde resulta que a predicação, no seu conteúdo semântico mesmo, é inseparável da interjeição e supõe, como esta, uma experiência direta do locutor, necessariamente identificado, então, com o enunciador). As únicas combinações possíveis de *realmente* ou *terrivelmente* com *visto que* me parecem o caso onde o próprio alocutário disse: *Está*

realmente/terrivelmente bonito, e onde o locutor retoma, imitando-o: *Visto que está realmente/terrivelmente bonito...* Aqui é a fortiori evident que o locutor não é enunciador em E2. (p.38)

Notamos, nesse exemplo, que o articulador **en effet** modifica diretamente o sentido do texto em francês, pois introduz uma explicação do enunciado precedente, argumenta por que interjeições adverbializadas são difíceis de serem usadas. Com o enunciado que segue há um esclarecimento e uma aplicação dessas interjeições. Essa ideia só é possível por meio do articulador. Esquematizando melhor essa elucidação, temos: *Interjeições adverbializadas difíceis de serem usadas DC exigência de comprometimento do locutor*. Esse encadeamento pode ser representado como *A DC B*, ou seja, o bloco 1 do quadrado argumentativo. Já na tradução, notamos que o uso do articulador **na verdade** compromete o original devido ao seu sentido polifônico. Ao dizer **na verdade**, podemos ver que se tem algo que é verdadeiro, certo, seguro e tem-se também algo que é duvidoso: *Interjeições adverbializadas difíceis de serem usadas DC exigência de comprometimento do locutor* ou *Interjeições adverbializadas difíceis de serem usadas DC neg exigência de comprometimento do locutor*. Acreditamos que algumas traduções adequadas seriam: **com efeito/de fato**, *dizendo está terrivelmente bonito, atribuo ao tempo um predicado terrivelmente bonito...* Assim, temos o sentido proposto pelo autor e não sentidos como propõe o tradutor.

Notamos também que as expressões *sacrément*, *diablement* não podem ser traduzidas literalmente como *consagradamente*, *incrivelmente* devido à delocutividade em que algumas expressões fazem alusão à enunciação efetiva ou virtual de outras. De acordo com o *Nouveau dictionnaire encyclopédique des sciences du langage* (1995), o primeiro sentido de uma palavra se identifica com o conjunto de possibilidades argumentativas ligadas ao seu uso. Uma tradução adequada para os termos seriam: *sacrément*: grandiosamente e *diablement*: diabolicamente.

4.1.5 Trecho 14: Para uma gramática argumentativa da frase: os casos de O e UM

TRECHO 14 Prenons alors l'énoncé avec LE :

(2Le) La tempête a balayé ce week-end l'Europe du nord, faisant quatorze morts au Danemark, en Suède et en Grande-Bretagne.

Ici, l'interprétation porte sur le verbe balayer : ce qui balaye ne laisse rien, et c'est ça ce que l'on dit : la tempête a balayé, donc elle a fait des victimes. Si on disait *la tempête s'est approchée de l'Europe du nord, faisant quatorze morts*, là on sent que c'est malgré le fait qu'elle s'est juste approchée, que la tempête a fait des victimes. Alors que si dans cet énoncé on met un groupe sujet

avec l'article UN : *une tempête s'est approchée de l'Europe du nord, faisant quatorze morts*, on voit que l'aspect exprimé est le même que celui (2un) : il y a eu des victimes parce qu'il y a eu une tempête. On constate ainsi une fois encore que l'article UN conduit à faire du groupe nominal sujet un « constructeur » de l'aspect argumentatif, un Terme Constitutif, tandis que l'article LE en fait **juste** un Sélecteur, élément secondaire de la prédication. (p.7)

Tomemos então o enunciado com O :

(2-O) A tempestade varreu nesta semana a Europa do Norte fazendo quatorze mortos na Dinamarca, na Suécia e na Grã-Bretanha.

Aqui a interpretação diz respeito ao verbo *varrer*: o que varre não deixa nada, e é isso que se diz: a tempestade varreu, portanto ela fez vítimas. Se dizemos *a tempestade se aproximou da Europa do Norte, fazendo quatorze mortos*, sente-se que é apesar do fato de que ela apenas se aproximou que a tempestade fez as vítimas. Enquanto se, nesse enunciado, coloca-se um grupo sujeito com o artigo UM: *uma tempestade aproximou-se da Europa do Norte, fazendo quatorze mortos*, vê-se que o aspecto expresso é o mesmo que aquele de (2-UM): houve vítimas porque houve uma tempestade. Constata-se assim mais uma vez que o artigo UM leva a fazer do grupo nominal sujeito um « construtor » do aspecto argumentativo, um Termo Constitutivo, enquanto o artigo O faz dele **justamente** um Seletor, elemento secundário da predicação. (p.40)

Nesses enunciados encontramos um problema de tradução que modifica completamente o sentido do texto original: *a tradução de juste por justamente*. O autor argentino explica quais são as implicações de sentido que os artigos *um* e *o* ocasionam no enunciado. No enunciado *a tempestade se aproximou da Europa do Norte, fazendo quatorze mortos*, o artigo definido é um seletor, enquanto no enunciado *uma tempestade aproximou-se da Europa do Norte, fazendo quatorze mortos*, o artigo indefinido é um termo constitutivo do enunciado. Notamos que o advérbio *juste* modifica consideravelmente a continuação do discurso e esse fato não foi considerado pelo tradutor. Nesse contexto discursivo *juste* possui a seguinte argumentação interna: único DC neg existência de outros. Dessa forma, ao afirmar que o artigo O é só um seletor, podemos afirmar que outras formas de classificá-lo estão descartadas. Na tradução notamos que *justamente* significa algo que é justo, correto, sendo a argumentação externa: algo justo DC algo correto. Notamos também que o tradutor utilizou o sentido literal, desconsiderando o uso. Ducrot critica esse posicionamento, defendendo o uso da língua. De acordo com o *Nouveau dictionnaire encyclopédique des sciences du langage* (1995), de Oswald Ducrot e Jean-Marie Schaeffer, advérbios de enunciação são algumas expressões adverbais que qualificam a enunciação até mesmo naquelas em que o enunciado apareceu. E é isso

que ocorre nesse enunciado: o advérbio *juste* modifica o sentido de *seletor*. Assim, *juste* não pode ser traduzido como *justamente*, mas como *apenas*. Dessa forma, o sentido proposto pelo texto original é construído sem prejuízo de sentido.

4.1.6 Trecho 15: Descrição argumentativa e descrição polifônica: o caso da negação

TRECHO 15 En disant “selon les bons étudiants, l’examen était facile”, on prend en charge, nous l’avons dit, l’énonciateur “bons étudiants” et l’on pretend imposer son point de vue, à savoir la facilité de l’examen. (...)

La facilité que le locuteur introduit dans l’univers du discours serait toute différente si l’**énoncé** était « même selon les mauvais étudiants, l’examen était facile ». (p. 4)

Dizendo « segundo os bons estudantes, o exame era fácil », assume-se, dissemos, o enunciador « bons estudantes » e pretende-se impor seu ponto de vista, a saber a facilidade do exame. (...)

A facilidade que o locutor introduz no universo do discurso seria completamente diferente se o **enunciador** fosse « até mesmo para os maus estudantes, o exame era fácil ». (p. 9)

Nesse exemplo, percebemos a troca de termos. No original, podemos afirmar que o enunciado « même selon les mauvais étudiants, l’examen était facile » assume que o enunciador se refere não somente aos maus estudantes, mas também aos bons e que o ponto de vista defendido pelo enunciador é da facilidade do exame.

Na tradução verificamos, como no enunciado anterior, a inadequação do termo, pois o enunciador seria tanto os maus como os bons estudantes e ainda a facilidade do exame e sabemos que isso não é compatível com a teoria. Temos, então, no **enunciado** « até mesmo para os maus estudantes, o exame era fácil », os **enunciadores** maus e bons estudantes e o ponto de vista assumido por eles, em que a facilidade do exame seria diferente. Dessa forma, temos a seguinte tradução: *Dizendo « segundo os bons estudantes, o exame era fácil », assume-se, dissemos, o enunciador « bons estudantes » e pretende-se impor seu ponto de vista, a saber a facilidade do exame. (...)*

*A facilidade que o locutor introduz no universo do discurso seria completamente diferente se o **enunciado** fosse “até mesmo para os maus estudantes, o exame era fácil”.*

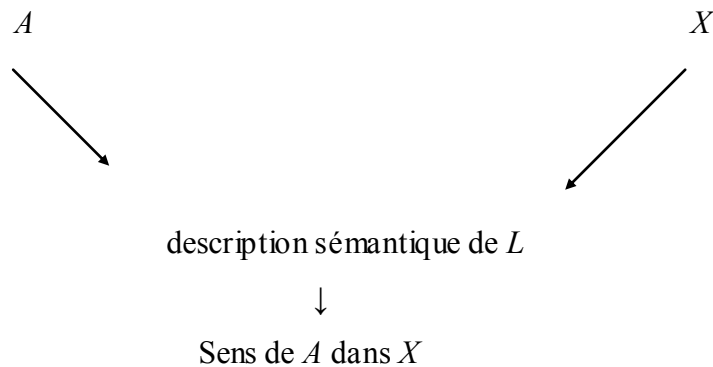
3.1.7 Trechos 16-31: A pressuposição na descrição semântica

TRECHO 16 - De plus il existe beaucoup d'expressions qui ne peuvent guère, dans la langue, être niées d'une façon directe, c'est-à-dire à l'aide des morphèmes de négation habituels (ne...pas, il est faux que...); cf: 1. Pierre, lui, est venu.2. Nous sommes enfin arrivés; 3. Pour un français, il sait beaucoup de logique. Pour décider quelles sont leurs négations, nous ne pouvons même pas nous **confier** aux "réactions spontanées" du sujet parlant (qui ne sont ici, guère assurées). En fait, c'est la loi de négation elle-même qui fournira, dans ces cas, l'argument le plus probant, et nous chercherons des énoncés qui conservent ce que nous croyons les pré-supposés des énoncés primitifs, par exemple: 1'. Pierre non plus n'est pas venu.2'. Nous ne sommes toujours pas arrivés. 3'. Même pour un français, il sait beaucoup de logique. (p.104)

Além do mais, há muitas expressões que dificilmente podem, na língua, ser negadas de maneira direta, quer dizer, por meio dos morfemas de negação habituais (não, é falso que...); cf:1. Pedro, esse veio. 2. O trabalho está finalmente pronto. 3. Para um francês, ele sabe muita lógica. Para decidir quais são negações, não podemos sequer **basear-nos** nas "reações espontâneas" do sujeito falante, (que, aqui, são muito pouco seguras). Com efeito, é a própria lei da negação que fornece nestes casos o argumento mais probante, e nós procuramos enunciados que conservem o que cremos serem os pressupostos dos enunciados dados, por exemplo: 1'. Pedro também não veio 2'. O trabalho ainda não está pronto. 3'. Mesmo para um francês, ele não sabe muita lógica. (p.114)

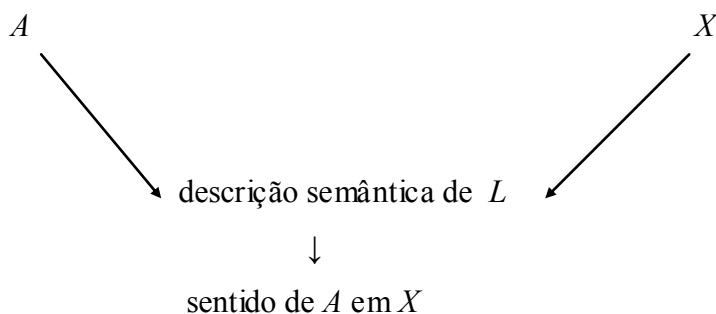
Nesses enunciados encontramos um problema de tradução: *se confier* traduzido como *basear-nos*. Ducrot afirma nesse trecho que algumas asserções não podem ser negadas simplesmente com o uso de *não* e *é falso que* e que para decidi-las não se pode *confier* nas reações do sujeito falante. Temos, então, o encadeamento: afirmações DC neg uso de morfemas de negação e neg confiança no sujeito falante. Para compreendermos o que a palavra em francês significa nesse contexto de uso, verificaremos seu encadeamento: *se confier: alguém ser seguro DC alguém que não apresenta dúvidas*. Notamos, entretanto, que a argumentação interna da palavra *basear* tem um sentido completamente diferente e isso pode ser visto no encadeamento: servir como exemplo/ como base DC fundamentar-se em algo/em alguém. Sabemos que Ducrot afirma que para construir as negações de nada adiantaria as reações espontâneas do sujeito falante, por isso essa tradução não é capaz de construir um sentido apropriado do original. A tradução de *se confier* por *confiar em* é capaz de revelar o sentido proposto pelo original, e não minimiza a ideia do linguista francês.

TRECHO 17 - Que faut-il entendre lorsqu'on parle de la description sémantique d'une langue ? Pour notre part, nous entendons par là un ensemble de connaissances qui permettent de prévoir le sens que reçoit effectivement chaque énoncé de la langue dans chacune des situations où il est employé (le caractère utopique de cet objectif ne prouve pas qu'il ne soit pas utile comme horizon de travail). Soit A un énoncé de la langue L et X , une situation d'emploi : la description L doit donner le sens de A employé dans les circonstances X .



Deux remarques préliminaires à propos de cette définition. Pour qu'on puisse parler de prévision, il faut que la chose prévue puisse être connue **par ailleurs** (par exemple observée), indépendamment des démarches par lesquelles on a pu la prévoir. (p.106)

O que se deve entender quando se fala da descrição semântica de uma língua? No que nos diz respeito, entendemos a descrição semântica como um conjunto de conhecimentos que permitem prever o sentido que recebe efetivamente cada enunciado da língua em cada uma das situações em que é empregado (o caráter utópico desse objetivo não prova que ele não seja útil como horizonte de trabalho). Seja A um enunciado da língua L , e X uma situação de emprego: a descrição de L deve dar o sentido de A empregado nas circunstâncias X .



Duas observações preliminares a respeito dessa definição. Para que se possa falar de previsão, cumpre que a coisa prevista possa ser conhecida **de outro modo** (por exemplo, observada), independentemente das operações por meio das quais foi possível prevê-la. (p.116)

Notamos nesses enunciados que o articulador traduzido não corresponde à proposta do original, gerando um sentido totalmente diferente. No enunciado em francês percebemos que *par ailleurs* reforça o que será dito no enunciado seguinte. Temos, então, o encadeamento: previsão DC coisa prevista independente das operações por meio das quais foi possível prevê-la. Verificamos que no enunciado traduzido essas relações não ocorrem: *de outro modo* conduz o enunciado a um ponto de vista diferente, contrário ao que foi dito: previsão DC coisa prevista independente das operações por meio das quais foi possível prevê-la / previsão DC coisas previstas observadas. Sabemos que *par ailleurs* é uma expressão difícil de ser traduzida, mas isso não justifica a interpretação feita na tradução. Para nós, uma tradução adequada a *par ailleurs* é *em outro lugar/em outro contexto* e não *de outro modo*.

TRECHO 18 - Non seulement la description sémantique n'est plus **suspendue** alors **au préalable** d'un métalangage universel, mais il devient possible de l'entreprendre avant même d'avoir à sa disposition l'un des métalangages particuliers, L', L'', L''', envisagés plus haut - situation, on l'aura deviné, qui se trouve être la nôtre. (p.109)

Não só a descrição semântica deixa de **depende** da **condição prévia** de uma metalinguagem universal, mas torna-se possível empreendê-la, antes mesmo de dispor de uma das metalinguagens particulares L', L'', L''', que forma objeto de conjectura mais acima - situação essa que, como o leitor terá adivinhado, é a nossa. (p.120)

Percebemos nesses enunciados, dois problemas de tradução: *suspendue* traduzido por *depende* e *au préalable* por *condição prévia*. *Deixar de depender de algo* apresenta o seguinte encadeamento: ter dependência de algo em t0 PT deixar de ter dependência em t1. Pensamos que não se pode transformar uma frase negativa em positiva. Sabemos que a negação *ne plus* tem a função de reforçar algo que não acontece mais e pode ser traduzida como *não mais*. Através do encadeamento de *suspendue* podemos encontrar uma tradução mais adequada, não modificando o que está sendo dito: fazer uma ação PT parar de fazê-la/interrompê-la. Para que consigamos traduzir o sentido original, devemos reformular o texto traduzido da seguinte forma: *Não só a descrição*

semântica não depende mais da condição prévia de uma metalinguagem universal, mas torna-se possível empreendê-la, antes mesmo de dispor de uma das metalinguagens particulares L', L'', L''', que forma objeto de conjectura mais acima - situação essa que, como o leitor terá adivinhado, é a nossa. Acreditamos que essa tradução reproduz melhor o sentido do que aquela proposta pelo tradutor. Para nós, a instrução do enunciado já conduz ao sentido, não é necessário buscar fora da língua em uso para obtê-lo.

Em relação ao segundo desvio, podemos fazer a seguinte argumentação interna de *au préalable*: algo que vem antes DC algo que é anterior. Já em *condição prévia* encontramos a seguinte argumentação interna: condição necessária antes de algo DC condição anterior a algo. Notamos a diferença de sentido entre os dois textos, e para construí-lo adequadamente, eis a tradução: *Não só a descrição semântica não se mantém mais anterior a uma metalinguagem universal, mas torna-se possível empreendê-la, antes mesmo de dispor de uma das metalinguagens particulares L', L'', L''', que forma objeto de conjectura mais acima - situação essa que, como o leitor terá adivinhado, é a nossa.*

TRECHO 19 - Il reste à voir maintenant l'organisation interne à donner à cet ensemble de connaissances qui constitue la « description sémantique ». Elles risquent en effet d'être très hétérogènes, voire hétéroclites. Car on devra y loger, outre des connaissances habituellement appelées "linguistiques", un certain nombre de lois d'ordre psychologique, logique ou sociologique, un inventaire des figures de style employées par la collectivité qui parle la **langue** décrite, avec leurs conditions d'application, des renseignements aussi, sur les différentes utilisations du **langage** dans cette même collectivité. Comment rendre compte autrement du fait que l'énoncé *Quel beau temps !* puisse, dans certaines circonstances, avoir à peu la même valeur que *Le mauvais temps !*, dans d'autres, être compris comme *Nous n'avons rien à nous dire...etc* Ou encore, comment expliquer que l'étiquette **Ouvert le mardi, à la devanture d'un magasin, se comprend tantôt comme « ouvert même le mardi », tantôt comme « ouvert seulement le mardi »**. Si l'on veut, pour chaque énoncé, prévoir l'infinité des significations que lui donne l'infinité de contextes possibles, il faut introduire dans le rectangle par lequel nous avons figuré la description sémantique, des renseignements traitant, à peu de chose près, *de omni re scibili*. Qu'est-ce que la linguistique va gagner à cette confusion ?(p.110)

Resta ver, agora, a organização interna a ser dada a esse conjunto de conhecimentos que constitui a "descrição semântica." Eles correm, com efeito, o risco de ser muito heterogêneos, para não dizer heteróclitos. Pois nessa organização será preciso abrigar, além dos conhecimentos habitualmente

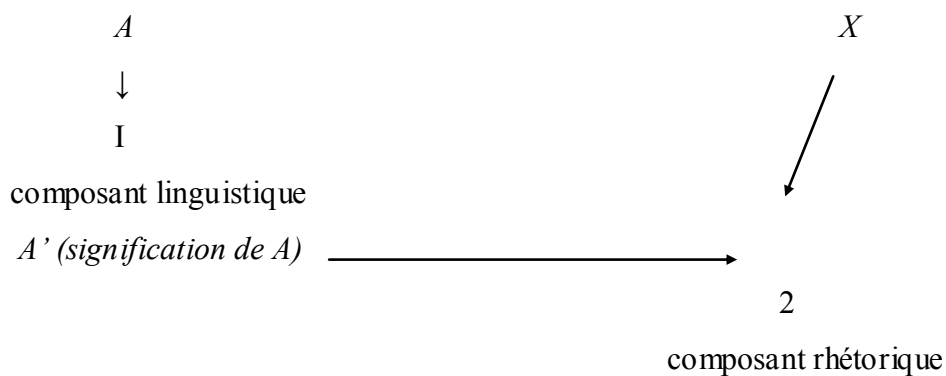
chamados “linguísticos” certo número de leis de ordem psicológica, lógica ou sociológica; um inventário das figuras de estilo empregadas pela coletividade que fala a **língua** descrita, com suas condições de aplicação, e com informações também sobre as diferentes utilizações da **língua** nessa mesma coletividade. Como dar conta, sem isso, do fato, de que o enunciado *Que dia bonito!* pode, em certas circunstâncias, ter quase o mesmo valor de *Que dia horrível!*; e em outras circunstâncias ser compreendido como *Não temos nada a nos dizer... etc?* Ou ainda, como explicar o fato de que o cartaz **Aberto à noite na porta de um restaurante, se compreenda ora como “aberto somente de noite” ora como “aberto também de noite?”** Se quisermos, para cada enunciado, prever a infinidade de significações que lhe dá a infinidade dos contextos possíveis, cumprirá introduzir, no retângulo por meio do qual representamos a descrição semântica, informações que tratam praticamente *de omni re scibili*. O que é que a linguística pode ganhar com essa confusão? (p.121)

Nesses enunciados percebemos dois problemas referentes à tradução: o primeiro diz respeito à tradução de *langage* como *língua* e o segundo está relacionado ao enunciado *Ouvert le mardi, à la devanture d’un magasin, se comprend tantôt comme « ouvert même le mardi », tantôt comme « ouvert seulement le mardi »* traduzido como *Aberto à noite na porta de um restaurante, se compreenda ora como “aberto somente de noite” ora como “aberto também de noite?”*. Salientamos que *langue* e *langage*, possuem sentidos distintos para Ducrot, mas o tradutor os utilizou como se esses termos tivessem o mesmo sentido. Ao explicar o que é a organização interna de uma descrição semântica, Ducrot afirma que é necessário observar a aplicação da língua, ou seja, o seu uso e também os diferentes usos de *linguagem* no qual a língua e a fala são constituintes. Esses diferentes usos de linguagem não dizem respeito somente à linguagem verbal, mas também aos diferentes usos da linguagem. Podemos, então, fazer o encadeamento de língua e de linguagem para percebermos as diferenças: língua: aplicação DC uso/fala; linguagem: (diferentes formas de) linguagem DC língua + fala. O tradutor, porém, fez somente o que seria um encadeamento para os dois termos: língua: aplicação da língua DC uso/fala/diferentes formas de língua. Sabemos que não há diferentes formas de língua, mas diferentes formas de linguagem. Vemos o quanto a argumentação na língua ajuda o tradutor, não o deixando tropeçar em termos técnicos.

Verificamos que o segundo problema de tradução não é somente linguístico, mas diz respeito também às diferenças culturais entre Brasil e França recuperadas pelo tradutor. Conforme Arrojo (1986), um bom tradutor não necessita somente conhecer as duas línguas em questão, mas também as culturas para que não cometa desvios de sentido. Pensamos que a adaptação do tradutor para a realidade brasileira possibilita uma compreensão para o público leitor, mas não corresponde ao texto original. Para resolver esse problema, temos duas sugestões: podemos traduzir o texto

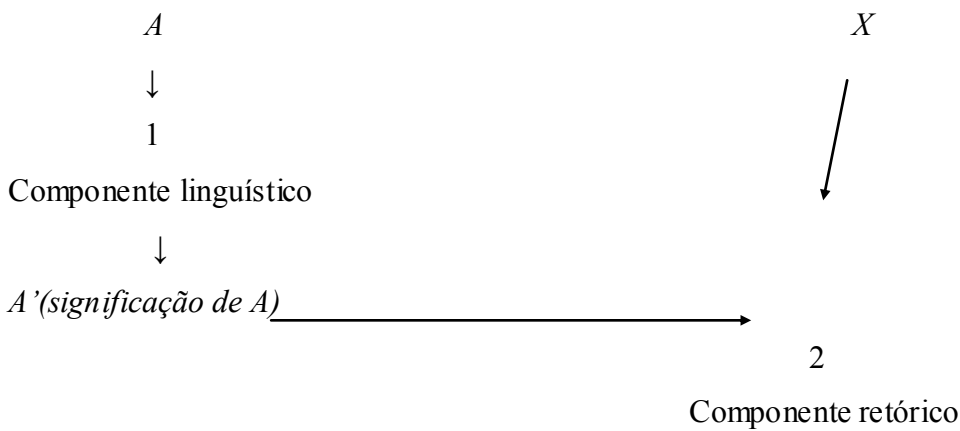
como ele está em francês: *Aberto às terças, na porta de uma loja, se compreenda ora como “aberto até mesmo às terças” ora como “aberto também às terças”*. Após, colocaríamos uma nota de rodapé explicando que, na França, as lojas não abrem às terças-feiras. Com isso, essa tradução não ocasionaria estranhamento para o público leitor brasileiro. Outra sugestão seria manter a tradução feita em português, mas também colocar uma nota de rodapé explicando que o enunciado foi adaptado do texto original em francês. Utilizando a argumentação na língua, temos os seguintes encadeamentos polifônicos no enunciado em francês: lojas abertas até mesmo nas terças DC lojas não costumam abrir às terças; lojas abertas até mesmo nas terças DC lojas abrem nos outros dias da semana; lojas abertas até mesmo nas terças DC as lojas vão abrir nas terças; Lojas abertas somente às terças DC lojas não abrem nos outros dias na semana. No texto traduzido podemos fazer os encadeamentos: restaurante aberto somente de noite DC restaurante não abre durante o dia. Restaurante aberto também de noite DC restaurante abre durante o dia, inclusive à noite. Percebemos que temos encadeamentos e sentidos distintos no original e no texto traduzido. Cabe ao tradutor seguir as sugestões dadas acima para que não haja modificações semânticas consideráveis.

TRECHO 20



(...) La première exigence, **rapportée** à notre **problème**, implique que le composant linguistique puisse être présenté sous une forme systématique. (...) A elle seule, cependant cette exigence est bien insuffisante, puisque – nous avons insisté sur ce point – les significations des énoncés pris hors contexte ne constituent nullement des faits ou des données, mais relèvent d’une libre décision du linguisite : il serait trop facile alors de choisir justement les significations que l’on sait pouvoir calculer par des procédés relativement simples. Une deuxième condition est donc nécessaire : les

significations produites par le composant linguistique doivent avoir un pouvoir explicatif (...)
(p.112)



(...) A primeira exigência, **uma vez aplicada** ao nosso **esquema**, implica que o componente linguístico possa ser apresentado de forma sistemática (...) Por si só, entretanto, semelhante exigência é certamente insuficiente, pois - insistimos nisto - as significações dos enunciados, tomadas fora de contextos, não constituem de modo algum fatos ou dados, mas resultam de uma decisão livre do lingüista: seria demasiado fácil, então, escolher, justamente as significações que se sabe poder calcular por meio de procedimentos relativamente simples. Uma segunda condição torna-se, portanto, necessária: as significações produzidas pelo componente linguístico devem ter um poder explicativo (p.122)

Notamos nesses enunciados dois problemas de tradução: *problème* traduzido como *esquema* e *rapporée* traduzido como *uma vez aplicada*. Pensamos que a palavra *problème* foi escolhida por Ducrot porque ele não pretende apenas explicar o que é um componente linguístico e um componente retórico, ele pretende mostrar quais são os questionamentos que esses componentes evocam. Acreditamos que com a argumentação interna conseguiremos explicar esse desvio: *problème* – questão que não é solucionada com rapidez DC questão que apresenta dificuldades. A impropriedade lexical usada pelo tradutor nos faz pensar que o “esquema” não apresenta dificuldades que precisam ser solucionadas, e isso pode ser visto pela sua argumentação interna: relações e funções de algo por meio de figuras que não representam a forma DC esboço/resumo. Acreditamos que nesse contexto o tradutor apresenta seu ponto de vista em relação à palavra *problème*, mas ela não corresponde à visão proposta pelo autor. Uma tradução adequada é *problema*.

Considerando o segundo desvio, pensamos que a argumentação interna também será eficaz. Dessa forma, *rapportée* tem a seguinte AI: fazer ligação DC ter relação, enquanto a AI de *aplicação* pôr em prática DC empregar mostra um sentido distinto do original. Para nós, a tradução mais adequada para *rapportée* é *relacionada*, seguindo a tradução do trecho: (...) *A primeira exigência, relacionada ao nosso problema, implica que o componente linguístico possa ser apresentado de forma sistemática (...)*

TRECHO 21 - Tel qu'il apparaît dans le schéma de la pIII, le composant linguistique prend pour point de départ les énoncés considérés hors de tout contexte, et leur assigne des significations. En quoi consistent donc ces « énoncés »? Il ne saurait s'agir des suites de sons ou des lettres perceptibles. Pour deux raisons au moins. La première est que nous serons souvent obligés d'admettre qu'une même forme matérielle manifeste plusieurs énoncés distincts: nous dirons en ce cas qu'elle est ambiguë. Pour prendre un exemple grossier, la suite, phonique ou écrite, correspondant à ***J'ai vu des cousins doit recouvrir au moins deux énoncés différents, selon que les cousins sont des insectes ou des parents.*** (p.113)

Conforme aparece no esquema da p.122, o componente linguístico toma como ponto de partida os enunciados considerados fora de qualquer contexto e atribui-lhes [sic] significações. Em que consistem, pois, esses “enunciados”? Não pode tratar-se de sequência de sons ou letras perceptíveis, pelo menos por duas razões. A primeira é a de que seremos frequentemente obrigados a admitir que uma mesma forma material manifesta vários enunciados distintos: diremos, nesse caso, ela é ambígua. Para tomar um exemplo grosseiro, a sequência, fônica ou escrita correspondente a ***Refiz as contas com ele, deve corresponder a pelo menos dois enunciados diferentes, conforme as contas sejam operações aritméticas ou de esfera de vidro ou metal, a ser enfiada num rosário.*** (p.124)

Nesses enunciados percebemos um problema referente às diferenças linguísticas entre o português e o francês. Ao traduzir *J'ai vu des cousins doit recouvrir au moins deux énoncés différents, selon que les cousins sont des insectes ou des parents* por *Refiz as contas com ele, deve corresponder a pelo menos dois enunciados diferentes, conforme as contas sejam operações aritméticas ou de esfera de vidro ou metal, a ser enfiada num rosário* notamos que o tradutor adaptou-o para que o público brasileiro compreendesse. Pensamos que há uma forma de resolver esse problema: 1º - o tradutor recompõe o enunciado para a língua francesa *J'ai vu des cousins deve*

corresponder a pelo menos dois enunciados diferentes conforme les cousins sejam insetos ou parentes. Após, ele coloca uma nota de rodapé explicando que *les cousins*, para os franceses, corresponde tanto a mosquitos quanto a parentes. Acreditamos, conforme Arrojo (1986), que algumas barreiras culturais devem ser quebradas pelo tradutor, a fim de construir o sentido proposto pelo autor. Sabemos que a adaptação, às vezes, é necessária e é uma possibilidade de tradução, mas nesse caso pensamos que os conhecimentos linguístico-culturais são capazes de resolvê-lo. Se fizermos o encadeamento dos enunciados em francês teremos: *j'ai vu des cousins DC j'ai vu des insectes / j'ai vu des cousins DC j'ai vu des parents*. Em português, teremos: *refiz as contas DC refiz as operações aritméticas / refiz as contas DC refiz as contas de um rosário*. Notamos que tanto para uma pessoa que domina a língua francesa como para uma que não a domina, a ideia do enunciado é mantida, mas enfatizamos que o tradutor fez uma adaptação. Para nós, a adaptação é uma forma de traduzir, mas deixa transparecer que o tradutor tomou o lugar do autor, não conseguindo construir o sentido de forma adequada.

TRECHO 22 - 6'. Je serai le premier président à perdre une guerre. Les deux significations de (6') diffèreraient par la répartition du posé et du présupposé. L'une, (a') serait pp. « Si je perds une guerre, je serai le premier président à le faire ».

p. « Je perdrai la guerre. » L'autre, (b'), comporterait les mêmes éléments, mais avec inversion des coefficients « pp » et « p. », soit :

pp. « Je perdrai la guerre » p. « Si je perds une guerre, je serai le premier président à le faire »

(...) Or, sur ce point, on ne dispose encore, à notre connaissance, d'aucune étude sérieuse. Ce qui oblige à laisser en suspens le problème de l'ambiguïté présuppositionnelle. Mais si nous avons présenté cette discussion, c'est justement parce qu'elle se termine par un point d'interrogation. L'important, pour nous, était de faire voir que la **question** "**Tel énoncé** a-t-il une ou plusieurs significations?" **ne saurait se trancher** au niveau du "bon sens". (p. 116)

6'. Eu serei o primeiro presidente a perder uma guerra. As duas significações de (6') se distinguiriam somente por uma diferença na repartição em posto e pressuposto. Uma significação (a') seria

pp. "Se eu perder uma guerra, serei o primeiro presidente a fazê-lo. p. "Perderei a guerra". A outra, (b'), comportaria os mesmos elementos, mas com inversão dos coeficientes "PP" e "p"., ou seja:

pp. "Perderei a guerra" p. Se eu perder a guerra, serei o primeiro presidente a fazê-lo". (...) Ora, neste particular, não se dispõe ainda, que saibamos, de nenhum estudo sério, o que obriga a deixar em suspenso o problema da ambigüidade pressuposicional. Mas se apresentamos essa discussão, foi

justamente porque ela termina por um ponto de interrogação. O importante, para nós, era mostrar que a **questão** “**Este enunciado** tem uma ou mais significações?” **não se decide** no nível do “bom senso”. (p.127)

Nesse enunciado percebemos três problemas de tradução: *question* por *pergunta*; *tel énoncé* por *este enunciado* e *ne saurait se trancher* por *não se decide*. O primeiro desvio pode ser solucionado pela argumentação interna: *question*: interrogar DC fazer uma pergunta; enquanto a tradução *questão* tem a seguinte argumentação interna: problema DC algo a ser resolvido. Notamos claramente as diferenças semânticas entre um e outro. Dessa forma propomos a adequação da tradução de *question* por *pergunta*.

O segundo desvio apresenta uma anáfora não percebida pelo tradutor. Assim, no francês a expressão *tel énoncé* se refere ao enunciado *Je serai le premier président à perdre une guerre*, enquanto na tradução não há esse remetimento, visto que a expressão *este enunciado* é uma catáfora, anunciando que algo vai ser explicado no enunciado seguinte. Para que a ideia do autor seja mantida no original *tel énoncé* deve ser traduzido como *esse enunciado*.

O terceiro se configura na incompatibilidade modal. O enunciado em francês *L'important, pour nous, était de faire voir que la question “Tel énoncé a-t-il une ou plusieurs significations?” ne saurait se trancher au niveau du “bon sens”* ao ser traduzido como *O importante, para nós, era mostrar que a questão “Este enunciado tem uma ou mais significações?” não se decide no nível do “bom senso”* mostra que ambos os enunciados têm sentidos distintos. O enunciado em francês apresenta os seguintes encadeamentos: o enunciado tem uma ou mais significações DC o enunciado poderia ser solucionado no nível do bom senso/ o enunciado tem uma ou mais significações DC o enunciado não poderia ser solucionado no nível do bom senso. No entanto, o enunciado em português apresenta os encadeamentos: o enunciado tem uma ou mais significações DC o enunciado se decide no nível do bom senso. Notamos claramente que a ideia tanto de um como de outro são heterogêneos: enquanto o discurso em francês é marcado pela possibilidade/condicionalidade marcadas pela estrutura verbo *savoir no condicional + infinitivo*; o enunciado em português apresenta uma ideia dada como certa ao utilizar o verbo no tempo presente. Percebemos que o tradutor, ao mudar o tempo verbal, pode demonstrar dois pontos de vista: mostrar que ele interpretou o tempo verbal, revelando seu ponto de vista; e que ele não tem o domínio dos tempos verbais na língua francesa. Pensamos que a modalidade nos enunciados é uma forma de o autor mostrar o seu ponto de vista e isso não pode ser retirado. Podemos explicar através da argumentação interna a diferença semântica entre o verbo *trancher* traduzido por *decidir*: *trancher* – dar a solução DC resolver; enquanto na tradução temos: dar preferência DC escolher. Para nós,

portanto, a tradução que continuaria expressando essa subjetividade seria: (...) *Ora, neste particular, não se dispõe ainda, que saibamos, de nenhum estudo sério, o que obriga a deixar em suspenso o problema da ambigüidade pressuposicional. Mas se apresentamos essa discussão, foi justamente porque ela termina por um ponto de interrogação. O importante, para nós, era mostrar que a pergunta “Esse enunciado tem uma ou mais significações?” não poderia ser solucionado no nível do “bom senso”.*

Os trechos 23, 24, e 25, como apresentam os mesmos desvios de tradução (*phrase* traduzido por *período*) serão analisados juntos.

TRECHO 23 –

Deux énonciations *A* et *B* sont coordonnées si :

1. *A* est une proposition indépendante
2. *B* prend *A* pour thème.

La première condition implique que *A* corresponde à un acte d'énonciation complet, qui reste identique à lui-même que *A* soit ou ne soit pas suivi par *B*. Ce qui exclut de la coordination une suite de propositions come *Quand on veut, on peut* : ici, en effet, la première proposition n'est pas l'objet d'un acte de parole achevé indépendamment de la seconde. Quant à la deuxième condition, elle exclut les coq à l'âne, qui relèvent du groupement par juxtaposition. Les deux conditions sont en revanche satisfaites par les emplois habituels d'une **phrase** comme *Il fait beau ; je vais sortir*. La première proposition, ici, effectue un acte d'assertion tout à fait **indépendant** de la seconde. Mais il n'y a pas une simple juxtaposition (malgré l'absence de conjonctions explicites), car l'annonce de la sortie présente celle-ci comme une conséquence du beau temps. (p.117)

Duas enunciações *A* e *B* estão coordenadas se:

1. *A* for uma proposição coordenada independente.
2. *B* tomar *A* por tema.

A primeira condição implica que *A* corresponda a um ato de enunciação completo, que permanece idêntico a si mesmo quer *A* seja ou não seguido de *B*. E isso exclui da coordenação uma sequência de orações como *Quem pode mais chora menos*: com efeito, aqui, a primeira oração não é objeto de um ato de fala acabado, independentemente da segunda. Quanto à segunda condição, ela exclui as sequências que misturam alhos e bugalhos, as quais se enquadram na justaposição. As duas

condições são, porém, satisfeitas pelos empregos habituais de um **período** como *O dia está bom; vou passear*. Aqui, a primeira sentença realiza um ato de asserção totalmente **diferente** da segunda. Mas não há mera justaposição (apesar da ausência de conjunções explícitas), pois o aviso da saída a apresenta como uma consequência do bom tempo. (p.128)

TRECHO 24 - 7. Pierre est venu pour que Jacques parte. (p.119-120)

7'. Pierre est venu de sorte que Jacques est parti.

8. Pierre est venu parce que Jacques est parti.

8'. Pierre est venu puisque Jacques est parti. (...) Toutes ces transformations, on le vérifiera facilement, ne sont pas applicables non plus à la phrase (8') (comportant *puisque*). En revanche elles ne font aucune difficulté avec les **phrases** (7) et (8) (construites avec *pour que* et *parce que*). Ces particularités suggèrent de donner à (7') et (8') une structure commune, différente de celle de (7) et (8). (S'agit-il de structure séamantique ou syntaxique ? Nous avouons ne pas voir l'importance de cette question).

En quoi consiste donc la différence entre les deux types de **phrases**? Nous proposons de dire que (7) e (8) sont des exemples de phrases liées. (...) La situation est tout à fait différente pour (7') e (8'), fabriqués avec *de sorte que* et *puisque*. Nous parlerons ici de coordination (au sens de Bally), en entendant par là que l'emploi de ces **phrases** revient à accomplir deux énonciations successives. On annonce que Pierre est venu, et on annonce ensuite, ce premier fait étant admis, un autre fait, que l'on présente comme une conséquence ou comme une preuve. On n'asserte donc pas le rapport existant entre deux faits ; on asserte deux faits, en introduisant le second par l'intermédiaire de son rapport au premier. Nous comprenons par suite qu'il soit impossible d'ajouter à la phrase initiale un morphème comme *seulement*, qui aurait pour objet le rapport entre les deux propositions. Car cette **phrase** initiale, justement, n'a pas pour objet d'affirmer un rapport. (On comprend aussi qu'on ne puisse pas mettre en doute ou nier une relation qui n'a pas été, à proprement parler, affirmée).

7. Pedro veio para que Tiago partisse. (p.129-130)

7'. Pedro veio de modo que Tiago partiu.

8. Pedro veio porque Tiago partiu.

8'. Pedro veio pois Tiago partiu. (...) Todas essas transformações, é fácil verificar, também não se podem aplicar ao período (8') (com *pois*). Em compensação, não criam nenhuma dificuldade com **períodos** (7) e (8) (construídos com *para que* e *porque*). Essas particularidades sugerem que se dê a

(7') e (8') uma estrutura comum, diferente da de (7) e (8) (Trata-se de uma estrutura semântica ou sintática? Confessamos não perceber a importância dessa questão).

Em que consiste, então, a diferença entre os dois tipos de **períodos**? Propomos que se diga que (7) e (8) são exemplos de frases ligadas. (...) A situação é completamente diferente para (7') e (8'), construídas *de modo que* e *pois*. Falaremos aqui de coordenação (no sentido de Bally), entendendo por isso que o emprego desses **períodos** equivale a realizar duas enunciações sucessivas. Anuncia-se que Pedro veio, e anuncia-se a seguir, uma vez admitido esse primeiro fato, um outro fato, que é apresentado como consequência ou como prova. Não se afirma, portanto, a relação existente entre os dois fatos; afirmam-se dois fatos, introduzindo o segundo por intermédio com o primeiro. Compreendemos, pro consequente, que seja impossível acrescentar ao período inicial um morfema como *somente*, que teria por objeto a relação entre as duas orações. Pois tal **período** inicial, precisamente, não tem por objetivo afirmar essa relação (Compreende-se também que não se possa pôr em dúvida ou negar uma relação que, a rigor, não foi afirmada).

TRECHO 25 - Pour obtenir la signification (9b), il suffit d'appliquer la même règle générale qui nous a donné la signification de **phrases** plus simples comme *Seul Pierre est venu*, et selon laquelle ces phrases présupposent que le prédicat vaut du sujet, et posent qu'il ne vaut de rien d'autre. (121)

Para obter a significação (9b), basta aplicar a mesma regra geral que nos deu a significação de **períodos** mais simples como *Só Pedro veio*, pela qual essas frases pressupõem que o predicado é verdadeiro para o sujeito, e põem que não é verdadeiro para mais nada. (p.131)

Percebemos, nos exemplos 23, 24, e 25 um problema em comum: *phrase* traduzido como *período*. *Phrase*, dessa forma, tem o encadeamento: frase DC entidade teórica, linguística; enquanto a AI de *período* no enunciado em português é: período DC oração ou conjunto de orações que têm sentido completo. Notamos que a tradução é baseada no conceito de *frase* da gramática, e a gramática não trata da língua em uso, não levando em consideração o contexto linguístico em que o termo é utilizado. Sabemos que *frase*, para Ducrot, é um termo técnico e tem uma definição e uma função bem claras. Verificamos, cada vez mais, que é necessário que o tradutor use os recursos da teoria ducrotiana para não cometer alterações que modificam consideravelmente o que está sendo dito no enunciado original. Assim, *phrase* não é *período*, mas *frase*.

A tradução de *indépendant* por *diferente* constatado no exemplo 23 também mostra como o sentido é heterogêneo entre um e outro. A argumentação interna de *indépendant* é: sentença livre de qualquer dependência DC sentença autônoma. E podemos verificar que é isso que está no enunciado em francês. A sentença *Il fait beau* é independente da segunda *je vais sortir*. Nesse exemplo *passer* é uma consequência do *bom tempo*. Ao afirmar que as sentenças são *differentes*, perdemos essa noção de autonomia: sentença não é igual DC sentença é variada. Parece-nos que a relação entre uma sentença e outra não se estabelece ao afirmar apenas que elas são diferentes. Dessa forma, vemos que a melhor tradução para *indépendant* é *independente* e não *diferente*.

TRECHO 26 –

On est amené, pour les mêmes raisons, à définir un deuxième type de prédicat complexe, obtenu par l'amalgame de prédicats plus simples. Certains propagandistes de la grammaire transformationnelle présentent comme un progrès décisif de l'analyse linguistique, l'attribution à l'énoncé *Pierre a promis de venir* de la structure dite profonde « Pierre a promis que Pierre viendrait ». L'énoncé « superficiel » proviendrait donc l'enchâssement d'un énoncé *Pierre viendra* dans un énoncé *Pierre a promis* (ou dans le prédicat de cet énoncé). Mais, ici encore, l'introduction de « seul » ou de « certains » oblige à admettre une analyse *sémantique* différente. On ne saurait comprendre, par exemple,

13. Certains de mes amis ont promis de venir

à partir de:

13'. Certains de mes amis ont promis que certains de mes amis viendraient.

On ne gagne rien à décider que, dans la structure profonde (13'), les deux *certaines* sont affectés d'un même indice, signifiant qu'ils ont le même référent. Supposons, sans enthousiasme, qu'il y ait un sens quelconque à parler du référent des expressions indéfinies. L'énoncé (13) ne signifie cependant pas que toutes les personnes qui ont fait l'acte de promettre sont celles dont la venue a été promise ; il ne dit pas, en d'autres termes, que les personnes d'un groupe ont promis que ce groupe viendrait. Il dit, au moins dans son acception habituelle, que chaque personne d'un groupe a promis qu'*elle-même* viendrait. Ce sens est assez facile à **prévoir** si on admet que les prédicats élémentaires “promettre” et “venir” peuvent, dans certaines conditions, constituer un prédicat complexe “promettre de venir”, prédicat dont l'énoncé (13) indiquerait qu'il s'applique à certains de mes amis (nous proposerons même, on le verra dans la chapitre 5, de considérer *certaines* et *seuls* comme les représentants d'opérateurs qui transforment le prédicat « promettre de venir » en un

prédicat encore plus complexe, ce qui donnerait pour sujet sémantique à l'énoncé (13) le seul terme « amis »). (p.123)

Somos levados, pelas mesmas razões, a definir um segundo tipo de predicado complexo, obtido do amálgama de predicados mais simples. Certos propagandistas da gramática transformacional apresentam como um progresso decisivo da análise linguística o fato de atribuir-se ao enunciado *Pedro prometeu vir* a estrutura dita profunda “Pedro prometeu que Pedro viria”. O enunciado superficial proviria, portanto, do encaixamento de um enunciado *Pedro virá* num enunciado *Pedro prometeu* (ou no predicado desse enunciado). Mas aqui também a introdução só ou de certos obriga a admitir uma análise semântica *diferente*. Não seria possível compreender, por exemplo,

13. Alguns dos meus amigos prometeram vir

a partir de

13'. Alguns dos meus amigos prometeram que alguns dos meus amigos viriam.

Não se ganha nada em decidir que, na estrutura profunda (13'), os dois *alguns* recebem um mesmo índice, significando que têm o mesmo referente. Suponhamos, sem entusiasmo, que faça algum sentido falar do referente das expressões indefinidas. O enunciado (13) não significa, apesar disso, que todas as pessoas que fizeram o ato de prometer sejam aquelas cuja venda foi prometida. Não diz, em outras palavras, que as pessoas de um grupo prometeram que esse grupo viria. Diz, pelo menos em sua leitura habitual, que cada pessoa de um grupo prometeu que *ela mesma* viria. Este sentido é bastante fácil de **provar**, se se admitir que os predicados elementares “prometer” e “vir” podem, em certas condições, constituir um predicado complexo, “prometer vir”, predicado a respeito do qual o enunciado (13) indicaria que se aplica a alguns dos meus amigos (proporemos, mesmo, como se verá no capítulo 5, considerar *alguns* e *só* como os representantes de operadores que transformam o predicado “prometer vir” num predicado ainda mais complexo, o que daria como sujeito semântico do enunciado (13) o único termo “amigos”). (p.134)

Nesses enunciados notamos que o que precisa ser resolvido é a tradução do verbo *prévoir* por *provar*. Utilizando a AI de *prévoir*, temos: ver de antemão DC pressagiar. Ao relacionarmos esse verbo aos enunciados,

13. Alguns dos meus amigos prometeram vir

a partir de

13'. Alguns dos meus amigos prometeram que alguns dos meus amigos viriam.

perceberemos que Ducrot explica que o enunciado 13 advém de 13'. Com isso, constatamos que *provar* não é a melhor tradução. A argumentação interna de *provar* é a seguinte: estabelecer a verdade DC demonstrar a verdade. Notamos também que esse verbo possui, nesse contexto, uma polifonia, pois se alguém quer provar alguma coisa pressupõe-se que outros acreditam que algo não é verdade. Vemos que não é exatamente isso que está sendo dito no original. Dessa forma, percebemos que o enunciado *Alguns dos meus amigos prometeram vir* prevê o enunciado *Alguns dos meus amigos prometeram que alguns dos meus amigos viriam*. Retornando ao texto traduzido, temos *Este sentido é bastante fácil de prever, se se admitir que os predicados elementares “prometer” e “vir” podem, em certas condições, constituir um predicado complexo, “prometer vir”, predicado a respeito do qual o enunciado (13) indicaria que se aplica a alguns dos meus amigos*.

TRECHO 27 - Il y a, pour un langage logique, toute une étude possible, syntaxique et sémantique à la fois, qui ne tient pas compte de son emploi éventuel (= de sa pragmatique). Pour les langues naturelles au contraire, on ne peut imaginer aucun niveau de description sémantique où l'on ferait comme si ces langues n'étaient pas destinées à être parlées. (p.130)

Há, para uma linguagem lógica, todo um estudo possível, simultaneamente sintático e semântico, que não leva em conta seu emprego eventual (sua pragmática). Para as línguas naturais, ao contrário, não se pode imaginar nenhum nível de descrição semântica, onde se finja que tais línguas não se destinam a ser faladas. (p.141)

Nestes enunciados percebemos que o desvio de tradução ocorre devido à incompatibilidade modal e à incompatibilidade lexical. Assim, *ferait*, que é o presente condicional do verbo *faire* e a tradução *finja* mostram encadeamentos distintos. No original, o autor apresenta uma hipótese marcada pelo verbo *ferait*: línguas naturais DC neg descrição semântica das línguas em que se possa fazer que elas não possam ser faladas/ línguas naturais PT neg descrição semântica das línguas em que não se possa fazer que elas possam ser faladas. Notamos que a tradução menciona apenas uma ideia, enquanto no original temos uma polifonia claramente marcada pela possibilidade ou não de algo ocorrer. Dessa forma, podemos construir o seguinte encadeamento assertivo traduzido: línguas naturais DC neg descrição semântica das línguas em que se faça que elas se destinam a ser faladas. Assim, a tradução que não modifica o sentido do original é *Há, para uma linguagem lógica, todo um estudo possível, simultaneamente sintático e semântico, que não leva em conta seu emprego eventual (sua pragmática). Para as línguas naturais, ao contrário, não se pode*

*imaginar nenhum nível de descrição semântica, onde se **agisse** como se tais línguas não se destinam a ser faladas.* A modalidade também é uma forma do autor expressar seu ponto de vista e esse posicionamento não foi mantido.

TRECHO 28 - Si l'on sait peu de choses sur le composant linguistique, le drame est qu'on en sait trop sur le composant rhétorique: on voit mal comment borner les connaissances qui lui seront nécessaires pour prévoir, à partir de la **signification** de l'énoncé et d'une description de la situation de discours, l'effet de sens réellement produit. (p.131)

Se sabemos poucas coisas a respeito do componente linguístico, o drama é que sabemos demais do componente retórico: não fica claro como limitar os conhecimentos que serão necessários neste componente para prever, a partir da **descrição** do enunciado e de uma descrição da situação do discurso, o efeito de sentido efetivamente produzido. (p.142)

Percebemos nesses enunciados um desvio de sentido relacionado ao uso de termos técnicos: *signification* por *descrição*. Sabemos que, para Ducrot, a significação de um enunciado tem sentido bem específico e pode ser construído através do encadeamento: *significação DC conjunto de instruções, de diretivas que permitem interpretar os enunciados*. Assim, a *descrição*, ao apresentar a argumentação externa à direita *descrever algo DC expor algo* não corresponde ao que é dito no original.

Notamos que *significação* e *descrição* têm sentidos bem diferentes: enquanto a *descrição* se refere à situação de discurso, a *significação* diz respeito à frase, que é um construto teórico, e às instruções, que é o aspecto semântico da frase.

TRECHO 29 - Les règles dont il va être question en commun de produire un effet de sens que nous avons proposé ailleurs d'appeler "sous-entendu". Une première caractéristique du sous-entendu est sa dépendance par rapport au contexte, son instabilité. En disant au patron d'un hotel **Ces matins, les croissants étaient frais, on laisse entendre qu'ils étaient secs les jours précédents.** Mais il est impossible de formuler une règle: "En employant un énoncé de la forme *Au moment t, l'objet A a la propriété P*, on donne toujours à penser que A a la propriété P à ce seul moment." **Car l'énoncé précédent peut très bien être utilisé par le patron, sur le point d'annoncer que le lendemain, par suite de la grève des boulangers, il ne pourra pas, exceptionnellement, servir des croissants frais.** On peut d'autre part facilement imaginer un client qui, après une journée passée à l'hôtel, énumère ses griefs: **"Ce matin, les croissants étaient secs; au déjeuner, la viande était**

dure...” C’est une des raisons pour lesquelles nous réservons au composant rhétorique, qui connaît les contextes, le calcul des sous - entendus. Si nous introduisions dès le composant linguistique la règle précédente, il faudrait donner au composant rhétorique le moyen de prévoir les exceptions imposées par le contexte – ce qui ne simplifierait en rien la description totale. (p.131)

As regras de que vamos tratar têm em comum o fato de produzirem um efeito de sentido que propusemos alhures chamar “subentendidos”. Uma primeira característica do subentendido é sua dependência em relação ao contexto, sua instabilidade. Dizendo ao gerente de um hotel **Esta manhã o café estava quente, dá-se a entender que estava frio nos dias anteriores.** Mas é impossível formular uma regra: “Ao empregar um enunciado da forma *No momento t, o objeto A tem a propriedade P*, sempre se dá a entender que A tem a propriedade P somente nesse momento”. **Pois o enunciado precedente pode muito bem ser empregado pelo próprio gerente, prestes a anunciar que no dia seguinte, em consequência de uma falha de abastecimento de gás, não poderá, excepcionalmente, servir café quente.** Por outro lado, pode-se facilmente imaginar um hóspede que, depois de um dia passado no hotel, enumera suas críticas: **“Esta manhã o café estava frio; na hora do almoço, a carne estava dura...”** Eis uma das razões pelas quais reservamos ao componente retórico, que conhece os contextos, o cálculo dos subentendidos. Se introduzíssemos desde o componente linguístico a regra precedente, seria preciso dar ao componente retórico o meio de prever as exceções impostas pelo contexto – o que não simplificaria em nada a descrição total. (p.142)

Verificamos nesse exemplo três desvios de tradução decorrentes de exemplos: *Ces matins, les croissants étaient frais, on laisse entendre qu’ils étaient secs les jours précédents* traduzido por *Esta manhã o café estava quente, dá-se a entender que estava frio nos dias anteriores*; *Car l’énoncé précédent peut très bien être utilisé par le patron, sur le point d’annoncer que le lendemain, par suite de la grève des boulangers, il ne pourra pas, exceptionnellement, servir des croissants frais* traduzido por *Pois o enunciado precedente pode muito bem ser empregado pelo próprio gerente, prestes a anunciar que no dia seguinte, em consequência de uma falha de abastecimento de gás, não poderá, excepcionalmente, servir café quente* e “ *Ce matin, les croissants étaient secs; au déjeuner, la viande était dure...*” traduzido por “*Esta manhã o café estava frio; na hora do almoço, a carne estava dura...*”. Para explicarmos esses desvios, pensamos em aplicar o procedimento de tradução de Arrojo (1986), pois não faz nenhum sentido explicar pela argumentação na língua o que é um croissant e o que é um café pela argumentação interna. Sugerimos, então, duas ideias para solucionar os três problemas: a primeira é traduzir o texto como

está no original 1° - *Esta manhã os croissants estavam secos, dá-se a entender que estavam secos no dia anterior*; 2° - *Pois o enunciado precedente pode muito bem ser empregado pelo próprio gerente, prestes a anunciar que no dia seguinte, em consequência da greve dos padeiros, não poderá, excepcionalmente, servir croissants frescos*; 3° - *Esta manhã os croissants estavam secos; no almoço, a carne estava dura*. Se o tradutor optar pela adaptação do texto (como ocorreu nessa tradução), pensamos em uma segunda solução: colocar uma nota de rodapé com os exemplos originais e, nessa mesma nota, uma justificativa do tradutor por essa opção de traduzir. Acreditamos que, dessa forma, mantém-se a ideia proposta pelo autor.

TRECHO 30- 20. Certains chapitres sont intéressants dans ce livre
donne à entendre d'habitude:

20° "Certains chapitres ne le sont pas."

Cet élément (20°) ne peut cependant pas être décrit comme posé car les enchaînements où l'on introduit (20) laissent entièrement de côté (20°). C'est le cas, par exemple, si l'on forme une phrase conditionnelle : Je ne te ferai lire ce livre que si certains chapitres sont intéressants. Il est clair que la condition présentée comme nécessaire pour que le livre vaille la lecture n'est pas que certains chapitres seulement soient intéressants. On pourrait donc songer à présenter (20°) comme un présumé, en arguant aussi qu'on retrouve (20°) dans la négation de (20), c'est-à-dire, dans :

21. Il est faux que certains chapitres soient intéressants.

Mais on peut répondre que (20°), s'il est présent dans (21), n'y a pas le statut d'un présumé, et qu'il y apparaît plutôt comme partie intégrante de ce que pose (21), à savoir qu'aucun chapitre n'est intéressant. Il y a, de plus, une raison générale pour ne pas considérer (20°) comme contenu dans (20) ni comme posé, ni comme présumé. On peut très bien faire suivre (20) d'un énoncé introduit par *et même*, et qui contient la négation de (20°) : cf. *Certains chapitres sont intéressants, et même tous*. Or *et même* a pour caractère général de surenchérir sur ce qui a déjà été dit, sans le nier en aucune manière. De sorte que l'énoncé précédent serait incompréhensible si (20) contenait l'idée qu'il y a des chapitres inintéressants.

C'est ici que la loi d'exhaustivité peut intervenir. Dans la mesure où (20) est une affirmation limitée, son énonciation implique que l'on ne saurait dire davantage. Si donc on suppose que le locuteur est à même d'énoncer un jugement sur tous les chapitres, le fait qu'il restreigne son éloge à certains laisse entendre que les autres ne le méritent pas. Le composant rhétorique est donc à même de prévoir le glissement qui amène à interpréter *certaines* comme *certaines seulement*. Pour faire obstacle à ce glissement, il faudrait que l'énoncé soit du type *certaines au moins...* Car les expressions *au moins* ou **en tout cas** présentent explicitement l'énoncé **comme** le maximum de ce

que le locuteur peut dire (elles transportent donc au niveau du sens littéral ce que la loi d'exhaustivité fait apparaître au niveau implicite). (p.135)

20. Alguns capítulos são interessantes nesse livro

dá a entender habitualmente

20°. “Alguns capítulos não são interessantes”.

Esse elemento (20) não pode, contudo, ser descrito como posto, pois os encadeamentos em que se introduz (20) deixam completamente à margem (20°). É o que acontece, por exemplo, se se formar o período condicional: Só vou mandar você ler esse livro se alguns capítulos forem interessantes. É claro que a condição apresentada como necessária para que o livro valha a leitura não é que só alguns capítulos sejam interessantes. Poder-se-ia, portanto, pensar em apresentar (20°) como um pressuposto, alegando também que se encontra (20°) na negação de (20), a saber:

21. É falso que alguns capítulos são interessantes.

Mas pode-se responder que (20°), se estiver presente em (21), não terá aí o estatuto de pressuposto, e aparece antes como parte integrante do que põe (21), a saber, que nenhum capítulo é interessante. Há, além do mais, uma razão geral para não considerar (20°) como contido em (20), nem como posto, nem como pressuposto. Pode-se muito bem encadear a (20) um enunciado introduzido por *e mesmo*, e que contenha a negação de (20°): cf. *Certos capítulos são interessantes, e mesmo todos*. Ora, *e mesmo* tem por característica geral o fato de encarecer o que foi dito anteriormente, sem negá-lo de modo algum. De maneira que o enunciado precedente seria incompreensível se (20) contivesse a ideia de que há capítulos desinteressantes.

É aqui que a lei da exaustividade pode intervir. Na medida em que (20) seja uma afirmação limitada, sua enunciação implica que o locutor não tem condições de dizer mais. Se, portanto, supõe-se que o locutor esteja capacitado para emitir um juízo a respeito de todos os capítulos, o fato de que restringe meu elogio a alguns dentre eles dá a entender que os outros não merecem elogios. O componente retórico está, pois, em condições de prever o deslizamento que leva a interpretar *alguns* somente como *somente alguns*. Para impedir tal deslizamento, seria preciso que o enunciado fosse do tipo *alguns ao menos...* Com efeito, as expressões *ao menos* e **na pior das hipóteses** apresentam explicitamente o enunciado **com** o máximo que o locutor pode dizer (elas transportam portanto para o nível do sentido literal aquilo que a lei de exaustividade faz aparecer no nível implícito) (p.146)

Nesse exemplo, encontramos dois desvios de tradução: a expressão *en tout cas* por *na pior das hipóteses* e *comme* traduzido por *com*.

No primeiro problema, sabemos que a expressão *en tout cas* tem sentido distinto da tradução, conforme o encadeamento das ideias: alguns DC alguns em todo caso/ alguns DC não todos. Verificamos que na tradução não é esse encadeamento que se forma: alguns DC alguns ao menos; alguns DC na pior das hipóteses/alguns DC nenhuma hipótese melhor. Percebemos que no original e na tradução as expressões evocam sentidos diferentes. É importante ressaltar também que no texto original Ducrot apresenta como alternativa de *alguns* as expressões *ao menos* ou *em todo caso*; enquanto na tradução tem-se a ideia de que podemos utilizar *ao menos* e *na pior das hipóteses*. Acreditamos que uma tradução adequada que transmitiria a ideia do texto original seria: *Por isso, as expressões ao menos ou em todo caso apresentam explicitamente o enunciado como o máximo que o locutor pode dizer (elas transportam portanto para o nível do sentido literal aquilo que a lei de exaustividade faz aparecer no nível implícito).*

Considerando o segundo desvio, notamos que a conjunção *comme* introduz uma exemplificação do sentido das expressões *ao menos* e *em todo caso*. Na tradução, *com* apresenta uma relação de comparação. Para que desfaçamos esse desvio, acreditamos que uma tradução adequada de *comme* seria *como*.

TRECHO 31- Il reste que, dans certains cas, il est difficile de décider si un effet de sens donné est dû à une litote, ou se trouvait déjà dans la “signification” de l’énoncé. Ainsi pour le fameux *Je ne te hais point**. Ce qui rend le problème délicat, c’est qu’il y a une tendance assez générale à comprendre la négation d’un verbe ou d’un adjectif comme l’affirmation du verbe ou de l’adjectif contraires: *Je ne veux pas = Je refuse*, *Tu n’es pas gentil = Tu es méchant*, *ce n’est pas beau = C’est laid*. Ne serait-il pas possible d’introduire dans la même série *Je ne te hais pas = Je t’aime*, et de traiter tous ces faits, em bloc, dans le composant linguistique? Cette généralisation est, en tant que telle, intéressante, mais elle nous semble masquer un phénomène qui, dans l’état actuel du français, a encore une certaine netteté. **S’il est vrai que pas gentil est peu discernable de méchant, et pas beau, de laid, il reste en revanche que pas laid et pas méchant sont très rarement équivalents à beau et à gentil (de même ne pas refuser ne signifie pas vouloir, mais, tout au plus, vouloir bien).** Plus généralement, si la négation d’un terme positif (ou “non marqué”, cf. p. 215) équivaut à peu près au négatif (“marqué”) correspondant, la négation de ce négatif est loin de ramener au positif – règle qui semble assez constante pour avoir sa place dans le composant linguistique (p.138)

Resta o fato de que, em certos casos, torna-se difícil decidir se um efeito de sentido dado se deve a uma litotes ou se já se encontrava na “significação” do enunciado. Isso acontece com o famoso *Eu*

não te odeio, **que Chimena diz a Rodrigo numa das cenas finais do Cid de Corneille.** O que torna o problema delicado é que há uma tendência bastante geral de compreender a negação de um verbo ou de um adjetivo como a afirmação do verbo ou adjetivo contrário: *Não quero = recuso; Você não está passando bem = Você está passando mal; Não é bonito = é feio.* Não seria possível introduzir na mesma série: *Eu não te odeio = Eu te amo*, e tratar todos esses fatos, em bloco, no componente linguístico? Essa generalização é, enquanto tal, interessante, mas parece-nos esconder um fenômeno que, no estado atual, do português, tem ainda certa nitidez. **Conquanto seja verdade que não bem é pouco discernível de mal, e não bonito, de feio, também é um fato, em compensação que não feio e não mal raramente equivalem a bonito e bem (analogamente, não recusar não significa querer, mas, no máximo, não deixar de querer).** Mais geralmente, se a negação de um termo positivo (ou “não marcado”, cf. p. 226) equivale, *grosso modo*, ao negativo (“marcado”) correspondente, a negação desse negativo está longe de reconduzir ao positivo – regra que parece suficientemente constante para que tenha lugar no componente linguístico (p. 149)

Nesses exemplos verificamos três problemas de tradução: o primeiro diz respeito à inserção de informação que não consta no original: *que Chimena diz a Rodrigo numa das cenas finais do Cid de Corneille.* Acreditamos que, se o tradutor achar necessário acrescentar alguma informação, ela pode ser feita no “corpo” do texto, mas nesse contexto linguístico não é necessário. Em relação ao segundo problema, temos: *Tu n’es pas gentil = Tu es méchant* traduzido por *Você não está passando bem = Você está passando mal.* Pensamos que a inadequação quanto ao advérbio mostra o ponto de vista do autor e a recusa do tradutor quanto a esse posicionamento. Para percebermos as diferenças de sentido, eis as argumentações internas de gentil/ não passar bem; desagradável/passar mal:

- gentil: cortês DC amável
- não passar bem: estar mal DC não apresentar boas condições de saúde
- desagradável: alguém que não é agradável DC alguém que não é gentil
- passar mal: não apresentar boas condições de saúde DC não estar bem

Através das AIs podemos reformular a tradução e torná-la adequada ao texto original: *Tu n’es pas gentil = Tu es méchant* por *Você não é gentil = Você não é educado.* O terceiro problema também se refere aos adjetivos: *S’il est vrai que pas gentil est peu discernable de méchant, et pas beau, de laid, il reste en revanche que pas laid et pas méchant sont très rarement équivalents à beau et à gentil (de même ne pas refuser ne signifie pas vouloir, mais, tout au plus, vouloir bien)* traduzido por *Conquanto seja verdade que não bem é pouco discernível de mal, e não bonito, de feio, também é um fato, em compensação que não feio e não mal raramente equivalem a bonito e bem (analogamente, não recusar não significa querer, mas, no máximo, não deixar de querer).*

Pensamos que a argumentação interna vista logo acima também soluciona esse desvio. Dessa forma, a tradução seria a seguinte: *Conquanto seja verdade que não gentil é pouco discernível de desagradável, e não bonito, de feio, também é um fato, em compensação que não feio e não agradável raramente equivalem a bonito e gentil (analogamente, não recusar não significa querer, mas, no máximo, não deixar de querer)*. Os adjetivos *bem/mal* apresentados no esquema também devem ser substituídos por *gentil/desagradável*, visto que ele é uma explicação da ideia do enunciado.

3.1.8 Trechos 32-56: A noção de pressuposição: apresentação histórica

TRECHO 32 - Mais, dès qu'on a ainsi refusé le logicisme, il devient possible de proposer, pour l'énoncé sur Kepler, une représentation *logique* qui ne soit plus du type sujet-prédicat. On sait que Russell (dont l'exemple, devenu illustre, est l'énoncé *L'actuel roi de France est chauve*) le décrirait comme la conjonction des deux propositions “ un homme et un seul a découvert que l'orbite des planètes est elliptique”, et “ cet homme est mort dans la misère”. **Si l'on admet une telle représentation**, il devient nécessaire que l'énoncé soit faux au cas où personne n'aurait déterminé l'orbite des planètes – puisque, dans ce cas, le premier membre de la conjonction serait faux. La vérité du présupposé d'existence devient alors une condition nécessaire pour qu'il ait une valeur logique.

Une objection fréquemment faite à Russell, notamment par P.F. Strawson, est que cette représentation ne rend pas justice à la réalité linguistique ou psychologique de l'énoncé – car elle met sur le même plan **deux affirmations dont on sent bien qu'elles n'ont pas le même statut dans l'énoncé**. Mais il est facile de répondre, dans la perspective présentée à l'alinéa précédent, qu'on ne peut pas tout demander à une représentation logique, qu'elle n'a pas à épuiser toutes les propriétés sémantiques des énoncés, mais seulement à être compatible (plus précisément : à pouvoir être mise en correspondance) avec d'autres représentations qui prendraient en charge les éléments qu'elle néglige. Tout le problème est donc de savoir si l'analyse russellienne est contradictoire avec une analyse qui donnerait un statut différent aux deux propositions qu'elle distingue dans l'énoncé étudié. (p. 34)

Mas, como recusamos o logicismo, torna-se possível propor, para o enunciado sobre Kepler, uma representação lógica que não seja mais do tipo sujeito-predicado. Sabe-se que Russell (cujo exemplo, que se tornou célebre, é o enunciado O atual rei da França é calvo) o descreveria como a conjunção das duas proposições: “um homem e um só descobriu que a órbita dos planetas é

elíptica”, e “este homem morreu na miséria”. **Admitindo-se uma representação que tal**, torna-se necessário que o enunciado seja falso no caso em que ninguém tivesse determinado a órbita dos planetas – já que, então, o primeiro membro da conjunção seria falso. A verdade do pressuposto de existência, torna-se, pois, uma condição necessária para que o enunciado seja verdadeiro, mas não é mais uma condição necessária para que ele tenha valor lógico.

Uma objeção amiúde feita a Russell, principalmente por P. F. Strawson, é a de que essa representação não faz justiça à realidade lingüística ou psicológica do enunciado – pois ela coloca no mesmo plano **duas afirmações que parecem ter estatutos diferentes no enunciado**. Mas é fácil responder, na perspectiva apresentada no parágrafo precedente, que não se pode pedir tudo a uma representação lógica, pois ela não é obrigada a esgotar todas as propriedades semânticas dos enunciados, mas tem apenas de ser compatível (ou mais precisamente: poder ser colocada em correspondência) com outras representações que se encarregariam dos elementos por ela negligenciados. Todo o problema é, portanto, saber se a análise russeliana entra em contradição com uma análise que daria estatuto diferente às duas proposições por ela distinguidas no enunciado estudado. (p. 43-44)

Nesse exemplo verificamos dois problemas de tradução: *Si l'on admet une telle représentation* por *Admitindo-se uma representação que tal* e *deux affirmations dont on sent bien qu'elles n'ont pas le même statut dans l'énoncé* por *duas afirmações que parecem ter estatutos diferentes no enunciado*.

Vamos ao primeiro problema: no enunciado francês *Si l'on admet une telle représentation* traduzido por *Admitindo-se uma representação que tal*. Dessa forma, podemos construir o encadeamento: tal representação DC um homem e um só descobriu que a órbita dos planetas é elíptica. Percebemos que o encapsulamento anafórico *um homem e um só descobriu que a órbita dos planetas é elíptica* não foi recuperado pelo tradutor, *uma representação que tal* não remete ao enunciado sobre o homem e a órbita dos planetas, como vimos logo acima, por isso a tradução apresenta desvio semântico. Uma tradução que manteria a ideia do original seria: *Admitindo-se tal representação...*

Parece-nos que o segundo desvio não apresenta muitos problemas. Cabe-nos ressaltar que não há sinônimos perfeitos na língua, conforme pode ser visto pelas argumentações internas ao enunciado: não ter o mesmo estatuto DC não ter um estatuto igual; ter estatutos diferentes DC ter um estatuto diverso. Assim, se o autor disse que *duas afirmações não têm o mesmo estatuto no enunciado*, não é o tradutor que deve dizer que *as duas afirmações parecem ter estatutos diferentes no enunciado*. Acreditamos que o adjetivo *diferente* não pode ser considerado sinônimo de qualquer

expressão, o que prova isso é que Ducrot utiliza as expressões *duas afirmações não têm o mesmo estatuto* e logo abaixo usa *estatutos diferentes*.

TRECHO 33 - (...) Il reste cependant à savoir ce que vaut notre formulation, fort simplifiée, de la représentation russellienne. Nous avons décrit celle-ci comme la conjonction de deux propositions indépendantes, “Un homme et un seul a découvert...”, et “Cet homme est mort dans la misère.” Mais on peut objecter que la deuxième proposition n’est indépendante qu’en apparence, puisque le démonstratif *cet homme* n’a de sens que par rapport à l’affirmation présentée dans la première, et qu’il est ininterprétable si l’on tient celle-ci pour fausse. C’est la raison pour laquelle la traduction russellienne authentique en langage logique **comprend en fait** une seule proposition, qu’on pourrait paraphraser comme “Il existe X tel que 1° X est le seul à avoir découvert que l’orbite des planètes est elliptique, et 2° X est mort dans la misère”. (p.35)

(...) Resta, porém, saber qual o valor da nossa formulação, bastante simplificada, da representação russeliana. Nós a descrevemos como a conjunção de duas proposições independentes, “Um e somente um homem descobriu...” e “Este homem morreu na miséria”. Poder-se-ia objetar que a segunda proposição só aparentemente é independente, de vez que o demonstrativo *este homem* só tem sentido em relação à afirmação apresentada na primeira, e é não-interpretável quando se tem esta como falsa. Eis a razão por que a tradução russeliana autêntica em linguagem lógica **compreenderia, na verdade**, uma só proposição, que se poderia parafrasear como “Existe X tal que: 1°) X é o único a ter descoberto que a órbita dos planetas é elíptica, e 2°) X morreu na miséria”. (p.44)

Encontramos, aqui, dois problemas: um relacionado à incompatibilidade modal e o outro à inadequação do articulador: *comprend* por *compreenderia* e *en fait* por *na verdade*. A incompatibilidade modal encontrada remete a duas ideias distintas, e podem ser elucidadas através dos encadeamentos: no enunciado em francês, tem-se: linguagem lógica que compreende uma só proposição DC tradução russeliana. Percebemos que em francês temos uma asserção, algo afirmado e dado como certo, enquanto na tradução descobrimos: linguagem que pode compreender uma só proposição DC tradução russeliana; linguagem que não poderia compreender uma só proposição DC tradução russeliana. Notamos que na tradução temos uma possibilidade, algo afirmado no tempo condicional dado como incerto. Por isso, para respeitarmos o texto original, traduziríamos: *Eis a razão por que a tradução russeliana autêntica em linguagem compreende, (...), uma só proposição*.

Em relação ao articulador *en fait* traduzido por *na verdade*, percebemos também que, enquanto o original apresenta apenas uma ideia, o texto traduzido apresenta duas: em francês o *en fait* introduz uma oposição. Dessa forma, temos: linguagem lógica que compreende uma só proposição DC tradução russeliana; uma só proposição DC 1º) X é o único a ter descoberto que a órbita dos planetas é elíptica, e 2º) X morreu na miséria. Na tradução, o *na verdade* apresenta algo que pode ser certo ou duvidoso. Dessa forma, temos os encadeamentos: linguagem lógica que compreende uma só proposição DC tradução russeliana; uma só proposição DC 1º) X é o único a ter descoberto que a órbita dos planetas é elíptica, e 2º) X morreu na miséria; uma só proposição DC 1º) X pode não ter sido o único a ter descoberto que a órbita dos planetas é elíptica, e 2º) X pode não ter morrido na miséria. Observando esse desencontro de informações na tradução devido ao articulador, acreditamos que uma tradução adequada que dá unidade ao texto seria: *Eis a razão por que a tradução russeliana autêntica em linguagem lógica compreende, de fato, uma só proposição, que se poderia parafrasear como “ Existe X tal que: 1º) X é o único a ter descoberto que a órbita dos planetas é elíptica, e 2º) X morreu na miséria”*.

TRECHO 34 - Mais pourquoi le logicien devrait-il calquer sa notion de fausseté sur l’usage habituellement fait, dans la langue ordinaire, des expressions dites négatives? Pourquoi s’**astreindrait**-il à ne prononcer le jugement *La proposition “p” est fausse* que dans les cas où la langue n’hésite pas à dire *Il est faux que p* ou *ne pas p* (cette expression **barbare** nous sert à indiquer la combinaison de l’énoncé “p” avec la négation *ne...pas*). En d’autres termes, rien n’oblige le logicien à présenter une notion de fausseté qui formalise la négation du langage ordinaire. On peut d’ailleurs contester l’analyse de Frege même si on admet que les notions de la logique technique doivent le plus possible être fondées sur une sorte de logique naturelle, manifestée de façon privilégiée par les langues réelles. **Car** la négation possède, à l’intérieur même de ces langues, un statut ambigu. Elle remplit au moins, **en effet**, deux fonctions assez différentes, que nous appellerons “descriptive” et “métalinguistique”. (p.37)

Mas por que deveria o lógico calcar sua noção de falsidade sobre o uso habitual, na língua ordinária, das expressões chamadas negativas? Por que se **sujeitaria** ele a pronunciar o julgamento *A proposição “p” é falsa* somente nos casos em que a língua não hesita em dizer *É falso que p* ou *não p* (esta expressão **não-técnica** serve-nos para indicar a combinação do enunciado “p” com a negação *não*). Em outras palavras, nada obriga o lógico a apresentar uma noção de falsidade que formalize a negação da linguagem ordinária. Pode-se, aliás, contestar a análise de Frege mesmo admitindo-se que as noções da lógica técnica devam ser o mais possível fundamentadas numa espécie de lógica natural, manifestada de maneira privilegiada pelas línguas reais. **Com efeito**, a

negação possui, *no próprio interior dessas línguas*, um estatuto muito ambíguo. Ela preenche pelo menos * duas funções bastante diferentes, que chamaremos “descritiva” e “metalinguística” (p.47)

Nesse exemplo encontramos quatro desvios de tradução: *s’astreindrait* por *se sujeitaria*; *barbare* por *não-técnica*; *car* por *com efeito*; e *en effet* pela omissão de articulador.

Eis o primeiro problema que pode ser solucionado: o verbo *s’astreindre* tem a seguinte AI: restringir DC delimitar. A tradução *se sujeitar*, entretanto, apresenta a AI: submeter alguém a fazer alguma coisa DC constringer alguém a fazer algo contra a sua vontade. A tradução de *s’astreindre* não seria *se sujeitar*, mas *se limitar*. Estudiosos da linguagem podem afirmar que essas duas argumentações são idênticas. A semântica argumentativa é capaz de mostrar que algumas palavras, quando usadas, adquirem um sentido bem específico, por isso os sinônimos não são cabíveis.

Considerando o segundo desvio, temos as AIs: expressão *barbare* – algo que não é técnico DC algo que é trivial. Já a tradução *expressão não-técnica* apresenta a argumentação externa à direita *algo não técnico de uma ciência DC algo não peculiar a uma ciência*. Acreditamos que ao referir-se à negação, Oswald Ducrot não utilizou a palavra *barbare* como *algo não técnico*, mas como *algo comum*. Para nós, a tradução de *barbare* seria *comum*.

O terceiro desvio é bem peculiar porque, à primeira vista, temos a impressão de que *car* e *com efeito* têm o mesmo sentido. Notamos as seguintes diferenças: *car* apresenta uma causa, uma prova da proposição que a precede. Na tradução, *com efeito* tem a ideia de enfatizar algo que foi dito anteriormente. Assim, uma tradução adequada para *car* seria *porque*.

Já a omissão de *en effet* na tradução não introduz uma causa, ela é perdida no texto traduzido: dessa forma, a tradução do último enunciado, que não implicaria uma perda de sentido, seria: *Ela preenche pelo menos, com efeito, duas funções bastante diferentes, que chamaremos “descritiva” e “metalinguística”*.

TRECHO 35

(...)

6. Il n’y a pas un nuage au ciel.

7. Ce mur n’est pas blanc.

(...) C'est ce que nous résumons en disant que (7) est surtout utilisé d'une façon *métalinguistique*, comme énoncé sur un énoncé. On voit **tout de suite** que la situation de (6) est à peu près inverse. En annonçant qu'il n'y a pas un nuage dans le ciel, on entend la plupart du temps donner une description du ciel, dire **comment** il est - ce qui n'empêche pas, **d'ailleurs**, que le même énoncé puisse avoir **aussi**, parfois, une utilisation polémique, et servir à contredire une opinion précédemment avancée. (p. 38)

(...)

6. Não há uma nuvem no céu.

7. Esta parede não é branca.

(...) Resumimos isto dizendo que (7) é utilizado principalmente de maneira *metalinguística*, como enunciado sobre enunciado. Vê-se **imediatamente** que a situação de (6) é quase inversa. Quando se diz que não há nuvem no céu, entende-se, na maioria das vezes, que se está dando uma descrição do céu, dizendo **que** ele é - o que não impede, **porém**, que o mesmo enunciado possa ter *****, por vezes, uma utilização polêmica, e servir para contradizer uma opinião anteriormente emitida. (p. 48)

Nesse enunciado temos quatro desvios: *tout de suite* por *imediatamente*; *comment* por *que*; *d'ailleurs* por *porém* e *aussi* por ***. O primeiro caso pode ser resolvido através dos encadeamentos: esta parede não é branca DC enunciação metalinguística; não há nuvem no céu DC descrição do céu/ não há nuvem no céu DC descrição polêmica. Na tradução também encontramos os mesmos encadeamentos. As AIs das duas expressões são: *tout de suite*: algo que não é difícil DC algo que se percebe fácil. *Imediatamente*: algo que é rápido DC algo que é instantâneo. A tradução adequada do termo seria *facilmente*: (...) Resumimos isto dizendo que (7) é utilizado principalmente de maneira *metalinguística*, como enunciado sobre enunciado. Vê-se **facilmente** que a situação de (6) é quase inversa.

O segundo desvio *comment* traduzido como *que* mostra que a tradução não obedeceu a continuação do discurso. Como afirma Ducrot (1987: 75), “se deve descrever a enunciação de um lado, em relação à sua própria realização, e, de outro, em relação aos prolongamentos jurídicos que ela se atribui no futuro imaginário de que é origem”. Dessa forma, no original temos a descrição do céu dizendo *como* ele é e na tradução temos a descrição do céu dizendo que ele é... parece-nos que falta uma parte do enunciado, assim, não conseguimos completar o sentido de forma adequada. Para que esse desvio seja solucionado, a tradução de *comme* deve ser *como* e não *que*.

O terceiro desvio *d'ailleurs* por *porém* também mostra uma inadequação. *D'ailleurs* tem por função salientar/destacar que a descrição do céu pode admitir vários sentidos: não há nuvem no céu DC descrição do céu; não há nuvem no céu DC pode-se ter outro sentido, como um sentido polêmico. Na tradução, o termo *d'ailleurs* tem a função de opor duas ideias. Dessa forma, construímos os seguintes encadeamentos: não há nuvem no céu DC descrição do céu; não há nuvem no céu PT pode-se ter outro sentido, como o sentido polêmico. Verificamos aqui que as ideias do texto em francês e da tradução podem ser representadas por dois blocos distintos: A DC B (francês), pertence ao BS1 e A PT B, pertence ao BS2. Sabemos que os textos, representados pelos blocos semânticos A DC B e A PT B, apresentam ideias distintas. Para solucionar esse problema, acreditamos que *d'ailleurs* tem por função destacar algo, nesse caso, que a descrição do céu pode assumir outros sentidos. A tradução de *d'ailleurs* por *aliás* é a mais adequada.

O quarto desvio está relacionado à omissão do termo *aussi*. Nesse exemplo *aussi* introduz a ideia de que o enunciado *Non il y a une nuvem no céu* pode apresentar mais de uma utilização. A argumentação externa de *aussi* é: além disso DC também. A tradução para *aussi* seria *também*. Dessa forma, temos a tradução do enunciado: *Quando se diz que não há nuvem no céu, entende-se, na maioria das vezes, que se está dando uma descrição do céu, dizendo que ele é – o que não impede, **aliás**, que o mesmo enunciado possa ter **também**, por vezes, uma utilização polêmica, e servir para contradizer uma opinião anteriormente emitida.*

TRECHO 36 - Une fois admise cette distinction, on peut mieux définir l'effet de la négation sur les présupposés. Lorsque la négation est employée de façon descriptive, il ne fait guère de doute qu'elle conserve les présupposés, notamment les présupposés d'existence. Si, engagé dans une description des grands hommes de notre époque, je signale que le roi de France, à la différence de tel ou tel, n'est pas chauve, je maintiens à coup sûr que **ce personnage** existe. De même, si je me hasarde à écrire, dans une « Vie des astronomes illustres », que celui qui a déterminé l'orbite des planètes n'est pas mort dans la misère je maintiens encore son existence. Mais la situation change lorsqu'on envisage les emplois métalinguistiques de la négation. Pour me convaincre que la calvitie n'exclut pas la réussite, on m'assure que le roi de France est chauve ; je peux très bien répondre que le roi de France ne peut pas être chauve – puisqu'il n'existe pas. Ce qui **fausse** ici la discussion, et contribue à faire croire que les présupposés sont nécessairement maintenus, c'est que les exemples habituellement choisis concernent des personnages (le roi de France, Kepler) dont l'existence est rarement objet de discussion. (p.38)

Uma vez admitida tal distinção, pode-se definir melhor o efeito da negação sobre os pressupostos. Quando a negação é empregada de maneira descritiva, não há nenhuma dúvida de que conserva os pressupostos, principalmente os pressupostos de existência. Se, empenhado numa descrição dos grandes homens de nossa época, observo que o rei da França, diferentemente deste ou daquele, não é calvo, sustento, certamente, que **este personagem** existe. Da mesma maneira, se me aventuro a escrever, em uma “Vida dos Astrônomos Célebres”, que aquele que determinou a órbita dos planetas não morreu na miséria, ainda sustento sua existência. Mas a situação muda quando se consideram os empregos metalinguísticos da negação. Para me convencer de que a calvície não exclui o sucesso, alguém me assegura que o rei da França é calvo; posso muito bem responder que o rei da França não pode ser calvo – porque não existe. O que **perturba** aqui a discussão, e contribui para fazer crer que os pressupostos são necessariamente mantidos, é que os exemplos habitualmente escolhidos dizem respeito à [sic] personagens (o rei da França, Kepler) cuja existência raramente é objeto de discussão. (p.48)

Nesse enunciado, dois problemas de tradução foram encontrados: *ce personnage* por *este personagem* e *fausse* por *perturba*. Notamos que no primeiro desvio a anáfora apresentada no texto original não foi percebida pelo tradutor. Em francês, *ce personnage* se refere ao rei da França, enquanto a tradução não mostra essa referência. Acreditamos que uma tradução adequada para *ce personnage* é *esse personagem*, conservando a ideia do texto original.

Em relação ao segundo problema, acreditamos que a argumentação interna é capaz de solucionar o desvio. No enunciado *ce qui fausse ici la discussion* temos para *fausse*: algo não verdadeiro DC algo inaceitável. Enquanto na tradução encontramos: algo que causa aborrecimento DC algo que causa repulsa. Com os encadeamentos, temos: (em francês) discussão que não é verdadeira DC exemplos em que a existência dos personagens não é questionada/ (em português) discussão que perturba DC exemplos em que a existência dos personagens não é questionada. Percebemos, então, que a tradução mais adequada é *O que altera aqui a discussão, e contribui para fazer crer que os pressupostos são necessariamente mantidos, é que os exemplos habitualmente escolhidos dizem respeito à [sic] personagens (o rei da França, Kepler) cuja existência raramente é objeto de discussão.*

TRECHO 37 - Supposons que deux personnes, **A** et **B**, aient une conversation dont le thème est le roi de France. L’un de deux, **A**, lance l’affirmation *Le roi de France est chauve*. Ce n’**est** certainement pas **B** qui **peut penser** qu’il n’y a pas de roi en France: s’il a accepté sérieusement

cette conversation, c'est qu'il croit à soit existence. **Ce genre** de contestation ne peut venir que d'un troisième personnage, C, qui assiste de l'extérieur au dialogue. (p.40)

Suponhamos que duas pessoas, *A* e *B*, mantenham uma conversação cujo tema seja o rei da França. Uma das duas, *A*, lança a afirmação *O rei da França é calvo*. Certamente não **será** *B* que **pensará** que não existe rei da França: se ele aceita seriamente **a conversa**, é porque acredita na sua existência. **Se melhante espèce** de contestação só pode vir de uma terceira pessoa, *C*, que assista ao diálogo de fora. (p.50)

Esse exemplo apresenta quatro desvios de tradução: o verbo *être* na terceira pessoa do presente do indicativo *est* traduzido por *será*; a possibilidade *peut penser* traduzida como *pensará*, em que denotamos a incompatibilidade temporal, a anáfora *cette conversation* traduzida por *a conversa* e a anáfora *ce genre* traduzida por *semelhante espèce*.

Em relação ao primeiro desvio, temos no texto em francês: *A* diz que o rei da França é calvo DC não é *B* que nega essa afirmação. Percebemos aqui que temos uma certeza no que diz respeito à atitude de *B*, indicada pelo presente do indicativo; na tradução encontramos a seguinte ideia: *A* diz que o rei da França é calvo DC não será *B* que vai negar essa afirmação. Enquanto na tradução a atitude de *B* é colocada em um tempo futuro, no original o presente do indicativo apresenta como certa a atitude de *B* em relação ao enunciado.

Em relação ao segundo desvio, há o mesmo desencontro de ideias: no original há a modalidade ***peut penser*** que remete ao seguinte encadeamento: *A* diz que o rei da França é calvo DC *B* não pensa que não existe rei da França; *A* diz que o rei da França é calvo DC *B* não pode pensar que não existe rei da França. Enquanto o original mostra que há dois enunciadores; na tradução temos um futuro do indicativo que não mostra a atitude de *B*: *A* diz que o rei da França é calvo DC *B* vai pensar que existe rei da França. A tradução adequada para esses dois primeiros desvios seria: *Certamente não é B que **pensaria** que não existe rei da França*.

Considerando o terceiro desvio, sabemos que a anáfora *cette conversation* refere-se à conversa em que *A* diz para *B* que o rei da França é calvo. Dessa forma, *B* aceita a conversa e o tema dessa conversa. Podemos fazer, então, o encadeamento: essa conversa DC a conversa em que *A* diz para *B* que o rei da França é calvo. Na tradução, essa referência não ocorre. Dessa forma, o sentido do texto traduzido é comprometido, pois *a conversa* não remete ao que foi dito no enunciado anterior. Uma tradução que teria a ideia do texto original seria: *se ele aceita seriamente essa conversa, é porque acredita na sua existência*.

O último desvio também apresenta um problema em relação à anáfora: *ce genre* pode ser considerado um encapsulamento anafórico, pois se refere a toda uma ideia construída no enunciado anterior: *ce genre* DC A diz para B que o rei da França é calvo e B leva a sério a conversa e acredita na existência desse rei. Verificamos que na tradução essa retomada não ocorre: *semelhante espèce* não diz respeito ao que foi dito, deixando uma ideia vazia, mal construída. Assim, a tradução adequada que retomaria a ideia do original é *esse tipo, esse gênero*.

TRECHO 38 – Mais l’opposition du posé et du présupposé, cette différence de statut entre les diverses informations apportées par un énoncé, cela constitue, en revanche, un phénomène indépendant des décisions du logicien, un phénomène qui se révèle à l’intuition linguistique immédiate et qui est nécessaire d’autre part pour comprendre des phénomènes linguistiques très généraux comme l’interrogation ou la négation (descriptive). D’où l’on peut conclure que la spécificité du présupposé par rapport au posé n’a certainement pas pour fondement le fait que les présupposés seraient des conditions d’**évaluation logique**. Certes on a le droit, si on le désire, de considérer leur vérité comme la condition nécessaire de l’**évaluation logique**, mais leur spécificité est tout à fait indépendante de cette décision. (p. 41)

Mas a oposição do posto e do pressuposto, essa diferença de estatuto entre as diversas informações trazidas por um enunciado, constitui, em compensação, um fenômeno independente das decisões do lógico, um fenômeno que se revela à intuição lingüística imediata, e que, por outro lado, é necessário para compreender fenômenos lingüísticos muito gerais, como a interrogação ou a negação (descritiva). Pode-se daí concluir que a especificidade do pressuposto em relação ao posto não tem por base o fato de que os pressupostos seriam condições de **verificação lógica**. Tem-se, por certo, o direito, se se quiser assim, de considerar sua verdade como a condição necessária da **verificação lógica**, mas sua especificidade é totalmente independente de tal decisão. (p.51)

Notamos nesse exemplo um desvio de tradução que pode ser resolvido pela argumentação interna: *évaluation logique* por *verificação lógica*. No enunciado em francês, temos: estimar o valor de algo DC calcular/ avaliar; enquanto na tradução encontramos: verificar DC provar ou investigar a verdade. Notamos que a noção de algo ser verdadeiro ou falso não se encontra no original. Verificar e avaliar algo conforme os lógicos são visões completamente diferentes, como vimos nas AIs. Assim, uma tradução para *évaluation logique* não seria *verificação lógica*, mas *avaliação lógica*.

TRECHO 39 - Un énoncé – même assertif – peut avoir bien d’autres fonctions que de soumettre une affirmation à une évaluation logique en faisant d’elle un candidat à la vérité ou à la fausseté. (...) Il en est ainsi, **à plus forte raison**, des énoncés non-assertifs comme l’ordre, la question, le conseil, la menace...etc. Aussi peut-on, tout en admettant que le phénomène de la présupposition n’est pas fondé sur l’emploi logique des énoncés, maintenir toujours qu’il concerne uniquement les conditions d’emploi – à condition d’envisager d’autres formes d’utilisation de la langue. (p.41)

Um enunciado – mesmo assertivo – pode perfeitamente ter outras funções além da de submeter uma afirmação a uma verificação lógica, fazendo dela um candidato à verdade ou à falsidade. (...) O mesmo se dá **a fortiori** com enunciados não-assertivos, como a ordem, a pergunta, o conselho, a ameaça... etc. Pode-se também, mesmo admitindo que o fenômeno da pressuposição não se fundamenta no emprego lógico dos enunciados, continuar a sustentar que ele concerne unicamente às condições de emprego – com a condição de entrever outras formas de utilização de língua. (p.51)

Nesse exemplo temos um desvio: *à plus forte raison* traduzido por *a fortiori*. Pensamos em construir a argumentação interna da expressão para que se possa chegar a uma tradução adequada: *à plus forte raison*: com razões ainda mais fortes DC com razões ainda mais consistentes. Assim, a tradução mais adequada para *à plus forte raison* seria *com mais razão*.

Os trechos 40, 41 e 42 apresentam o mesmo problema, a omissão da tradução de *démarche*. Por isso, eles serão analisados conjuntamente.

TRECHO 40 - Sa **démarche** nous semble à peu près la suivante. Il note d’abord que chaque énoncé prétend toujours remplir un certain nombre de fonctions, et qu’il n’est employé de façon correcte que lorsqu’on pense qu’il peut effectivement les remplir. (p.44)

A **démarche** de Strawson nos parece mais ou menos a seguinte. Observa ele de início que cada enunciado visa sempre a preencher certo número de funções, e que só é empregado de maneira correta quando se pensa que pode, efetivamente, preenchê-las. (p.54)

TRECHO 41 - (...) Une **démarche** inverse nous semble plus fructueuse, qui consisterait à parler de présupposés chaque fois que les transformations négative et interrogative laissent un invariant dans le contenu de l’énoncé, et à chercher ensuite, par induction, un caractère commun à tous les

cas de présupposition. Quelque doive être ce caractère général, il est dès maintenant certain qu'il ne pourra pas être défini en termes d'informativité. (p.59)

(...) Uma **démarche** inversa parece-nos mais proveitosa: falar de pressupostos toda vez que as transformações negativa e interrogativa deixarem um invariante no conteúdo do enunciado, e procurar em seguida, por indução, um caráter comum a todos os casos de pressuposição. Qualquer que deva ser esse caráter geral, é desde já certo que não poderá ser definido em termos de informatividade. (p.69)

TRECHO 42 - Il est donc très **explicable** que les caractéristiques du thème aient été reportées sur les pré-supposés. Schématisée, la **démarche** nous apparaît la suivante: lorsqu'il y a thème, il y a, presque toujours, pré-supposé (...)

C'est cette **démarche** que nous avons voulu, justement, mettre en doute. Certes il y a une affinité du thème pour le pré-supposé, mais les deux notions restent distinctes et ne s'impliquent même pas l'une l'autre. (p.61)

É, portanto, bastante **plausível** que as características do tema tenham sido transferidas para os pressupostos. Esquematizada, a **démarche** parece-nos a seguinte: quando há tema, há quase sempre pressuposto (...)

É esta **démarche** que queremos justamente colocar em dúvida. Há certamente uma afinidade entre o tema e o pressuposto, mas as duas noções continuam distintas e uma não implica sequer a outra. (p.71)

Nesses enunciados verificamos um problema no que se refere à falta de tradução da palavra *démarche*. Pensamos que a argumentação interna resolveria essa lacuna: *démarche*: modo de agir DC ato ou efeito de proceder. De acordo com essa argumentação interna, uma tradução que se adequaria às ideias apresentadas pelos enunciados acima seria *procedimento*.

Verificamos que não é só nessa palavra que encontramos problema, mas também a tradução de *explicable* por *plausível*. As AIs são as seguintes: *explicable*: esclarecer DC tornar inteligível ou claro; enquanto a AI de *plausível* é: razoável DC admissível. Vemos que esses dois adjetivos possuem sentidos muito distintos e uma tradução que respeitaria o que está dito no original seria: *É, portanto, bastante explicável que as características do tema tenham sido transferidas para os*

pressupostos. Esquematizado, o procedimento parece-nos o seguinte: quando há tema, há quase sempre pressuposto (...)

TRECHO 43 –

10. Fermez la porte!

Pour cette phrase, on a un ensemble relativement complet de “conditions de succès”, parmi lesquelles:

- (i) le locuteur et l’**allocutaire** de cette phrase sont dans une relation telle qu’elle permet à celui-ci d’adresser sa demande à celui-là.
- (ii) L’**allocutaire** est dans une situation qui lui permet de fermer la porte
- (iii) Le locuteur a dans l’esprit une certaine porte et il a des raisons de supposer que l’**allocutaire** peut l’identifier sans description supplémentaire de sa part.(...) (p. 48)

10. Feche a porta!

“ Para esta frase, temos um conjunto relativamente completo de “condições de sucesso”, entre as quais:

- (i) O locutor e o **alocutor** desta frase estão numa relação tal que permite a este endereçar seu pedido àquele.
- (ii) O **alocutor** está numa situação que lhe permite fechar a porta.
- (iii) O locutor tem em mente uma certa porta e tem razões para supor que o **alocutor** possa identificá-lo sem descrição suplementar de sua parte (...) (p. 58)

Notamos nesse exemplo um desvio de tradução em relação à terminologia: *allocutaire* traduzido por *alocutor*. Sabemos que, conforme a Teoria da Argumentação na Língua, dois “personagens” são essenciais: o locutor, o eu responsável pelo enunciado, a pessoa a quem se atribui a responsabilidade do enunciado (Ducrot, 1990) e o alocutário, o tu, aquele a quem o locutor destina sua fala. Verificamos que, nesse caso, o tradutor criou um neologismo e, na teoria ducrotiana, esse termo não remete a nenhum conceito. Uma tradução que poderia ser compatível com *allocutaire* seria *interlocutor*, mas percebemos que não foi essa a escolha do tradutor. Com a teoria dos blocos semânticos, temos a seguinte argumentação externa para *allocutaire*: alocutário DC aquele a quem o locutor destina sua fala. *Locuteur*: locutor DC aquele que é responsável pelo enunciado. *Alocutário* é o termo consagrado na Linguística. Acreditamos que a tradução mais adequada e que corresponderia ao que o linguista quis dizer seria *alocutário*.

TRECHO 44 - *Ma voiture est une Mercedes (...) J'ai une Mercedes (...)*. Certes les deux énoncés précédents relèvent d'attitudes différentes (et la notion de présupposition est justement destinée à permettre leur distinction). Mais la définition de la présupposition que nous discutons en ce moment donne à cette opposition une forme beaucoup trop **brutale** – en lui donnant pour fondement l'existence ou l'inexistence d'un acte de parole. (p.51)

Meu carro é um Mercedes (...) Eu tenho um Mercedes(...). Decerto, os dois enunciados precedentes referem-se a atitudes diferentes (e a noção de pressuposição se destina justamente a permitir-lhes distinção). Mas a definição de pressuposição que discutimos neste momento confere a semelhante oposição uma forma muito mais **radical**, dando-lhe por fundamento a existência ou a inexistência de um ato de fala. (p.61)

Notamos aqui um desvio de tradução: *brutale* por *radical*. Qualquer adjetivo escolhido é uma forma do autor expor seu ponto de vista. Se o tradutor não o faz de forma adequada, ele anula o direito do autor de tornar seu texto singular, único. Nesse exemplo, Ducrot, ao apresentar dois enunciados, afirma que a oposição caracteriza a existência ou a inexistência de um ato de fala. Podemos formar, então, a AI ao enunciado: *Ma voiture est une Mercedes (...) J'ai une Mercedes (...)* DC enunciados opostos de forma forte demais; com a existência ou inexistência de um ato de fala. Na tradução temos: *Meu carro é um Mercedes (...) Eu tenho um Mercedes (...)* DC enunciados opostos de forma muito radical; com a existência ou inexistência de um ato de fala. Para resolvermos a tradução de *brutale* por *radical* usaremos as argumentações internas: *brutale*: algo/alguém que tem força DC algo/alguém que tem vigor. *Radical*: fora do comum DC algo que não é trivial. Quem não conhece a semântica argumentativa poderia afirmar que temos um sentido metafórico. Sabemos que o que muitos julgam ser metáfora nada mais é do que uma forma de usar a língua, por isso esse argumento não serve para justificar o desvio cometido da tradução. Assim, a tradução desse contexto seria: *Meu carro é um Mercedes (...) Eu tenho um Mercedes(...)*. Decerto, os dois enunciados precedentes referem-se a atitudes diferentes (e a noção de pressuposição se destina justamente a permitir-lhes distinção). Mas a definição de pressuposição que discutimos neste momento confere a semelhante oposição uma forma forte demais, dando-lhe por fundamento a existência ou a inexistência de um ato de fala.

TRECHO 45 - En effet, lorsque l'auditeur ne connaît pas déjà l'existence de l'objet dont on lui parle, il peut très bien l'apprendre par le seul fait qu'on lui parle de cet objet – de telle sorte que l'énoncé lui communique une information complète. L'exemple du roi de France est ici un peu trompeur, car, vu l'importance du personnage, ne pas être informé de son existence, c'est savoir qu'il n'existe pas (**“s'il existait, ça se saurait”**) (p.51)

Com efeito, quando o ouvinte não conhece de antemão a existência do objeto de que lhe falamos, pode muito bem tomar conhecimento de tais objetos só pelo fato de lhe falarmos dele – de tal maneira que o enunciado lhe comunica uma informação completa. O exemplo do rei da França é aqui um pouco enganoso, pois, dada a importância do personagem, não estar informado de sua existência é saber que ele não existe (**“se existisse, seria impossível não saber”**) (p.61)

Nesse exemplo temos um desvio muito interessante, pois o tradutor transforma o enunciado positivo em negativo para transmitir a ideia do autor, além de inserir uma palavra que mostra seu ponto de vista: *s'il existait, ça se saurait* por *se existisse, seria impossível não saber*. Dessa forma, o enunciado original e o enunciado traduzido apresentam encadeamentos distintos. Em francês, temos: se o rei da França existisse DC se saberia; enquanto na tradução: se o rei da França existisse DC seria impossível não saber. Percebemos claramente o posicionamento do autor, como vimos nos encadeamentos. Pensamos também que a inserção da palavra *impossible* mostra o ponto de vista do tradutor e a inserção de informações e/ou palavras não deve ser feita no “corpo” do texto. Uma tradução adequada de acordo com o original seria *Se existisse, se saberia*.

TRECHO 46 – Pour reprendre, avec des modifications purement superficielles, un exemple de I. Bellert, supposons que mon interlocuteur me demande des renseignements sur telle personne qu'il ne connaît pas du tout, mais dont j'ai prononcé le nom. Je répons que son fils est camarade de classe de mes enfants. Ma réponse – qui présuppose que la personne en question a un fils - constitue un acte d'information complet, que ne frappe aucune « infelicity ». Et pourtant mon interlocuteur, d'après le contexte, ne pouvait pas connaître le présupposé – puisqu'il ne savait rien de la personne en question. Il est donc **tout à fait courant**, et tenu pour légitime, de présupposer, dans un acte d'affirmation, des connaissances que l'auditeur n'a pas encore. De même pour l'ordre. (p.52)

Para retomar, com modificações puramente superficiais, um exemplo de I. Bellert, suponhamos que meu interlocutor me peça informações sobre uma pessoa que ele não conhece, mas de quem pronunciei o nome. Respondo que o filho dessa pessoa é colega de classe de meus filhos. Minha

resposta – que pressupõe que a pessoa considerada tem um filho – constitui um ato de informação completo que não incorre em nenhuma “infelicity”. E, entretanto, meu interlocutor, de acordo com o contexto, não podia conhecer o pressuposto, de vez que nada sabia sobre a pessoa em questão. É, pois, **absolutamente coerente**, e tido como legítimo pressupor, num ato de afirmação, conhecimentos que o ouvinte ainda não tem. O mesmo vale para a ordem. (p.62)

O desvio *tout à fait courant* traduzido por *absolutamente coerente* apresenta modificações de sentido visíveis. Para que esse problema seja resolvido utilizaremos a argumentação interna. *Tout à fait courant*: algo habitual DC algo comum. Na tradução temos AE à esquerda: *absolutamente coerente*: algo que tem lógica DC algo coerente. Percebemos, pelos exemplos mencionados nos enunciados anteriores, que essa expressão não é possível. Por isso acreditamos que a tradução para a expressão *tout à fait courant* seria *absolutamente corrente/habitual/comum*.

TRECHO 47 - Dans beaucoup de collectivités linguistiques, en effet, une loi de discours interdit d'affirmer *ex abrupto* ce dont on pense que cela **heurtera** de front l'auditeur. On n'impose pas, **“de but en blanc”**, ce qui risque de **heurter** une conviction établie. Contredire cet usage, c'est commettre une véritable incorrection et s'exposer au ridicule. (p.52)

Com efeito, em muitas coletividades linguísticas, uma lei de discurso proíbe afirmar *ex abrupto* aquilo que se supõe **vá chocar** frontalmente o ouvinte. Não se impõe, **“de chofre”**, o que corre o risco de se **chocar** com uma convicção estabelecida. Contradizer tal uso é cometer uma verdadeira incorreção e expor-se ao ridículo. (p.62)

Encontramos, neste exemplo, dois problemas de tradução: *heurtera/heurter* por *vá chocar/chocar*; e *de but en blanc* por *de chofre*. Para solucionarmos o primeiro desvio utilizaremos a argumentação interna. Em francês, na AI de *heurter* temos: oposição violenta DC choque resultante de um desacordo; enquanto em português, *chocar* tem a AI: provocar espanto DC escandalizar. Notamos claramente as diferenças de sentido entre o texto original e o traduzido. Uma tradução adequada seria *ir de encontro*: *Com efeito, em muitas coletividades linguísticas, uma lei de discurso proíbe afirmar ex abrupto aquilo que se supõe **ir de encontro** frontalmente ao ouvinte. Não se impõe, “de chofre”, o que corre o risco de **ir de encontro** a uma convicção estabelecida. Contradizer tal uso é cometer uma verdadeira incorreção e expor-se ao ridículo.*

Para explicarmos o segundo desvio podemos utilizar tanto a teoria da tradução de Arrojo (1986), como a teoria de Ducrot. Começaremos pela teoria tradutória: a tradução de *de but en blanc*

por *de chofre* mostra uma tradução inadequada, fonte de uma interpretação, pois sabemos que essa expressão é uma locução adverbial e que ela possui um uso bem específico. A expressão *de but en blanc* pode ser compreendida como algo feito diretamente, sem preparação, bruscamente. Por exemplo, o enunciado *On lui a posé la question de but en blanc* quer dizer que alguém colocou a outrem uma pergunta de forma direta. Se usarmos a argumentação na língua para chegarmos a esse sentido, teremos a argumentação interna da expressão francesa: algo feito diretamente DC algo feito sem preparação, bruscamente. Com a tradução, percebemos que quem lê não consegue apreender sentido. Uma lacuna é posta quando o alocutário (público leitor) não entende o que o locutor (tradutor) diz. Notamos que, nesse caso, as duas teorias são capazes de revelar o sentido não percebido pelo tradutor: *Com efeito, em muitas coletividades linguísticas, uma lei de discurso proíbe afirmar ex abrupto aquilo que se supõe vá de encontro frontalmente ao ouvinte. Não se impõe, diretamente, o que corre o risco de ir de encontro a uma convicção estabelecida. Contradizer tal uso é cometer uma verdadeira incorreção e expor-se ao ridículo.*

Os trechos 48 e 49 são analisados juntos por apresentarem duas traduções para a mesma expressão

TRECHO 48 - L'absurdité qu'il y a à dire à quelqu'un "Fermez la porte" alors qu'on se promène sur la Mer de Glace, cette absurdité tient-elle d'abord à ce qu'on a employé une formule impérative dans une situation où elle ne pouvait pas réellement constituer un ordre? Ou tient-elle à ce qu'on a pris **pour accordé** quelque chose qui, de toute évidence, ne peut l'être (l'existence de la porte)? (p.53)

O absurdo existe em dizer a alguém "Feche a porta", enquanto se passeia no Mar Vermelho, tal absurdo deve-se, de início, ao fato de empregar-se uma fórmula imperativa numa situação em que ela não podia de fato constituir-se numa ordem? Ou deve-se ao fato de que se tomou como **indiscutível** alguma coisa que, com toda a certeza, não pode sê-lo (a existência da porta)? (p.63)

TRECHO 49 - Si donc une question est véritablement une question, ses présupposés ne peuvent être que des conditions d'emploi. – A quoi on peut répondre que ce raisonnement prend **pour accordé** ce que justement nous voudrions mettre en doute, à savoir l'emploi d'un énoncé interrogatif revient uniquement à accomplir l'acte de questionner. (p. 55)

Portanto, se uma pergunta é verdadeiramente uma pergunta, seus pressupostos só podem ser condições de emprego. Contra semelhante raciocínio, poder-se-ia dizer que ele toma como **ponto pacífico** justamente aquilo que gostaríamos de colocar em dúvida, a saber, que o emprego do enunciado interrogativo resume-se unicamente em realizar o ato de perguntar. (p.65)

Nos trechos 48 e 49, há duas traduções para a expressão *pour accordé*. Veremos através de suas argumentações internas as diferenças de sentido. A expressão em francês tem a seguinte AI: ter a mesma opinião DC estar de acordo. A primeira tradução, *indiscutível*, apresenta: algo que não é contestável DC algo que não se discute, enquanto a segunda tradução *ponto pacífico* mostra: algo que é comum a todos DC algo com que todos estão de acordo. Acreditamos que as duas traduções sejam possíveis, mas como o autor utilizou a mesma expressão para dois enunciados distintos, por questões de estilística, cabe ao tradutor também fazê-lo. Sabemos que a estilística diz respeito à maneira como uma língua é expressa, como ela produz sentido através do estilo. Ducrot escolheu *pour accordé* nos dois enunciados, não é o tradutor que deve mudar a forma de escrever do autor (*indiscutível/ponto pacífico*) para evitar a repetição. Acreditamos que, nesse caso, a tradução mais adequada seria: *ponto pacífico*.

TRECHO 50 - La thèse Collingwood-Strawson-Austin ne trouve donc finalement qu'un faible secours dans l'argument de l'**interrogation**. Considérée en elle même, maintenant, elle soulève de grosses difficultés, car elle limite, d'une façon très arbitraire, le phénomène de la présupposition. Si **en effet**, dans les exemples comme celui du roi de France, où le presupposé est existentiel, on peut à la rigueur considérer que sa fausseté prive l'énoncé d'informativité, et prendre **cette propriété** comme définissant le phénomène, il y a une multitude de cas où des éléments sémantiques qu'on a tout lieu de reconnaître comme des presupposés, n'ont aucun lien direct avec l'informativité. Supposons qu'on prenne pour critère de la présupposition la résistance à l'interrogation simple (**celle obtenue par la préfixation de *Est-ce que***) et à la négation descriptive (cf.p.37). **Il faut alors admettre que**

13. Jacques se doute que Marcel viendra présuppose:

13'. Marcel viendra.(p.57)

A tese de Collingwood - Strawson-Austin só encontra assim um fraco apoio no argumento da **interpretação**. Entretanto, considerada em si mesma, ela suscita grandes dificuldades, pois limita, de maneira muito arbitrária, o fenômeno da pressuposição. Se **realmente**, nos exemplos como o do rei da França, onde o pressuposto é existencial, podemos com rigor considerar que sua falsidade

priva o enunciado de informatividade, e tomar **esta** [sic] **propriedade** como definidora do fenômeno, há uma quantidade de casos onde elementos semânticos, que se tem todo direito de reconhecer como pressupostos, não mantêm nenhuma ligação direta com a informatividade. Suponhamos que se tome, como critério da pressuposição, a resistência à interrogação simples * e à negação descritiva * (cf. p. 47)

13. João sabe que Marcelo virá pressupõe

13'. João virá. (p.67)

Nesses enunciados encontramos cinco problemas de tradução: *interrogation* traduzida por *interpretação*; *en effet* traduzido por *realmente*; *cette propriété* traduzida por *esta propriedade*; *celle obtenue par la préfixation de Est-ce que* sem tradução assim como *Il faut alors admettre que*.

Para solucionarmos o primeiro desvio, caracterizado por incompatibilidade lexical, temos as AIs: interrogação: ato de interrogar DC ato de fazer questões, perguntas. Em interpretação, temos: ato de interpretar DC maneira de explicar algo. Notamos as diferenças semânticas entre essas duas palavras e para o enunciado manter o sentido do original, propomos que *interrogation* seja traduzido como *interrogação*.

O segundo desvio diz respeito ao articulador *en effet* traduzido como *realmente*. *En effet*, quando empregado, introduz um argumento, uma explicação: rei da França DC pressuposto existencial. Na tradução, parece que temos um advérbio que apresenta uma noção de verdade e não é isso que está escrito no original: rei da França DC pressuposto existencial/ rei da França DC neg pressuposto existencial; rei da França DC propriedade definidora do fenômeno/ rei da França DC neg propriedade definidora de fenômeno. Para apresentar o argumento, pensamos que *de fato* torne-se mais adequado, pois serve como comprovação do que foi dito antes.

O terceiro problema *cette propriété* traduzido por *esta propriedade* apresenta uma anáfora não reconhecida pelo tradutor: enquanto no original em francês temos: *essa propriedade* DC informação dada no enunciado anterior; a tradução *esta propriedade* apresenta uma possível catáfora que não é apresentada no enunciado posterior. Percebemos que o desvio do uso do pronome já modifica o sentido do enunciado; para que esse tipo de desvio não ocorra é necessário que tanto os enunciados anteriores como os posteriores estejam relacionados.

Passando para o penúltimo desvio, pensamos que e Ducrot pode solucioná-lo de forma adequada. Se usarmos a argumentação interna ao enunciado de Ducrot, teríamos: interrogação simples oral DC prefixação *Est-ce que*. Com as explicações das duas teorias, temos a tradução: *Suponhamos que se tome, como critério da pressuposição, a resistência à interrogação simples (aquela obtida pela prefixação Est-ce que) e à negação descritiva*.

Em relação ao último problema de tradução, que diz respeito à omissão de um enunciado, acreditamos que o tradutor deixou de estabelecer uma relação importante entre o enunciado anterior e o posterior. *É preciso, então, admitir que:*

13. João sabe que Marcelo virá pressupõe

13'. João virá.

TRECHO 51 -

13. Jacques se doute que Marcel viendra présuppose:

13'. Marcel viendra. De même

14. Jacques déteste encore Marcel présuppose:

14'. Jacques a détesté Marcel autrefois.

(...)

De même encore

15. Si Jacques avait actuellement une voiture, il partirait présuppose:

15'. Jacques n'a pas de voiture actuellement.

Dans tous ces exemples, qui peuvent être multipliés, et qui le seront dans les chapitres suivants, la fausseté des présupposés laisse subsister des informations tout à fait complètes, à savoir

13''. Jacques pense que Marcel viendra.

14''. Jacques déteste actuellement Marcel.

15''. Dans l'hypothèse où Jacques a une voiture, il va partir.

Contrairement à ce qu'exige la définition de la présupposition comme condition d'emploi, il apparaît nettement qu'un auditeur qui refuserait les présupposés (13') (14'), (15'), **reste encore susceptible** de tirer des énoncés une information non-négligeable. (p.57)

13. João sabe que Marcelo virá pressupõe

13'. João virá Da mesma maneira:

14. João ainda detesta Marcelo pressupõe:

14'. João detestava outrora Marcelo.

(...)

15. Se João atualmente tivesse um carro, ele iria embora pressupõe:

15'. João não tem carro atualmente.

Em todos esses exemplos, que podem ser multiplicados, e que o serão nos capítulos seguintes, a falsidade dos pressupostos deixa subsistir informações inteiramente completas a saber

13''. João pensa que Marcelo virá.

14”. João detesta atualmente Marcelo.

15”. Na hipótese de que João tenha um carro, ele irá embora.

Contrariamente ao que exige a definição da pressuposição como condição de emprego, está claramente patente que um ouvinte que recusasse os pressupostos (13’), (14’), (15’) **ainda estaria autorizado** a tirar dos enunciados uma informação não-negligenciável. (p.68)

Nesse exemplo encontramos um problema de tradução: *susceptible* traduzido por *autorizado*.

Considerando o desvio, utilizaremos a argumentação interna para solucionar o problema: *susceptible*: passível de receber modificações DC passível de receber impressões. *Autorizado* apresenta uma AI totalmente diferente: ter autoridade de DC ter poder de. Dessa forma, temos a tradução: *Contrariamente ao que exige a definição da pressuposição como condição de emprego, está claramente patente que um ouvinte que recusasse os pressupostos (13’), (14’), (15’) ainda estaria suscetível de* tirar dos enunciados uma informação não-negligenciável.

Notamos que, nesse caso, a tradução dá ao público leitor um poder de decisão maior do que no original.

TRECHO 52 - Ainsi donc, si on utilise, dans la recherche des présupposés, les critères signalés par Strawson et Collingwood, on ne peut pas les considérer comme des conditions d’informativité. La réciproque est d’ailleurs vraie. D’incontestables conditions d’informativité ne possèdent pas cette résistance à la négation et à l’interrogation qui est une des manifestations les plus spectaculaires de la présupposition. Que l’on considère par exemple:

16. **Pierre a acheté un magnétophone à Paris.**

Si vous êtes convaincu que **Pierre n’a pas acheté de magnétophone**, de quoi pourriez-vous être informé lorsqu’on vous dit qu’il en a acheté un à Paris? Or on vérifie facilement que la négation “Pierre n’a pas acheté de magnétophone à Paris”, et l’interrogation “**Est-ce que Pierre a acheté un magnétophone à Paris?**” ne maintiennent en rien qu’il a acheté un magnétophone. La négation, par exemple, devrait être paraphrasée ici par “**Ou bien Pierre n’a pas acheté de magnétophone, ou bien il l’a acheté ailleurs qu’à Paris.**” (p.58)

Assim, pois, utilizando no estudo dos pressupostos, os critérios apontados por Strawson e Collingwood, não se pode considerá-los como condições de informatividade. A recíproca, porém, é verdadeira. Condições de informatividade incontestáveis não possuem essa resistência à negação e à interrogação que é uma das manifestações mais espetaculares da pressuposição. Consideremos por exemplo:

16. **Pedro comprou livros em Campinas.**

Se estivessem convencidos de que Pedro não comprou livros, de que poderiam ser informados quando lhes dissessem que ele comprou livros em Campinas? Ora, verifica-se facilmente que a negação “**Pedro não comprou livros em Campinas**” e a interrogação “**Pedro comprou livros em Campinas?**” não sustentam necessariamente que ele comprou livros. A negação, por exemplo, deveria ser parafraseada aqui por “**Ou Pedro não comprou livros, ou comprou-os em outro lugar que não Campinas?**”

Acreditamos que nesse exemplo a teoria de Arrojo (1986) seja a mais adequada, pois ela enfatiza a questão cultural e linguística. Não seria adequado aplicar a argumentação interna – um dos conceitos apresentado na teoria de Ducrot - para explicar o que é um *magnétophone* e o que é um livro; nem onde se localizam Paris e Campinas. Nesses enunciados, percebemos que os problemas de tradução ocorrem nos exemplos: *Pierre a acheté un magnétophone à Paris* por *Pedro comprou livros em Campinas*; *Pierre n'a pas acheté de magnétophone* por “*Pedro não comprou livros em Campinas*”; “*Est-ce que Pierre a acheté un magnétophone à Paris?*” por “*Pedro comprou livros em Campinas?*” e “*Ou bien Pierre n'a pas acheté de magnétophone, ou bien il l'a acheté ailleurs qu'à Paris*” por “*Ou Pedro não comprou livros, ou comprou-os em outro lugar que não Campinas?*”? Como afirma Arrojo (1986), o tradutor não deve apenas usar dos conhecimentos das duas línguas em questão, ele deve ter domínio tanto uma como outra em seus aspectos culturais. Acreditamos que não seria difícil para o público leitor compreender onde fica Paris e o que é um *magnétophone*, que nada mais é do que um *gravador*. A adaptação do tradutor não é adequada, pois tanto a língua francesa como a língua portuguesa reconhecem essas duas palavras. Duas soluções são possíveis para explicar esse desvio: aceita-se essa tradução, mas dever-se-ia inserir na tradução uma nota de rodapé com os enunciados em francês, justificando o porquê da sua adaptação. Ou o tradutor traduz como está no original, sem fazer nenhuma adaptação linguística: *Pierre a acheté un magnétophone à Paris* por *Pedro comprou um gravador em Paris*; *Pierre n'a pas acheté de magnétophone* por *Pedro não comprou um gravador em Paris*; “*Est-ce que Pierre a acheté un magnétophone à Paris?*” por *Pedro comprou gravador em Paris?* e “*Ou bien Pierre n'a pas acheté de magnétophone, ou bien il l'a acheté ailleurs qu'à Paris.*” por *Ou Pedro não comprou gravador, ou comprou-o em outro lugar que não Paris?*

TRECHO 53 – On essaie d'abord des définitions purement formelles, en recourant par exemple à l'ordre des mots : le thème précéderait nécessairement le propos. Mais il est clair qu'on décrit

seulement par là la réalisation de l'opposition dans telle langue ou tel groupe de langues, sans caractériser en elles mêmes les notions utilisées. Cherchant, **au contraire**, une définition intrinsèque, V. Mathesius propose de définir le thème comme ce qui est déjà connu (*schon gekannt*) par les interlocuteurs, et qui est mentionné sous forme de rappel (il ne nous semble **d'ailleurs** pas **évident** qu'une telle définition soit moins "psychologique" que celle de Paul). (p.60)

Tentam-se, de início, definições puramente formais, recorrendo, por exemplo, à ordem das palavras: o tema precederia necessariamente o comentário. Mas é claro que, com isso, descreve-se somente a realização da oposição numa língua ou grupo de línguas, sem caracterizar em si mesmas as noções utilizadas. Procurando **o contrário**, uma definição intrínseca, V. Mathesius propõe definir o tema como o que já é conhecido (*schon gekannt*) pelos interlocutores, e que é mencionado sob forma de lembrete (não nos parece, **porém**, * que semelhante definição seja menos "psicológica" do que a de Paul.) (p.70)

Nesse exemplo temos três problemas de tradução: *ao contrário* traduzido por *o contrário*; *d'ailleurs* traduzido por *porém*; e *évident* que não foi traduzido. No texto original, temos a explicação das *definições formais* e logo após a *definição intrínseca*. Essa introdução de ideias opostas é marcada pelo conector *ao contrário*. Temos, então, os encadeamentos: definições formais DC tema que precederia o enunciado/ definição intrínseca DC tema conhecido pelos interlocutores e mencionado em forma de lembrete. No texto traduzido temos um substantivo, de acordo com a gramática tradicional, que não estabelece nenhuma relação com a ideia seguinte, não há uma oposição de ideias claramente exposta como no original. Uma tradução adequada que remeteria ao articulador do texto em francês seria *ao contrário*.

Já no segundo desvio, pensamos que a tradução de *d'ailleurs* por *porém* não é a mais adequada, pois não é objetivo de Ducrot opor duas ideias. A expressão *d'ailleurs* aqui enfatiza um posicionamento. Dessa forma, acreditamos que uma tradução mais adequada seria *aliás* e não *porém*.

O terceiro desvio mostra que não houve só a omissão do adjetivo *évident*, mas também a omissão do ponto de vista do autor sobre determinado assunto. Para que não haja essa modificação de sentido, sugerimos que o adjetivo *évident*, cuja AI é: algo que se compreende prontamente DC algo que não oferece dúvida, seja traduzido como *evidente*.

TRECHO 54 - 18. Que Pierre vienne demain, cela me semble impossible.

Le subjonctif de *viene* tiendrait à ce que la venue éventuelle de Pierre est le thème de l'énoncé. Quelle que soit la valeur de cette description du subjonctif, l'important, pour nous, est que l'énoncé ait un thème, alors qu'il n'a aucun présupposé correspondant. L'accord, la complicité nécessaires pour qu'il y ait thème (la "connaissance préalable" dont parle Mathesius) tiennent seulement à ce que les interlocuteurs ont dû déjà soulever le problème de la venue de Pierre, qu'ils ont une certaine familiarité avec ce problème – sans qu'aucune opinion soit présupposée relativement à lui. (p.62)

18. Parece-me impossível que Pedro venha amanhã.

O subjuntivo de *venha* teria a ver com o fato de que a vinda eventual de Pedro é o tema do enunciado. Qualquer que seja o valor desta descrição do subjuntivo, para nós o importante é que o enunciado tenha um tema, sem ter nenhum pressuposto correspondente. O acordo, a complicitade necessárias para que tenha um tema (o "conhecimento prévio" de que fala Mathesius) deve-se somente ao fato de que os locutores já deveriam ter tocado no problema da vinda de Pedro; eles têm uma certa familiaridade com o assunto, sem que nenhuma opinião seja pressuposta em relação a este. (p.72)

Temos nesse trecho um desvio de tradução: *ait* traduzido por *tenha*. O verbo *avoir* (comumente traduzido como verbo *ter*) está no presente do subjuntivo e assim está na tradução; mas apesar da compatibilidade modal com o original, a literalidade modificou o sentido. A argumentação interna do verbo *ter* : ter a posse DC obter não tem o mesmo sentido do verbo *haver*, proposto pelo autor: existir DC ser. Assim, a tradução adequada para o enunciado é: *O acordo, a complicitade necessárias para que haja um tema (o "conhecimento prévio" de que fala Mathesius) deve-se somente ao fato de que os locutores já deveriam ter tocado no problema da vinda de Pedro; eles têm uma certa familiaridade com o assunto, sem que nenhuma opinião seja pressuposta em relação a este.*

TRECHO 55 - Mais, dans ce dernier cas, la difficulté nous semble plus facile à cerner et à éliminer. Ce qui reste ambigu, **en effet**, dans la thèse de Wierzbicka, c'est la modalité dont il faut affecter chacune des deux formules (26') et (26''). Ainsi, la phrase globale commençant par " Je pense que...", est-ce qu'elle est, elle, posée, ou bien présupposée, ou bien l'objet d'un acte d'affirmer qui ne serait ni position ni présupposition. C'est cette dernière solution que suggère la présentation de Wierzbicka (...) (p.66)

Mas, nesse último caso, a dificuldade nos parece mais fácil de ser isolada e eliminada. O que continua ambíguo * na tese de Wierzbicka é a modalidade com que importa marcar cada uma das duas fórmulas (26') e (26''). Assim, a frase global que começa por “ Acho que...” é posta, pressuposta, ou objeto de um ato de afirmar, nem posição, nem pressuposição? É esta última solução que a apresentação de Wierzbicka sugere (...) (p.76)

Nesse exemplo temos a omissão no texto traduzido do articulador *en effet*. Notamos que essa falta não mostra totalmente a ideia defendida pelo autor: a expressão *en effet*, nesse caso, introduz/enfatiza a importância do argumento, da explicação, fundamental para o andamento do texto. Dessa forma, acreditamos que a inserção dessa expressão é essencial, pois relaciona a ideia do enunciado anterior com o posterior. A tradução, portanto, ficaria: *Mas, nesse último caso, a dificuldade nos parece mais fácil de ser isolada e eliminada. O que continua ambíguo, de fato, na tese de Wierzbicka é a modalidade com que importa marcar cada uma das duas fórmulas (26') e (26''). Assim, a frase global que começa por “ Acho que...” é posta, pressuposta, ou objeto de um ato de afirmar, nem posição, nem pressuposição? É esta última solução que a apresentação de Wierzbicka sugere(...)*

TRECHO 56–

27. La venue de Pierre est possible.

28. Peut-être Pierre va-t-il venir.

(...)

Dans le cas de (27), il y a effectivement affirmation d'une possibilité. Dans le cas de (28), **en revanche**, le locuteur prend une certaine attitude, qui n'est ni affirmation ni refus, vis-à-vis de l'événement envisagé. Autrement dit, la possibilité est affirmé par (27), et **jouée** par (28). (La différence entre (27) et (28) nous semble ainsi analogue à celle signalée, p.18, entre *Je suis triste* et **Hélas!** On remarquera d'ailleurs que les phrases comportant peut-être, comme celles comportant **Hélas!** peuvent difficilement être niées.) (p.67)

27. A vinda de Pedro é possível.

28. Talvez Pedro venha.

(...)

No caso de (27), há efetivamente afirmação de uma possibilidade; **em troca**, no caso de (28), o locutor toma, face ao acontecimento considerado, uma atitude que não é nem de afirmação nem de

recusa. Em outras palavras, a possibilidade é admitida em (27) e **jogada** em (28). (A diferença entre (27) e (28) parece-nos assim análoga à que foi apontada, p.27, entre Eu estou triste e “**Hélas!**”Notar-se-á, aliás, que as frases que comportam talvez, assim como as que comportam **Hélas!** Dificilmente podem ser negadas.) (p.77)

De même qu’une logique modale place la possibilité dans le contenu, et en fait un objet d’affirmation, la théorie de Wierzbicka aboutit à placer la présupposition (au sens actif du terme, c’est-à-dire le fait de présupposer) à l’intérieur de l’énoncé, à faire de la présupposition elle-même un élément du contenu, et non pas une attitude vis-à-vis du contenu. En ce sens, elle est strictement opposée à la thèse de Strawson, pour qui le présupposé lui-même ne fait pas partie du contenu. Ce que nous proposerons, **en revanche**, ce sera de décrire la présupposition, non pas comme une modalité (au sens technique des logiciens), mais comme un acte de parole particulier, au même titre que l’affirmation, l’interrogation ou l’ordre.) (p.67)

Da mesma forma que uma lógica modal coloca a possibilidade no conteúdo, e faz dela um objeto de afirmação, a teoria de Wierzbicka acaba por colocar a pressuposição (no sentido ativo do termo, isto é, o fato de pressupor) no interior do enunciado, fazendo da própria pressuposição um elemento do conteúdo, e não uma atitude face ao conteúdo. Neste sentido, ela se opõe estritamente à tese de Strawson, para quem o pressuposto não faz parte do conteúdo. **Em troca**, o que proporemos será descrever a pressuposição, não como uma modalidade (no sentido técnico dos lógicos), mas como um ato de fala particular, do mesmo modo que a afirmação, a interrogação ou a ordem. (p.77)

Nesses quatro enunciados, há um problema em comum: a tradução de *en revanche* por *em troca*. Temos a tradução de *jouée* por *jogada* e também a não tradução da expressão *Hélas!*

A tradução de *en revanche* por *em troca* não é adequada. Sabemos que essa expressão em francês é uma locução adverbial que tem por função opor o que foi dito no enunciado anterior. No primeiro exemplo, o enunciado *A vinda de Pedro é possível* mostra uma possibilidade, enquanto *Talvez Pedro venha* não é nem afirmação nem recusa. Para estabelecer uma relação entre esses dois enunciados, Ducrot utiliza a expressão *en revanche*. Temos, então, os encadeamentos: a vinda de Pedro é possível DC indicação de afirmação; talvez Pedro venha DC indicação de dúvida.

Acreditamos que o segundo exemplo com o uso de *en revanche* é capaz de esclarecer melhor a tradução desse termo. Ducrot (1972) mostra os diversos estudos feitos sobre pressuposição; para explicar que a sua ideia é diferente de todas aquelas apresentadas, ele usa o articulador *en revanche*. Eis os encadeamentos com os diferentes pontos de vista: pressuposição de

Wierzbicka DC um elemento do conteúdo, e não uma atitude face ao conteúdo; pressuposição de Strawson DC pressuposto não faz parte do conteúdo EN REVANCHE para Ducrot: pressuposição DC um ato de fala particular. Através desses encadeamentos, pensamos que uma tradução apropriada para o termo seria **em compensação**.

O segundo desvio pode ser solucionado pela argumentação interna de *jouée* e *jogada*. O verbo *jouée* apresenta a AI: ser a imagem de DC ser a reprodução de, enquanto na tradução temos: oscilar DC balançar. A tradução mais adequada que remete ao texto original seria *representada*: *Em outras palavras, a possibilidade é admitida em (27) e representada em (28)*.

O terceiro desvio de tradução pode ser explicado por Arrojo (1986). Para solucionarmos a não tradução de *hélas*, temos duas propostas: a primeira é o tradutor deixar o termo em francês e inserir uma nota de rodapé explicando que é uma interjeição de queixa, que exprime a dor, a saudade. Outra proposta é fazer uma tradução adequada para o português, que exprimiria essa mesma ideia: *Ai de mim! Ah!* A diferença entre (27) e (28) parece-nos assim análoga à que foi apontada, p.27, entre *Eu estou triste* e “**Ai de mim!**”/Ah! *Notar-se-á, aliás, que as frases que comportam talvez como as que comportam **Ai de mim!**/Ah! dificilmente podem ser negadas.*

3.2 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesta seção gostaríamos de mostrar os resultados obtidos pela análise do nosso *corpus* de forma sistemática, para que tenhamos uma visão mais geral dos desvios encontrados. Constatamos que há a ocorrência de seis desvios: incompatibilidade lexical, incompatibilidade de articulador, incompatibilidade terminológica, incompatibilidade de referência, incompatibilidade de modalidade e omissão de três tipos de informação: frase, léxico e articulador. Para que possamos perceber as generalidades e as peculiaridades dos exemplos coletados, primeiramente pretendemos mostrar de forma detalhada as características específicas de cada grupo de textos estudados, após faremos um trabalho comparativo entre os 56 enunciados.

Nos quatro primeiros trechos (1-4), utilizamos enunciados dos artigos *Le problème du paradoxe dans une sémantique argumentative* e *Les propriétés linguistiques du paradoxe: paradoxe et négation* e também o primeiro capítulo *Le dire et le dit - Présupposés et sous-entendus - L'hypothèse d'une sémantique linguistique*. Nos trechos **1 e 2** (pgs. 40 a 44) encontramos desvios de terminologia (**intrinsèque-estrutural/estruturalmente ligado, tradução adequada: intrínseco; intrinsèque externe-externo estrutural, tradução adequada: intrínseco externo/ inférence intrinsèque – inferência imposta pela língua tradução adequada: inferência intrínseca; inférence extrinsèque – inferência ligada ao contexto tradução adequada: inferência extrínseca**) e para adequá-los ao texto original usamos a Teoria dos Blocos Semânticos. Ainda no trecho **2** (p. 42) temos desvio de léxico (**appartient – de riva, tradução adequada: pertence r**), sendo a argumentação interna o recurso utilizado. No trecho **3** (pg. 44) há um desvio de articulador (**bien sûr - com certeza**) em que os encadeamentos da TBS se mostraram eficazes para desfazer o desvio, sendo traduzido como **é claro**. No trecho **4** (pg. 46), há uma omissão de informação de que resulta um desvio de sentido (**d'attribuer une signification et par suite de trouver des synonymes, aux énoncés prononcés hic et nunc - atribuir significados hic et nunc**). Usamos os encadeamentos da TBS assim como um esquema para explicar o que é significação para Ducrot.

Os trechos subsequentes (5-13) foram retirados do primeiro capítulo do livro *Les mots du discours - L'analyse de textes et linguistique de l'énonciation*, sendo o de número 14 um artigo de Lescano *Vers une grammaire argumentative de la phrase: le cas de LE et UM* e o de número 15 *Description argumentative et description polyphonique: le cas de la négation*, de autoria de Carel e Ducrot. Temos, aqui, cinco casos de desvio de léxico (5,6,7,8,9, e 14) em que se usou a argumentação interna para resolver as distinções semânticas: trecho **5** (pg.48) – (**généralement/genericamente, tradução adequada: geralmente**), trecho **6** (pg. 50) (**compétence-confiança- tradução adequada: competência**), trecho **7** (pg. 53) (**amputant-apurando, tradução**

adequada: retirando), trecho **8** (pg. 54) (**répérables – orientáveis, tradução adequada: resgatáveis**), trecho **9** (pg. 56) (**ne saurait contenir – não saberia conter, tradução adequada: não poderia conter**), e trecho **14** (pg. 66) (**juste-justamente, tradução adequada: apenas**). O trecho **10** (pg.58) (**certaine cohérence - certa incoerência**) é um caso de desvio de léxico que foi reajustado a partir dos encadeamentos da Teoria dos Blocos Semânticos, sendo traduzido por **certa coerência**. Em relação aos articuladores, temos dois desvios (exs. 9 e 13) solucionados também pela TBS: trecho **9** (pg.56) **par suite - por continuação** traduzido como **consequentemente** e trecho **13** (pg.65) **en effet-na verdade**, traduzido como **com efeito/de fato**. Na incompatibilidade terminológica, há quatro casos (trechos. 8, 11, 12 e 15). No trecho **8** (pg. 54) (**suite-continuação**) usamos a TBS. Dessa forma a **tradução adequada** seria **sequência**. No trecho **12** (pg.63) (**énonciateur-enunciado**), e usando a argumentação externa conseguimos esclarecer por que a **tradução enunciator** é a melhor. No trecho **15** (pg. 68) (**énoncé-enunciador**) explicamos através do próprio exemplo diferença entre enunciator e **enunciado** e por que esta última é a correta. Temos também um desvio de referência no trecho **6** (pg. 50) (**cette compétence- nesta confiança**) foi solucionado através da explicação da anáfora, tornando-se **nessa confiança**.

Os trechos seguintes (16-31) foram retirados do capítulo 4 intitulado *La présupposition dans la description sémantique* do livro *Dire et ne pas dire. Principes de sémantique linguistique*. Os desvios de léxico que foram resolvidos pela AI são: trecho **16** (pg. 70) (**se confier - basear-nos, tradução adequada: confiar**), trecho **18** (pg.72) (**suspendue/au préalable – depender da condição prévia, tradução adequada: não se mantém mais anterior**), trecho **20** (pg. 76) (**problème – esquema, tradução adequada: problema, rapportée – uma vez aplicada, tradução adequada: relacionada**), trecho **22** (pg. 79) (**question-questão, tradução adequada: pergunta**), trechos **23,24,25** (pgs.81 a 84) (**phrase-período, tradução adequada: frase; indépendant – diferente, tradução adequada: independente**), trecho **26** (pg. 84) (**prévoir-provar, tradução adequada: provar**) e trecho **31** (pg. 92) (**gentil – bem, tradução adequada: gentil méchant-mal, tradução adequada: desagradável**).

Ainda em relação ao desvio de léxico, aplicamos a teoria de Arrojo (1986) em três casos (trechos **19** – pg. 73, **21** – pg.77, **29** – pg. 88) para explicar as diferenças entre a língua francesa e a língua portuguesa. Como esses trechos são muito extensos, não os escreveremos novamente. Considerando os desvios de articulador, temos dois trechos que foram solucionados pelos encadeamentos da TBS: trecho **17** (pg. 71) (**par ailleurs - de outro modo, tradução adequada: em outro lugar/em outro contexto**) e trecho **30** (**en tout cas/na pior das hipóteses, tradução adequada: em todo caso**). Os encadeamentos dos blocos semânticos também foram usados para resolver desvios de terminologia: trecho **19** (pg.73) (**langage - língua tradução adequada:**

linguagem) e trecho 28 (pg. 87) (**signification – descrição, tradução adequada: significação**). Em relação ao desvio de referência, encontramos um trecho em que utilizamos a anáfora para adequá-lo: trecho 22 (pg. 79) (**tel énoncé-este enunciado; tradução adequada: esse enunciado**). No desvio de modalidade, há dois casos em que se usaram os encadeamentos dos blocos para evitar as diferenças de sentido: trecho 22 (pg.79) (**ne saurait se trancher – não se decide tradução adequada: não poderia ser solucionado**) e trecho 27 (pg. 86) (**ferait/finja, tradução adequada: agisse**). Notamos novamente que a argumentação interna é usada mais frequentemente para resolver os desvios de sentido.

Os trechos seguintes (32-56) pertencem ao segundo capítulo do livro *Dire et ne pas dire. Principes de sémantique linguistique - La notion de présupposition: présentation historique* e percebemos que foram os que mais apresentaram problemas semânticos. O léxico apresentou mais desvios, 17 casos, e com a argumentação interna conseguimos uma tradução mais adequada: trecho 32 (pg. 95) (**deux affirmations dont on sent bien qu’elles n’ont pas le même statut dans l’énoncé - duas afirmações que parecem ter estatutos diferentes no enunciado, tradução adequada: duas afirmações não têm o mesmo estatuto no enunciado**), trecho 34 (pg.98) (**barbare – não técnica, tradução adequada: comum**), trecho 36 (pg. 102) (**fausse – perturba, tradução adequada: falso**), trecho 38 (105) (**évaluation logique- verificação lógica, tradução adequada: avaliação lógica**), trecho 39 (pg.105) (**à plus forte raison a fortiori, tradução adequada: com mais razão; maintenir toujours – continuar a sustentar; tradução adequada: manter sempre**) trechos 40,41 e 42 (pgs. 106 a 108) (**démarche – démarche, tradução adequada: procedimento; explicable-plausível, tradução adequada: explicável**), trecho 44 (pg. 109) (**brutale-radical, tradução adequada: brutal**), trecho 46 (pg. 111) (**tout à fait courant – absolutamente coerente, tradução adequada: absolutamente corrente/habitual/comum**), trecho 47 (pg. 111) (**heurtera/heurter- vá chocar/chocar; tradução adequada: vá/ir de encontro/de but en blanc – de chofre, tradução adequada: diretamente**), trechos 48 e 49 (pgs. 113 a 114) (**pour accordé- indiscutível/ ponto pacífico, tradução adequada: ponto pacífico**), trecho 50 (pg. 114) (**interrogation-interrogação, tradução adequada: interrogação**), trecho 51 (pg.116) (**susceptible – autorizado, tradução adequada: suscetível**) trecho 54 (pg.120) (**ait-tenha, tradução adequada: haja**), trecho 56 (pg. 122) (**jouée – jogada, tradução adequada: lamentada**).

Ainda em relação aos desvios de léxico, temos três casos explicados pela teoria de Arrojo (1986): trecho 47 (pg.111) (**de but en blanc – de chofre, tradução adequada: diretamente**), trecho 52 (pg. 117) (**magnétophone – livro, tradução adequada: gravador; Paris - Campinas, tradução adequada: Paris**) e trecho 56 (pg.122) (**hélas-hélas, tradução adequada: Ai de mim!"/Ah!**) e dois casos em que aplicamos os encadeamentos dos blocos: trecho 44 (pg. 109)

(**brutale-radical, tradução adequada: comum**), trecho 45 (pg. 110) (**s'il existait, ça se saurait-se existisse, seria impossível não saber, tradução adequada: se existisse, se saberia**). Em relação à inadequação de articulador, encontramos 6 casos resolvidos pela TBS: trecho 33 (pg. 97) (**en fait - na verdade, tradução adequada: de fato**) trecho 34 (pg. 98) (**car - com efeito, tradução adequada: porque**), trecho 35 (pg.100) (**tout de suite – imediatamente tradução adequada:facilmente; d'ailleurs – porém, tradução adequada: aliás**), trecho 50 (pg.114) (**maintenant-entretanto, tradução adequada:agora; en effet-realmente, tradução adequada: de fato**); trecho 53 (**au contraire - o contrário, tradução adequada: ao contrário; d'ailleurs - porém, tradução adequada: aliás**) trecho 56 (pg. 122) (**en revanche - em troca, tradução adequada: e m compensação**). Considerando o desvio de terminologia, há apenas um caso que foi traduzido adequadamente através dos encadeamentos dos blocos, especificamente a argumentação externa à direita: trecho 43 (pg. 108) (**allocutaire- alocutor, tradução adequada: alocutário**). Nas incompatibilidades referenciais, notamos três casos que puderam ser explicados usando a noção de anáfora: trecho 32 (pg.95) (**Si l'on admet une telle représentation - Admitindo-se uma representação que tal; deux affirmations dont on sent bien qu'elles n'ont pas le même statut dans l'énoncé, tradução adequada: Admitindo-se tal representação**), trecho 36 (pg. 102) (**ce personnage-este personagem, tradução adequada: esse personagem**), trecho 50 (pg. 114) (**cette propriété-esta propriedade , tradução adequada: essa propriedade**). Continuando com as incompatibilidades referenciais temos dois casos esclarecidos pelos blocos: trecho 32 (pg. 95) (**Si l'on admet une telle représentation - Admitindo-se uma representação que tal; deux affirmations dont on sent bien qu'elles n'ont pas le même statut dans l'énoncé, tradução adequada: Admitindo-se tal representação**) e trecho 37 (pg. 103) (**cette conversation- a conversa, tradução adequada: essa conversa, ce genre – semelhante espécie, tradução adequada: esse gênero**).

No desvio de modalidade há dois trechos solucionados pela TBS: trecho 33 (pg. 97) (**comprend-compreenderia, tradução adequada: compreende**) e trecho 37 (pg. 103) (**est- será, tradução adequada: é ; peut penser-pensará, tradução adequada: poderia pensar**). Temos, finalmente, 5 casos de omissão de informação: trechos 34 (pg. 98), 55 (pg. 121) explicação (**en effet - *, tradução adequada: de fato**), trecho 35 (pg. 100) foi resolvido pela TBS (**aussi - *, tradução adequada: também**), trecho 50 (pg. 114) solucionado pela AI e pela explicação respectivamente (**celle obtenue par la préfixation de Est-ce que - *, tradução adequada: aquela obtida pela prefixação Est-ce que ; Il faut alors admettre que - *, tradução adequada: Pode-se admitir que**). Encontramos também uma omissão de léxico resolvida pela argumentação interna: trecho 53 (pg. 119) (**évident -*, tradução adequada: evidente**). Verificamos que também há

nesses trechos a predominância do desvio de léxico, sendo a argumentação interna o recurso mais usado para torná-lo adequado.

A partir dessas explanações, constatamos que nos artigos *Le problème du paradoxe dans une sémantique argumentative* e *Les propriétés linguistiques du paradoxe: paradoxe et négation*, no capítulo 1 de *Le dire et le dit - Présupposés et sous-entendus* houve a prevalência do desvio da terminologia e para solucioná-lo usou-se a TBS. Já no capítulo 1 do livro *Les mots du discours - L'analyse de textes et linguistique de l'énonciation*, nos artigos *Vers une grammaire argumentative de la phrase: le cas de LE et UN*, *Description argumentative et description polyphonique: le cas de la négation* nos capítulos 2 e 4 (*La notion de présupposition: présentation historique* e *La présupposition dans la description sémantique*) do livro *Dire et ne pas dire. Principes de sémantique linguistique* houve a predominância do desvio de léxico e a argumentação interna se mostrou eficaz para corrigir essas inadequações.

Podemos obter também, a partir das análises, os números de desvios de tradução. Dessa forma, temos:

- 26 casos com um desvio de tradução:

3,4,5,7,10,12,14,15,16,17,20,21,26,27,28,38,39,43,44,45,46,48,49,51,54,55;

- 18 casos com dois desvios de tradução: 2,6,8,9,11,13,18,19,23,24,25,30,32,33,36,40,41,42;

- 8 casos com três desvios de tradução: 1, 22,29,31, 47,53,56;

- 4 casos com quatro desvios: 34, 35, 37, 52;

- 1 caso com cinco desvios: 50

Outros números mais gerais também mostram os tipos de desvios encontrados, como já foi explicitado no primeiro parágrafo dessa seção:

-33 casos de incompatibilidade lexical resolvidos pela AI (2,5,6,7,8,9,11,14, 16,18,20,22,23,24,25,26,31,34,36,38,39,40,41,42,44,46,47,48,49,50,51,54,56);

- 4 casos de incompatibilidade lexical resolvidos pelos blocos (10, 32, 44,45);

- 4 casos de desvio de terminologia solucionados pela TBS (1,2,8,19);

- 4 casos de desvio de terminologia solucionado pela AE (11,12,28 ,43);

- 1 caso de desvio de terminologia solucionado usando os próprios termos (15);

- 11 casos de desvio de articulador solucionados pela TBS (3,9,13,17,30,33,34, 35,50,53,56);

- 6 casos de incompatibilidade de referência (6,22,32,36,37, e 50), sendo os exemplos 32 e 37 resolvido pela TBS e o restante pelas anáforas;

- 4 casos de incompatibilidade de modalidade (22,27,33,37). Todos foram solucionados pela TBS;

- 6 casos de omissão de informação (articulador, frase e léxico – 4,34,35,50,53,55). Para os exemplo 4,35 e 53 usaram-se a TBS e a AI, para 34,50 e 55 usaram-se exemplos

- 6 casos em que se aplicou a teoria de Arrojo (1986), sendo todos eles exemplos (19, 21, 29, 47, 52,56).

Acreditamos, portanto, que este estudo sobre desvios de tradução provocando diferenças semânticas é apenas o início de um trabalho que merece mais reflexões. Sabemos que tanto o texto original como o texto traduzido apresentam marcas enunciativas. Um tradutor preocupado em manter a ideia do texto fonte procura adequá-la de forma apropriada, não cometendo desvios semânticos. Pensamos também que um estudo sobre o lugar do tradutor do ponto de vista enunciativo é uma outra pesquisa interessante a ser feita, sendo tão instigante e reveladora como esse estudo sobre desvios de tradução.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, estudamos os *desvios de tradução em textos científicos* em discursos da língua portuguesa, tendo como fonte a língua francesa. Enfatizamos o aspecto semântico em ambos os textos, utilizando como referencial teórico a Teoria da Argumentação na Língua, de Oswald Ducrot e a Teoria da Tradução, de Rosemary Arrojo. Nossos objetivos foram constatar desvios de tradução, explicar o sentido dessas inadequações e propor uma outra tradução que corresponderia às ideias propostas pelo texto original em francês.

A teoria de Rosemary Arrojo (1986) contribuiu para entendermos quais os fatores que fazem uma tradução ser considerada boa, desprovida de desvios semânticos: conhecimentos estruturais e linguísticos da língua fonte e da língua alvo (no nosso caso, o francês e o português); apropriação dos aspectos culturais de ambas as línguas, pois como foi constatado nos trechos 21 e 52, por exemplo, só o conhecimento das entidades linguísticas não é suficiente. Outra forma de se ter uma tradução eficaz é saber quais são os pressupostos e quais são as concepções científicas da comunidade que a produziu para não ocorrer desvios de ordem terminológica, como nos trechos 1 e 4. Para a autora, quando o tradutor toma conhecimento desses fatores, ele é capaz de ler melhor o texto assim como escrevê-lo.

A Teoria da Argumentação na Língua, por ser uma semântica linguística, busca o sentido de um enunciado a partir do linguístico. Dessa forma, a ANL acredita que o locutor põe em funcionamento o sistema para produzir sentido, transformando a língua em discurso. A forma, portanto, é descartada, por não levar em conta a semantização. Percebemos também que um dos conceitos da Semântica Argumentativa que norteiam o nosso estudo é a noção de instrução. Por instrução entendem-se regras, diretivas de que o interpretante precisa para compreender o sentido no enunciado pretendido pelo locutor. Notamos que, no trecho 15, o termo *énoncé* (nesse caso *Même selon les mauvais étudiants, l'examen était facile*) foi traduzido de forma inadequada pelo termo *enunciador* (que remete aos enunciadores maus e bons estudantes e para o ponto de vista que indica a facilidade do exame).

Podemos afirmar, então, que para a ANL o sentido é argumentativo, ou seja, quando há discurso, há argumentação, e essa argumentação (como o próprio nome diz) está na língua. Explicando melhor, a língua é um instrumento que o locutor usa para enunciar-se para um interlocutor, deixando em seu discurso marcas de subjetividade, isto é, a língua é capaz de revelar o posicionamento do locutor em relação àquilo que é objeto de seu discurso. A língua, ao ser argumentativa, contrapõe-se à objetividade que mostra como um objeto é realmente. Assim, a

língua é subjetiva e argumentativa na medida em que marca no discurso determinado posicionamento.

É através da subjetividade, da apresentação dos diferentes pontos de vista, que o locutor constrói seu discurso, indicando o quanto ele é ou não polifônico. Vimos, neste trabalho sobre textos traduzidos, que a polifonia foi um recurso essencial para que pudéssemos identificar possíveis desvios, explicá-los e adequá-los ao original, como nos trechos 19, 33 e 34.

Notamos que a argumentação interna é um dos principais recursos da semântica argumentativa que ajuda a revelar o sentido em textos traduzidos. Podemos afirmar que a argumentação interna de uma expressão são encadeamentos equivalentes dessa expressão, paráfrases e reformulações. Considerando o trecho 23, verificamos que *indépendant* e *diferente* têm argumentações muito distintas: enquanto a expressão francesa apresenta a AI *sentença livre de qualquer dependência DC sentença autônoma*, a expressão em português tem *sentença não é igual DC sentença variada*. O trecho 1 também evidencia a eficácia da AI ao reajustar a tradução de *appartenir* por *pertencer* e não *derivar*.

Percebemos também que, para o tradutor não cometer erros de terminologia, é necessário o conhecimento da teoria de Oswald Ducrot. Conceitos como *enunciador*, *enunciado* (vistos nos trechos 12 e 15) *locutor*, *alocutário* (trecho 43) são essenciais e desempenham um papel extremamente importante na Semântica Argumentativa. Confundi-los não compromete somente a leitura do público leitor, mas também a própria teoria assim como a credibilidade da pessoa que traduz.

Ao constatar e explicarmos seis tipos de desvios em textos traduzidos do francês para o português (a incompatibilidade lexical, a incompatibilidade de articulador, a incompatibilidade terminológica, a incompatibilidade de referência, a incompatibilidade de modalidade e a omissão de três tipos de informação: frase, léxico e articulador) verificamos que não há equivalências de um texto para outro, mas leituras. Como notamos nas análises, muitas vezes temos leituras de textos traduzidos frutos da interpretação e não da compreensão, resultando em sentidos não previstos pelo texto original. Percebemos que essas “falhas semânticas” podem ser solucionadas se o tradutor, além de ter conhecimento das duas línguas e da perspectiva teórica em questão, conseguir relacionar palavras, frases, enunciados e parágrafos. Essas relações são fruto da enunciação de um locutor. Ao traduzir a língua em uso, o tradutor não pode esquecer que ele é um ser de fala que coloca a língua em atividade para expressar seu ponto de vista e que o sentido provém do discurso, não sendo preexistente ao uso.

Para finalizar, gostaríamos de enfatizar que apresentamos aqui um ponto de vista sobre o fenômeno linguístico *desvio de tradução em textos científicos*, que esperamos que contribua para o

avanço das pesquisas semântico-argumentativas e tradutórias. Acreditamos que ao articularmos teorias e análise estamos utilizando uma linguística propriamente ducrotiana, que se serve da análise de textos para se constituir.

REFERÊNCIAS

ALLWOOD, Jens; ANDERSSON, Lars-Gunnar; DAHL, Östen. **Lógica para linguistas**. Madrid: Paraninfo, 1981.

ALVES, Magda. **Como escrever teses e monografias - um roteiro passo a passo**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

ARROJO, Rosemary. **Oficina de tradução – A teoria na prática**. São Paulo: Ática, 1986.

BOTH, Joseline Tatiana. Por uma abordagem enunciativa da leitura no Ensino Fundamental: o livro didático. In: **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v.43, nº. 1, janeiro-março 2008.

CAREL, Marion; DUCROT, Oswald. Le problème du paradoxe dans une sémantique argumentative. In: **Langue Française, Sémantique du Stéréotype**. Larousse septembre 1999.

_____. **O problema do paradoxo em uma semântica argumentativa**. In: **Línguas e Instrumentos lingüísticos**. Pontes: Julho/dezembro 2001. nº 8. Tradução: Sheila Elias de Oliveira

_____. Les propriétés linguistiques du paradoxe: paradoxe et négation. In : **Langue Française. Sémantique du stéréotype**. Larousse:Septembre 1999.

_____. **As propriedades linguísticas do paradoxo: paradoxo e negação**. In: **Línguas e Instrumentos lingüísticos**. Pontes: Julho/dezembro 2001. nº 8. Tradução: Sheila Elias de Oliveira

_____. Description argumentative et description polyphonique: le cas de la négation.

_____. Descrição argumentativa e descrição polifônica: o caso da negação. In: **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 43, n.1, p. 7-18, jan./mar.2008 Tradução: Leci Borges Barbisan

DELANOY, Cláudio Primo. **O papel do leitor na Teoria da Argumentação na Língua**. In: **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v.43, nº1, janeiro-março 2008.

DUCROT, Oswald. **La notion de présupposition : présentation historique.** In : **Dire et ne pas dire- Principes de sémantique linguistique.** 2^aed. Paris: Hermann, 1972

_____. A noção de pressuposição – Apresentação histórica. In: **Princípios de semântica lingüística. Dizer e não dizer.** 2^aed. São Paulo: Cultrix Tradução: Carlos Vogt

_____. La présupposition dans la description sémantique. In : **Dire et ne pas dire- Principes de sémantique linguistique.** 2^a ed. Paris : Hermann, 1972.

_____. A pressuposição na descrição semântica. In: **Princípios de semântica lingüística. Dizer e não dizer.** 2^a ed. São Paulo: Cultrix. Tradução: Carlos Vogt

_____. Analyse de textes et linguistique de l'énonciation. In : **Les mots du discours.** Paris : Les éditions de Minuit, 1980.

_____. **Análise de textos e linguística da enunciação.** Sem tradução.

_____. Présupposés et sous-entendus - L'hypothèse d'une sémantique linguistique. In : **Le dire et le dit.** Paris: Les éditions de Minuit, 1984.

_____. Pressupostos e subentendidos – A hipótese de uma semântica lingüística. In: **O dizer e o dito.** Campinas, SP: Pontes, 1987.

_____. La polifonía en lingüística In: DUCROT, Oswald. **Polifonía y argumentación. Conferencias del seminario teoría de la argumentacion y analisis del discurso.** 1 ed. Cali: Universidad del Valle, 1990. p. 15-30.

_____. Introducción – conferencia 1. In: CAREL, Marion; DUCROT, Oswald. **La Semántica Argumentativa. Una introducción a la Teoría de los Bloques Semánticos.** Edición literaria a cargo de María Marta Negroni y Alfredo M. Lescano. 1 ed. Buenos Aires: Colihue, 2005. p. 9-22.

_____. Los bloques semánticos y el cuadrado argumentativo – conferência 2. In: CAREL, Marion; DUCROT, Oswald. **La semántica argumentativa. Una introducción a la Teoría de los Bloques Semánticos.** Edición literaria a cargo de María Marta Negroni y Alfredo M. Lescano. 1 ed. Buenos Aires: Colihue, 2005. p. 27-47.

_____. Argumentación interna y argumentación externa. Conferencia 3. In: CAREL, Marion; DUCROT, Oswald. **La semántica argumentativa. Una introducción a la Teoría de los Bloques Semánticos.** Edición literaria a cargo de María Marta Negroni y Alfredo M. Lescano. 1 ed. Buenos Aires: Colihue, 2005. p. 51-85

_____. Sentido y argumentación. In: ARNOUX, Elvira N. de; NEGRONI, Maria Marta García.(compiladoras). **Homenaje a Oswald Ducrot.** Buenos Aires: Eudeba, 2004.

_____. A pragmática e o estudo semântico da língua. In: **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v.40, nº139. p.9-21

DUCROT, Oswald, SCHAEFFER, Jean-Marie. **Nouveau dictionnaire encyclopédique des sciences du langage.** 2ªed. Paris : Éditions du Seuil,1995.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Aurélio – O dicionário da língua portuguesa.** 2ªed.Curitiba: Ed. Positivo, 2008.

FLORES, Valdir do Nascimento; BARBISAN, Leci Borges; FINATTO, Maria José Bocorny; TEIXEIRA, Marlene. **Dicionário de Linguística da Enunciação.** São Paulo: Contexto, 2009.

HENRY, Paul. **A ferramenta imperfeita.** Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 1992.

KÖCHE, José Carlos. **Fundamentos de metodologia científica. Teoria da ciência e iniciação à pesquisa.** 20ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

LESCANO, Alfredo. **Vers une grammaire argumentative de la phrase: le cas de LE et UN.**

LESCANO, Alfredo. Para uma gramática argumentativa da frase: os casos de O e UM. In: **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 44, n.1. p. 36-45, jan. /mar. 2009.

REY, Alain. **Le Robert Micro – Dictionnaire d'apprentissage de la langue française.** 3ªed. Paris : Poche, 2006.

Alessandra da Silveira Bez
Curriculum Vitae

Janeiro/2010

Alessandra da Silveira Bez

Curriculum Vitae

Dados Pessoais

Nome Alessandra da Silveira Bez
Nome em citações bibliográficas BEZ, A. S.
Sexo feminino
Filiação gerson bez e marina izabete da silveira
Nascimento 15/07/1982 - erechim/RS - Brasil
Carteira de Identidade 4081521363 SJS - RS - 03/12/1997
CPF 00332955060

Endereço residencial Rua General João Manoel, 447/ apto 304
centro - Porto Alegre
90010-030, RS - Brasil
Telefone: 51 30619056
URL da home page: alesbez@yahoo.com

Endereço profissional Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul,
Programa de Pós Graduação em Letras
Avenida Ipiranga, 6681
Partenon - Porto Alegre
90619-900, RS - Brasil
Telefone: 51 33203500

URL da home page: www.pucrs.br

Endereço eletrônico

e-mail para contato : alesbez@yahoo.com
e-mail alternativo : xandabez@bol.com.br

Formação Acadêmica/Titulação

- 2008 - 2010** Mestrado em Letras - Linguística Aplicada.
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Brasil
Título: O papel do linguístico para a construção de sentido: a tradução do discurso científico, Ano de obtenção: 2010
Orientador: Prof. Dr. Leci Borges Barbisan
Bolsista do(a): Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
Palavras-chave: sentido, tradução, texto científico
Áreas do conhecimento : Linguística
- 2006 - 2007** Especialização em estudos lingüísticos do texto.
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, Brasil
Título: Da (im) possibilidade da tradução
Orientador: Profa. Dra. Marlene Teixeira
- 2001 - 2005** Graduação em letras.
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, Brasil
-

Formação complementar

- 2008 - 2008** Extensão universitária em Fronteiras do Pensamento 2008.

	Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, Brasil
2006 - 2008	Letras Bacharelado Português Francês. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, Brasil
2008 - 2008	Curso de curta duração em Entoações: Fonética e Fonologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Brasil
2007 - 2007	Extensão universitária em Aspectos teóricos da Literatura em Tradução. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, Brasil
2006 - 2007	Estudos Lingüísticos do Texto. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, Brasil <i>Palavras-chave: refração, tradução, tema, expressividade</i>
2007 - 2007	Curso Pré-vestibular Popular. Organização Não-Governamental para Educação Popular, ONGEP, Brasil
2005 - 2005	Curso de curta duração em Aspectos teóricos da Literatura em Tradução. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, Brasil

Atuação profissional

1. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS

Vínculo institucional

2008 - Atual Vínculo: Livre , Enquadramento funcional: Aluna , Carga horária: 40, Regime: Dedicção Exclusiva

Atividades

2009 - Atual Projetos de pesquisa, Programa de Pós Graduação em Letras
Participação em projetos:
A compreensão do sentido expresso pelo linguístico no discurso

2008 - Atual Projetos de pesquisa, Programa de Pós Graduação em Letras
Participação em projetos:
Grupo de Estudos sobre Leitura e Argumentação

2006 - Atual Projetos de pesquisa, Programa de Pós Graduação em Letras
Participação em projetos:
Subsídios teóricos e práticos sobre texto e ensino

Projetos

2009 - Atual A compreensão do sentido expresso pelo linguístico no discurso
Descrição: Tem-se como objetivos, nesta pesquisa, definir leitura, de acordo com conceitos da Teoria da Argumentação na Língua, e, com isso, espera-se compreender quais seriam as leituras possíveis e quais as não possíveis num texto. Como metodologia de

trabalho, serão promovidas discussões em torno de livros e artigos que tratam da Teoria, e, a partir desses estudos, será criada uma metodologia para análise. Os resultados serão aplicados a textos de diferentes gêneros, publicados em jornais e revistas de circulação nacional, para finalmente chegar a um conceito de leituras possíveis e não possíveis.

Situação: Em Andamento Natureza: Pesquisa

Alunos envolvidos: Graduação (1); Mestrado acadêmico (3); Doutorado (5);

Integrantes: Alessandra da Silveira Bez; Paula Dreyer Ortmann; Leci Borges Barbisan (Responsável); Cristiane Dall'Cortivo; Cristina Rörig; Cláudio Primo Delanoy; Joseline Tatiana Both; christiê duarte linhares; Érica Krachefski Nunes

Financiador(es):

2008 - Atual Grupo de Estudos sobre Leitura e Argumentação

Descrição: Criado em março de 2006, o grupo estuda o sentido construído no discurso, à luz da Teoria da Argumentação na Língua, criada por Oswald Ducrot e continuada atualmente por Oswald Ducrot e Marion Carel. O grupo é constituído de alunos bolsistas CAPES e CNPQ de Mestrado e Doutorado e uma professora doutora da Faculdade de Letras da PUCRS. Resultados dos trabalhos do grupo foram apresentados em vários congressos, tanto em Porto Alegre, quanto no Estado e fora do país. Resultados de discussões têm sido utilizados com proveito em outra pesquisa cujo título é "A construção do sentido no discurso", financiada pelo CNPq com bolsa de Produtividade em Pesquisa

Situação: Em Andamento Natureza: Pesquisa

Alunos envolvidos: Mestrado acadêmico (4); Doutorado (7);

Integrantes: Alessandra da Silveira Bez; Paula Dreyer Ortmann; Leci Borges Barbisan (Responsável); Cristiane Dall'Cortivo; Cristina Rörig; Cláudio Primo Delanoy; Joseline Tatiana Both; Mariana Rypl; Marcela Cristiane Nesello; Noemi Luciane dosSantos; Vânia Terezinha Machado Scalabrin

Financiador(es):

2006 - Atual Subsídios teóricos e práticos sobre texto e ensino

Descrição: Este projeto busca mostrar que, a partir da análise crítica de conceitos de teorias textuais e enunciativas, é possível compreender e ensinar como a linguagem constrói sentido no discurso. Os objetivos são: criar uma metodologia de análise de textos/discursos a partir da discussão de conceitos de teorias textuais e enunciativas; instrumentalizar teoricamente os professores para uma melhor compreensão do trabalho proposto pelos PCNs em relação a textos escritos; lançar um olhar crítico sobre o trabalho com textos proposto por livro didáticos, refletir sobre a transposição didática

Situação: Em Andamento Natureza: Pesquisa

Alunos envolvidos: Mestrado acadêmico (3); Doutorado (7);

Integrantes: Alessandra da Silveira Bez; Paula Dreyer Ortmann; Leci Borges Barbisan (Responsável); Cristiane Dall'Cortivo; Cristina Rörig; Cláudio Primo Delanoy; Joseline Tatiana Both; Mariana Rypl; Marcela Cristiane Nesello; Noemi Luciane dosSantos

Financiador(es):

Áreas de atuação

1. Linguística

Idiomas

- Inglês** Compreende Bem , Fala Bem, Escreve Bem, Lê Bem

Espanhol	Compreende Bem , Fala Razoavelmente, Escreve Razoavelmente, Lê Bem
Francês	Compreende Bem , Fala Bem, Escreve Bem, Lê Bem
Português	Compreende Bem , Fala Bem, Escreve Bem, Lê Bem

Produção em C, T& A

Produção bibliográfica

Artigos completos publicados em periódicos

1. BEZ, A. S., MAINES, M., FEIX, G. A., FURTADO, J. C., MALASZKIEWICZ, P. F.
A gênese do signo: o jogo de carretel e o gesto da faca. *Letras de Hoje.* , v.44, p.57 - 62, 2009.
Referências adicionais : Português. Meio de divulgação: Vários, Home page: [http://revistaseletronicas.pucrs.br/fale/ojs/index.php/fale]
2. BEZ, A. S.
A importância de construção de sentido no processo tradutório. *Letrônica: Revista Digital do PPGL.* , v.1, p.96 - 113, 2008.
Referências adicionais : Português. Meio de divulgação: Meio digital, Home page: [http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/4275/3548]
3. BEZ, A. S.
Sobre a coesão textual: um exercício de observação. *Cadernos do IL (UFRGS).* , v.26/27, p.09 - 18, 2003.
Referências adicionais : Português. Meio de divulgação: Impresso

Capítulos de livros publicados

1. BEZ, A. S.
Mikhail Bakhtin - Contribuições para a Filosofia da Linguagem e Estudos Discursivos In: Mikhail Bakhtin - Contribuições para a Filosofia da Linguagem e Estudos Discursivos. 1ª ed. Porto Alegre : Editora Sagra Luzzatto S/A, 2005, v.20, p. 1-160.
Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

Trabalhos publicados em anais de eventos (completo)

1. BEZ, A. S.
Por uma construção de sentido na tradução à luz da leitura e da Teoria dos Blocos Semânticos: um olhar semântico linguístico In: 17º COLE- Congresso de Leitura do Brasil, 2009, Campinas.
Caderno de resumos e programação do Congresso de Leitura do Brasil. Campinas: , 2009. p.1 - 652
Palavras-chave: leitura , tradução, polifonia
Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Meio digital, Home page: [http://www.alb.com.br]
2. BEZ, A. S., ORTMANN, P. D.
O valor polifônico do ainda no discurso In: VIII Encontro do Círculo de Estudos Linguísticos do Sul, 2008, Porto Alegre.
Anais do VIII CELSUL. , 2008.
Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Vários

Trabalhos publicados em anais de eventos (resumo)

1. BEZ, A. S.

A importância da construção de sentido no processo tradutório In: III Seminário Internacional de Linguística Texto, discurso e ensino, 2009, São Paulo.

Seminário Internacional de Linguística. , 2009. p.1 - 96

Palavras-chave: sentido, tradução, texto científico

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

2. BEZ, A. S.

Bilinguismo em crianças e adultos: algumas reflexões In: II SINAL Seminário Integrado Nacional das Linguagens, 2009, Porto Alegre.

II Seminário Integrado Nacional das Linguagens Caderno de Resumos. , 2009.

Palavras-chave: bilinguismo, cultura, code switching

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

3. BEZ, A. S.

Texto científico: construção de sentido pelo gênero do discurso In: V Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais, 2009, Caxias do Sul.

Caderno de Resumos do V Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais. , 2009. p.1 - 394

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso

Apresentação de Trabalho

1. BEZ, A. S.

A importância da construção de sentido no processo tradutório, 2009. (Comunicação,Apresentação de Trabalho)

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Meio digital; Local: Brasil; Cidade: São Paulo; Evento: III SIL - Seminário Internacional de Linguística da Cruzeiro do Sul; Inst.promotora/financiadora: UNICSUL

2. BEZ, A. S.

Bilinguismo em crianças e adultos: algumas reflexões, 2009. (Comunicação,Apresentação de Trabalho)

Referências adicionais : Brasil/Português; Local: Brasil; Cidade: Porto Alegre; Evento: II SINAL Seminário Integrado Nacional das Linguagens; Inst.promotora/financiadora: FAPA

3. BEZ, A. S.

Por uma construção de sentido à luz da leitura e da Teoria dos Blocos Semânticos: um olhar semântico linguístico, 2009. (Comunicação,Apresentação de Trabalho)

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Meio digital; Local: Brasil; Cidade: Campinas; Evento: 17º COLE Congresso de Leitura di Brasil; Inst.promotora/financiadora: Universidade de Campinas

4. BEZ, A. S.

Texto científico: construção de sentido pelo gênero do discurso, 2009. (Outra,Apresentação de Trabalho)

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso; Local: Brasil; Cidade: Caxias do Sul; Evento: V SIGET- Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais; Inst.promotora/financiadora: UCS - Universidade de Caxias do Sul

Demais produções bibliográficas

1. BEZ, A. S.

Da (im) possibilidade da tradução. TCC Estudos Linguísticos do Texto. , 2007. (Outra produção bibliográfica)

Palavras-chave: reificação, tradução, tema, expressividade

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Meio digital

2. BEZ, A. S.

Caloric Restriction and Aging. Tradução de artigo TCC. , 2005. (Outra produção bibliográfica)

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Outro

3. BEZ, A. S.

Can human aging be postponed?. Tradução de artigo TCC. , 2005. (Outra produção bibliográfica)

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Outro

4. BEZ, A. S.

The emergence of intelligence. Tradução de artigo TCC. , 2005. (Outra produção bibliográfica)
Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Outro

5. BEZ, A. S.

The genetics of flower development. Tradução de artigo TCC. , 2004. (Outra produção bibliográfica)

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Outro

6. BEZ, A. S.

Why do we age?. Tradução de artigo TCC. , 2004. (Outra produção bibliográfica)

Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Outro

Produção Técnica

Demais produções técnicas

1. BEZ, A. S.

Subsídios teóricos e práticos sobre texto e ensino, 2008. (Extensão, Curso de curta duração ministrado)

Referências adicionais : Brasil/Português. 40 horas. Meio de divulgação: Impresso

Eventos

Participação em eventos

1. **Argumentação e sentido pela Semântica Linguística: da teoria dos Topoi à teoria dos Blocos Semânticos,** 2009. (Encontro)

.

2. **O pensamento francês e a cultura brasileira,** 2009. (Seminário)

.

3. **O pensamento francês e a cultura brasileira - A França na formação do escritor,** 2009. (Seminário)

.

4. **Jornada de Qualificação de Segunda Área - PUCRS,** 2009. (Outra)

.

5. **27º Congresso Internacional de Odontologia de São Paulo,** 2009. (Congresso)

.

6. Apresentação Oral no(a) **Círculo de Estudos Lingüísticos do Sul,** 2008. (Congresso)
O valor polifônico do ainda no discurso.

7. Apresentação Oral no(a) **60ª Reunião Anual da SBPC,** 2008. (Congresso)
Reciclagem de lixo: alternativas de como preparar seus instrumentos para manutenção de sua saúde bucal.

8. **26º Congresso Internacional de Odontologia de São Paulo,** 2008. (Congresso)

.

9. **I Colóquio de Lingüística e Literatura,** 2008. (Seminário)

.

10. **Curso de Fonologia do Português Brasileiro,** 2008. (Encontro)

.

11. **Fonética Articulatória: Curso Prático 5ª edição,** 2008. (Encontro)

- .
12. **Fronteiras do Pensamento**, 2008. (Encontro)
- .
13. **Entoações: Fonética e Fonologia**, 2008. (Encontro)
- .
14. **Fronteiras do Pensamento**, 2007. (Encontro)
- .
15. **III Seminário de Estudos em Análise do Discurso: O Discurso em Contemporaneidade: materialidades e fronteiras**, 2007. (Simpósio)
- .
16. **Tradução e compromisso na obra de Machado de Assis**, 2007. (Seminário)
- .
17. **The Role of Language Learning Autobiographies in Applied Linguistics Research**, 2007. (Seminário)
- .
18. **Colóquio Nacional A pesquisa em Letras e Lingüística em Tempo de Pós - ...**, 2007. (Congresso)
- .
19. **I Fórum Internacional da Diversidade Linguística**, 2007. (Congresso)
- .
20. **O Silêncio dos Intelectuais – Cultura e Pensamento em tempos de incerteza**, 2006. (Outra)
- .
21. **Bakhtin no Contexto Soviético**, 2006. (Outra)
- .
22. **Ciclo de Jornalismo e Literatura RBS – FAMECOS na 52ª Feira do Livro de Porto Alegre**, 2006. (Encontro)
- .
23. **Aspectos Teóricos da Literatura em Tradução**, 2005. (Encontro)
- .
24. **Constructions of Aboriginal History in Contemporary Australian Literature and Cinema**, 2005. (Oficina)
- .
25. **II Seminário de Estudos em Análise do Discurso: O campo da Análise do Discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites**, 2005. (Seminário)
- .

Totais de produção

Produção bibliográfica
Artigos completos publicado em

periódico.....	3
Capítulos de livros publicados.....	1
Trabalhos publicados em anais de eventos.....	5
Apresentações de Trabalhos (Comunicação).....	3
Apresentações de Trabalhos (Outra).....	1
Demais produções bibliográficas.....	6
Produção Técnica	
Curso de curta duração ministrado (extensão).....	1
Eventos	
Participações em eventos (congresso).....	6
Participações em eventos (seminário).....	6
Participações em eventos (simpósio).....	1
Participações em eventos (oficina).....	1
Participações em eventos (encontro).....	8
Participações em eventos (outra).....	3

Outras informações relevantes

1 Aprovada em 1º lugar na seleção de mestrado em Linguística Aplicada da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul no ano de 2008. Aprovada em 2º lugar na seleção de doutorado em Linguística Aplicada da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul no ano de 2009. Aprovada na prova de proficiência de leitura em língua francesa pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Aprovada na prova de proficiência de leitura em língua francesa pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.